

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

Lucas Almeida de Melo

**ARTE NAZIFASCISTA E ESTÉTICA REACIONÁRIA:**  
a extrema direita no Governo Bolsonaro (2018 – 2022)

RIO DE JANEIRO

2022

LUCAS ALMEIDA DE MELO

**ARTE NAZIFASCISTA E ESTÉTICA REACIONÁRIA:**

a extrema direita no Governo Bolsonaro (2018 – 2022)

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em História da Arte.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo da Rocha  
Silveira

RIO DE JANEIRO

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

A528a Almeida de Melo, Lucas  
ARTE NAZIFASCISTA E ESTÉTICA REACIONÁRIA: a  
extrema direita no Governo Bolsonaro (2018 - 2022) /  
Lucas Almeida de Melo. -- Rio de Janeiro, 2022.  
121 f.

Orientador: Marcelo da Rocha Silveira.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Belas Artes, Bacharel em História da Arte, 2022.

1. Arte Nazifascista. 2. Estética Reacionária.  
3. Governo Bolsonaro. I. da Rocha Silveira, Marcelo  
, orient. II. Título.

LUCAS ALMEIDA DE MELO

ARTE NAZIFASCISTA E ESTÉTICA REACIONÁRIA:  
a extrema direita no Governo Bolsonaro (2018 – 2022)

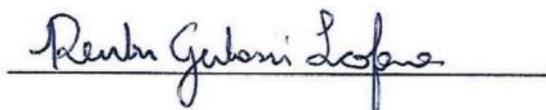
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em História da Arte.

Aprovado em 21 de dezembro de 2022.

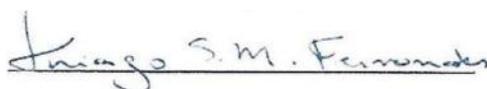
BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente  
 MARCELO DA ROCHA SILVEIRA  
Data: 22/12/2022 08:52:47-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Marcelo da Rocha Silveira, Doutor em Arquitetura,  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Reuber Gerbassi Scofano, Doutor em Educação,  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Thiago Spíndola Motta Fernandes, Mestre em Artes Visuais,  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A hora é grave e inconstante.  
Tudo aquilo que prezamos  
O povo, a arte, a cultura  
Vem sendo desconfigurado  
Pelos homens do passado  
Que por terror do futuro  
Optam pela tortura.

**Trecho de “Balada de Di Cavalcanti”  
de Vinicius de Moraes (1963).**

## **ARTE NAZIFASCISTA E ESTÉTICA REACIONÁRIA: a extrema direita no Governo Bolsonaro (2018 – 2022)**

A presente pesquisa busca analisar os conceitos históricos, estético-culturais e artísticos do governo de extrema direita de Jair Messias Bolsonaro (2018 – 2022). Para isso, foi-se necessário catalogar, monitorar, registrar fotografias, investigar os fatos históricos alinhados a uma pesquisa de fontes primárias (jornais, revistas, redes sociais, Youtube). O conceito sobre o Nazifascismo é uma conjuração de dois projetos autoritários criados na Europa Ocidental no começo do século XX dos regimes de Adolf Hitler (1889 – 1945) e Benito Mussolini (1883 – 1945). Todo projeto hegemônico de poder busca na história da arte os fundamentos na construção de imagens vinculando a ideologia e o programa estatal de propagandas e em regimes autoritários, essas relações de poder serão ainda mais fortes. Por que tais políticas reacionárias conseguem comunicar com a sociedade e o discurso militarizante e a cultura bélica conquista as massas? É necessário repensar a relação da arte em regimes antidemocráticos e o seu poder de persuasão.

**Palavras-chave: Arte Nazifascista; Estética Reacionária; Governo Bolsonaro**

**NAZIFASCIST ART AND REACTIONARY AESTHETICS:  
the extreme right in the Bolsonaro government (2018 – 2022)**

This research seeks to analyze the historical, aesthetic-cultural and artistic concepts of the far-right government of Jair Messias Bolsonaro (2018 - 2022). For this, it was necessary to catalog, monitor, photographs, investigate historical facts and research primary sources (newspapers, magazines, social networks, Youtube). The concept of Nazi-fascism is a syntheses of two authoritarian projects created in Western Europe at the beginning of the 20th century under the regimes of Adolf Hitler (1889 - 1945) and Benito Mussolini (1883 - 1945). Every hegemonic project of power seeks in the history of art the foundations in the construction of images linking the ideology and the state propaganda program and in authoritarian regimes, these power relations will be even stronger. Why do such reactionary policies manage to communicate with society and the militarizing discourse and warlike culture conquer the masses? It is necessary to reassess the relationship of art in anti-democratic regimes and its power of persuasion.

**Keywords: Nazi-fascist Art; Reactionary Aesthetics; Bolsonaro Government**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>OBJETIVOS DA PESQUISA.....</b>	<b>13</b>
<b>METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>16</b>
<b>1. FASCISMO E NAZISMO: POLÍTICAS DE EXTERMÍNIO.....</b>	<b>18</b>
<b>1.1 Arte e Cultura Nazifascista: Contextualização Histórica.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1.1 A Primeira Guerra Mundial e o Declínio da Belle Époque.....</b>	<b>22</b>
<b>1.1.1.1 Uma Introdução ao Fascismo de Mussolini (1923 – 1945) e a promoção das artes.....</b>	<b>24</b>
<b>1.1.1.2 Uma introdução ao Nazismo de Hitler (1933 – 1945) .....</b>	<b>33</b>
<b>1.1.1.2.1 A Cultura Expressionista Alemã e A Arte Degenerada.....</b>	<b>38</b>
<b>1.2 O Ovo da Serpente: Aproximações estéticas nazifascistas e a extrema direita brasileira.....</b>	<b>45</b>
<b>2. A ESTÉTICA REACIONÁRIA NO GOVERNO BOLSONARO.....</b>	<b>56</b>
<b>2.1 Uma introdução ao Governo Bolsonaro: Ascensão.....</b>	<b>58</b>
<b>2.2 Arte e as relações culturais no Governo Bolsonaro: Pátria, Família e Censura.....</b>	<b>62</b>

<b>2.2.1 Michelle e seus demônios.....</b>	<b>69</b>
<b>2.3 A crise Estética, e o resgate da bandeira nacional  .....</b>	<b>74</b>
<b>2.3.1 Arte Reacionária: Bala sobre tela e outras homenagens.....</b>	<b>86</b>
<b>2.4 A Queda do Nazifascismo Brasileiro, mazelas nacionais, reconstituição democrática e recomeço.....</b>	<b>99</b>
<b>3 Considerações Finais.....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>112</b>

## INTRODUÇÃO

A imagem de Jair Messias Bolsonaro circundava na casa dos meus avós no subúrbio do Rio de Janeiro quando os visitava nos anos 2000. Entre a mesa de madeira e a toalha transparente de plástico, os santinhos eleitorais do candidato misturavam-se nos recortes de jornais do meu avô. O discurso militarizante sempre pareceu muito presente nas ruas do subúrbio.

A casa dos meus avós era um ambiente extremamente regrado em normas sociais, mas contrariamente culto na valorização aos estudos e abarrotado de estantes espalhada pelos cômodos. Não era raro de chegar na casa deles e meu avô estar trancada em sua biblioteca lendo os jornais. Ele era filho de um ex-funcionário do Ministério da Educação e da Saúde quando a capital do Brasil era no Rio de Janeiro. Uma vez, entrevistando-o para uma pesquisa da universidade, falou algo como: “Meu pai trabalhou naquele prédio estranho no centro do Rio de Janeiro.” Era o Edifício Palácio Gustavo Capanema (1939 – 1945). Ele então continuou: “Meu pai conhecia Mario de Andrade lá do Ministério...” Como um ambiente cercado de livros e estante na casa dos meus avós permanecia ainda tão reacionário? Meu avô era capitão, assim como Jair, seu subordinado na Vila Militar do Rio de Janeiro.

A vivência de um avô militar e de uma família materna conservadora me fez pensar desde muito cedo minhas relações privilegiadas com a patente “neto de militar”. Muito longe dos Clubes excludentes da Zona Sul carioca, das praias exclusivas para parentes de militares, o país sempre foi construído nas desigualdades sociais. Os temas cívicos, suas iconografias patrióticas, músicas heroicas e os uniformes eloquentes, permaneceram no meu imaginário social e sempre foram um interesse pessoal para tentar entender seus códigos de conduta.

Reingressei no curso bacharelado em História da Arte (2019 – 2022) e grande parte da formação foi atravessada pela Pandemia de Covid-19 que tanto assolou o Brasil. Desta forma, pesquisar a política de Bolsonaro (2018 – 2022) é sistematizar o momento presente e como futuro historiador da arte, registrar a relação cultural de uma sociedade em governo ultraconservador e assim, facilitar outros pesquisadores que debruçarão sobre os escombros da democracia.

Com a ascensão da extrema direita Brasileira e do conservadorismo no país, conceitos como o fascismo e ditadura começaram a repercutir em notícias de jornais,

nos debates acadêmicos e na sociedade. Essas palavras precisam ser contextualizadas e reatualizadas para pensarmos as suas reverberações pelo país.

O conceito sobre o Nazifascismo é uma conjuração de dois regimes autoritários criados na Europa Ocidental no começo do século XX e extremamente importante para pesarmos suas relações na contemporaneidade Brasileira. O espírito Nazifascismo dos regimes de Adolf Hitler (1889 – 1945) e Benito Mussolini (1883 – 1945). No modernismo europeu, correntes artísticas estavam inseridas no contexto social dessas guerras como no caso do Futurismo Italiano e do Expressionismo Alemão, imersas em uma Europa polarizada onde causará diversas feridas e vertentes na Europa como no governo autoritário de António de Oliveira Salazar (1889 – 1970) em Portugal.

No Brasil, essas relações importadas da Europa, chega no complexo governo de Getúlio Vargas (1882 – 1954), às vezes aproximando-se de políticas de esquerda outras de direita, principalmente no período do Estado Novo (1937 – 1945).

Todo projeto hegemônico de poder busca na história da arte os fundamentos na construção de imagens vinculando a ideologia e o programa estatal de propagandas e em regimes autoritários, essas relações de poder serão ainda mais fortes. A pesquisa também está interessada em pensar principalmente as relações políticas e **consequentemente** a arte e a cultura em regimes totalitários.

O crescimento da onda conservadora na América Latina em nomes como Mauricio Macri (2015 – 2019) na Argentina, Michel Temer (2016 – 2019) no Brasil, entre muitos outros exemplos, é um sintoma importante para pensarmos a política nacional reacionária.

Desta forma é necessário questionar: por que tais políticas reacionárias conseguem comunicar com a sociedade? Em uma família de militares, tais questões são condicionadas, mas porque o discurso militarizante conquista as massas? É necessário pensar a relação da arte em regimes autoritários e o seu poder de persuasão.

Jair Messias Bolsonaro é o principal representante da extrema direita no Brasil e não faltarão exemplos sobre de sua conduta ao pesquisar seu histórico parlamentar antidemocrático. Entre muitas imagens simbólicas sobre o legado totalitária, penso na *Marcha para Jesus* (2019) onde o presidente, com camisa de cores patrióticas e símbolo cristão, simula um fuzil (imagem 1). Os professores de Harvard Steven Levitsky e Daniel Ziblatt no livro *Como as democracias Morrem* (2018) diriam: “Muitos

autoritários podem ser reconhecidos com facilidade antes de chegarem ao poder.”  
(LEVITSKY; ZIBLATT. 2018, p.31).



Imagem 1: Bolsonaro na Marcha para Jesus de 2019.

## OBJETIVOS DA PESQUISA

Meu ingresso ao curso de História da Arte (2019) veio por meio do processo interno dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O Reingresso Especial, é uma modalidade de acesso à universidade destinado aos ex-estudantes da instituição no ano acadêmico anterior ao ano acadêmico do reingresso. O processo tem objetivo de promover um aprofundamento na continuação aos estudos e pesquisas dentro da universidade. Na época, apenas duas vagas eram ofertadas para o Bacharelado em História da Arte.

A Escola de Belas Artes, é uma instituição colossal e extremamente importante para a história da cultura nacional. Acreditava que uma graduação de Licenciatura em Artes não era o suficiente para aproveitar toda a estrutura da universidade como os laboratórios de pesquisa, ateliês de arte, congressos, grupos de pesquisa e matérias eletivas. Assim, achei uma oportunidade interessante para tentar especializar em outro curso dentro da instituição. Quando criança eu sempre gostei da área artística (desenho, quadrinho, cinema, pintura) e de história, na universidade eu descobri que existia um curso que reunia essas duas paixões de infância.

Entre 2019 – 2022, entramos em um processo político diferente dos quais eu participava na época do ensino médio. Para um estudante de classe média, a vida universitária dentro de uma universidade pública sempre foi um sonho. Muitos amigos e conhecidos foram contemplados em vários programas de governo com relação as universidades: Programa Universidade Para Todos (PROUNI), Ciência sem Fronteiras, entre outros.

O curso de Bacharelado em História da Arte e Bacharelado em Restauro e Conservação dentro da UFRJ, foi criado em 2019 pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Até mesmo candidaturas internacionais eram possíveis apenas cursando o vestibular no Brasil. Devido a consolidação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Portugal começou aceitar o processo em diversas universidades tradicionais do país.

Enfim, é indispensável pensar o processo de pesquisa desta temática dentro do curso do Bacharelado em História da Arte desvinculando do momento político e social que o Brasil estava passando. A universidade pública estava na minha infância

e crescia com os investimentos. A esperança de ingressar em curso superior estava sendo fomentada em parte da população Brasileira, enfim, fiz o vestibular (ENEM) e fui a primeira pessoa da minha família a cursar uma faculdade pública.

A temática desta pesquisa surgiu com o momento contemporâneo do Brasil e a guinada da extrema direita na política nacional. Como um país que incentivava parte da sua população a ingressar em uma faculdade pública e grandes investimentos no ensino superior, tornou-se um local da perseguição e da desinformação? Com o crescimento do conservadorismo brasileiro, a palavra Fascismo esteve em voga nos discursos políticos, na fala da população e nos canais de televisão. Quais são as aproximações entre o Nazifascismo com o governo ultraconservador imperante no Brasil entre 2018 e 2022?

Enquanto cursava o Bacharelado em História da Arte, fui denunciado pela Plataforma Fala Brasil, vinculado ao governo federal. Essa denúncia saiu de Brasília e foi encaminhada para a ouvidoria da UFRJ e repassada pela EBA em um tempo recorde de dois dias. Na denúncia, eu fui identificado como professor da escola e estava falando mal do excelentíssimo presidente da república nas minhas redes sociais, através de compartilhamento de arte contemporânea no meu perfil do Instagram. Usaram até mesmo o art. 26 de uma política da ditadura, chamada Lei de Segurança Nacional de 1983: “Caluniar ou difamar o Presidente da República, o do Senado Federal, o da Câmara dos Deputados ou o do Supremo Tribunal Federal, imputando-lhes fato definido como crime ou fato ofensivo à reputação.”

Portanto, diante do quadro sociocultural acima exposto e a política de Bolsonaro (2018 – 2022), entendemos que há necessidade de historizar e sistematizar esse momento político presente, para poder ajudar a alargar o entendimento dos estudantes, historiadores, pesquisadores, sobre a linguagem visual conservadora através de uma **estética reacionária**. Para atingirmos esse objetivo dividiremos a pesquisa em várias etapas:

1. Entender o contexto histórico brasileiro e suas aproximações com as políticas de Benito Mussolini (1923 – 1945) e Adolf Hitler (1933 – 1945);
2. Contextualizar, cunhar e conceituar a Estética Reacionária para o entendimento estético-visual do Governo Bolsonaro;

3. Catalogar, registrar fotografias, monitorar, investigar os fatos históricos alinhados a uma pesquisa de fontes primárias (jornais, revistas, redes sociais, *Youtube*);
4. Entender as reverberações dessas imagens e quais são os símbolos patrióticos (ou não) que elas estão atreladas;
5. Sistematizar o momento presente e assim facilitar outros pesquisadores que debruçarão sobre os escombros da democracia;
6. Registrar as relações culturais de uma sociedade à mercê de governo ultraconservador, suas elucidações ao extremismo.
7. Entender o funcionamento da arte em tempos autoritários.

Vale lembrar que a pesquisa foi desenvolvida na universidade enquanto o Governo Bolsonaro (2018 – 2022) estava ocorrendo. Desta forma, muitas análises, entendimentos e contextualizações só serão possíveis com um afastamento histórico necessários para esse tipo de levantamento.

## METODOLOGIA DE PESQUISA

Para uma compreensão sobre a Arte Nazifascista, **Estética Reacionária** e suas reverberações diante do mundo político brasileiro, foi necessária dividir a pesquisa científica em dois grandes blocos conceituais. Vale ressaltar que essas duas partes possuem modos de pesquisa completamente diferentes devido as suas naturezas e a seus objetivos específicos diante do projeto.

Na primeira parte, consideramos um bloco conceitual **histórico-político** onde foi necessário entender as influências dos regimes autoritários, seus *modus operandi* e conseqüentemente, as ressonâncias desses regimes dentro da política brasileira. Desta forma, o capítulo apresenta as fundações do autoritarismo mundial, entendendo assim as tendências políticas, conceituais e teóricas.

Dois grandes eventos marcam as políticas autoritárias, assim foi necessária uma bibliografia específica na contextualização da Primeira e Segunda Guerra Mundial tão influentes na política no Fascismo de Benito Mussolini (1923 – 1945) e o Nazismo de Adolf Hitler (1933 – 1945). O livro Era dos Extremos: o Breve Século XX. (1914-1991) do Eric Hobsbawm foi fundamental para a compreensão geral do momento histórico. Já em sua bibliografia específica, como no caso particular sobre o Nazismo, optamos por livros onde os próprios membros do Partido Nacional-Socialista participaram como Joseph Goebbels, Ministro de Esclarecimento Popular e Propaganda, Albert Speer, Ministro de Armamentos e Produção de Guerra e o próprio Adolf Hitler.

Para questões específicas sobre o movimento artístico e cultural modernista do período, foi necessária uma coleção para a contextualização dos movimentos específicos do período como exemplos o livro Futurismo de Ruchard Humphreys (2001), Expressionismo de Shulamith Behr (2000) além do livro Teorias da Arte Modernas com organização de Herschel Browning Chipp (1998).

Já a segunda parte da pesquisa, focamos em um **aprofundamento do ultraconservadorismo brasileiro**, compreendendo sua história recente, ascensão, queda e as mazelas nacionais desse movimento político.

A extrema direita possui estética, política e cultura própria, foi necessário então demonstrar suas apropriações para compreendemos de modo geral o entendimento de sua estrutura.

Para esse capítulo específico foi necessário então a pesquisa em fontes primárias nas mais diversas mídias extemporâneas. O momento político específico foi interessante para monitorarmos essas fontes primárias pois as análises políticas, matérias jornalistas, comentários nas mídias e divulgação de fotos então sendo criados todos os dias. Cabe-nos, como historiadores da arte, tentar sistematizar, historicizar e organizar essa produção.

Desta forma, aproveitamos que a política brasileira estava em voga para observar a visão de várias empresas como: Folha de São Paulo, Estadão, UOL, BBC News Brasil, DW Brasil, Revista Piauí, Agência Brasil, Metrôpoles entre outros. Vale lembrar também, que além de matérias jornalísticas tradicionais, foi interessante um aprofundamento redes sociais nesse momento históricos como nos casos do *Instagram*, *TikTok* e *Youtube*. Assim, as falas de *influenciadores* digitais em um país onde as **redes sociais** foram tão importantes para o crescimento da extrema direita, são fontes fundamentais desse capítulo. A pesquisa iconográfica desse trabalho também é interessante para observamos todas as fundamentações da extrema direita brasileira, desta forma, pensar uma reflexão crítica diante da formação dessas imagens. Para uma noção geral sobre o bolsonarismo foi interessante fundamentar no livro *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político* (2021) de João Cezar de Castro Rocha.

Portanto, esta pesquisa tem por finalidade produzir uma reflexão crítica diante das aproximações estéticas-conceituais entre os regimes totalitários da Europa e suas reverberações no Brasil. Usando-se assim de uma pesquisa visual, das fontes primárias, das ferramentas da história da arte para uma compreensão da ascensão do ultraconservadorismo brasileiro.

## 1. FASCISMO E NAZISMO: POLÍTICAS DE EXTERMÍNIO

O Século XX é marcado pela quantidade de mudanças estéticas, experimentos nas linguagens artísticas e conseqüentemente diversos movimentos e correntes de vanguarda. Na boêmia artística da Europa, surge um novo método de registro de imagens. A inversão do daguerreotipo em 1849 impulsiona a experimentação fora dos ateliês e o surgimento da linguagem fotográfica.

Em consequência da criação da fotografia, há o surgimento das primeiras experimentações em cinema e filmes como *Uma viagem à lua* de 1902 de Georges Méliès ou mesmo de Alice Guy Blaché mudaram os rumos da arte mundial. A pintura parece perder cada vez mais espaço e influenciará correntes mais aprofundadas como o Futurismo Italiano e o Expressionismo Alemão.

No âmbito social, as cidades estavam em grandes transformações urbanas, a noção de tempo e a distância das pessoas estava mudando cada vez mais rápido. No século anterior, as Guerras Napoleônicas geraram grandes mudanças estruturais na Europa.

O começo do século XX é marcado por duas grandes guerras mundiais criando feridas ainda presentes nas sociedades contemporâneas. Não faltarão exemplos de como o passado bélico das guerras ainda é uma realidade recente no imaginário social das grandes mídias, encontrando-se em grandes produções hollywoodianas como *Nada de Novo no Front* (1930), *Glória Feita de Sangue* (1957), *O Resgate do Soldado Ryan* (1998), *Bastardos Inglórios* (2009), *Cavalo de Guerra* (2011), *Invencível* (2015), *1917* (2019) entre outros exemplos, até mesmo em nomes de bandas como a carioca *Barão Vermelho* (1981 – presente), nos jogos de videogame como nas séries *Medal of Honor* (1999 – presente) ou jogatinais triviais de *WAR*.

As políticas de extermínio alinhados aos regimes totalitários do Fascismo de Mussolini (Itália) e o Nazismo de Hitler (Alemanha), parecem ainda rondar os países das falsas democracias como o Brasil. O flerte ao autoritarismo, circunda a nostalgia de um *passado glorioso* abarrotado de golpes militares, como o início da república com Deodoro da Fonseca, ditaduras como de 1964, famílias cristãs, morais cívicas, bons costumes e escândalos nas principais mídias de comunicação dos grandes grupos corporativos do país. É necessário repensar o *passado democrático* e entender as políticas de extermínio do cotidiano nacional contemporâneo e observar assim, o fantasma que sequestra as democracias:

Embora os regimes políticos possam ser derrubados, e as ideologias criticadas e destituídas de sua legitimidade, por trás de um regime e de sua ideologia há sempre um modo de pensar e sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de punções insondáveis. (ECO, 2019, p.23).

## 1.1 Arte e Cultura Nazifascista: Contextualização Histórica

A palavra Nazifascismo é uma conjugação de regimes autoritários de poder associados a política de extermínio de Benito Mussolini (1883 – 1945) e de Adolf Hitler (1889 – 1945). Com raízes totalitárias, há relações de divergência e convergência nos dois regimes, mas ambos usaram de políticas culturais, estéticas e da arte na construção de uma propaganda nacional pulsante.

Ambos regimes políticos estão associados ao começo do século XX, porém o Fascismo é um grande termo guarda-chuva para a compressão didática dos regimes totalitários: “o termo *fascismo* adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista.” (ECO, 2019, p.44).

Em 25 de abril de 1995, o professor e pesquisador Umberto Eco, participa de uma conferência na *Columbia University*. A palestra sobre o Fascismo Eterno virou livro posteriormente e o autor comenta sobre 14 aspectos comuns sobre o fascismo e que conseqüentemente estará presente na arte e cultura nazifascista nas medidas proporções. A Jornalista Helena Oliveira da Revista Bula apresenta uma matéria em abril de 2022 sobre o autor e as características citadas por Umberto Eco:

**1 - O culto à tradição.** Basta olhar para o programa de todo movimento fascista para encontrar ali os maiores pensadores tradicionalistas:

A gnose nazista nutria-se de elementos tradicionalistas, sincretistas ocultos. A mais importante fonte teórica da nova direita italiana Julius Evola, misturava o Graal com os Protocolos dos Sábios de Sião, a alquimia com o Sacro Império Romano. O próprio fato de que, para demonstrar sua abertura mental, a direita italiana tenha recentemente ampliado seu ideário juntando De Maistre, Guenon e Gramsci é uma prova evidente de sincretismo [...] irão encontrar até mesmo Santo Agostinho e, que eu saiba, ele não era fascista.

Mas o próprio fato de juntar Santo Agostinho e Stonehenge, isto é um sintoma de Ur-Fascismo. (ECO, 2019, p.46).

**2 - A rejeição ao modernismo.** O Iluminismo, a Idade da Razão, é visto como o começo de toda a depravação moderna. O fascismo pode ser definido como irracionalismo. O tradicionalismo implica a recusa da modernidade. Tanto os fascistas como os nazistas adoravam a tecnologia, enquanto os tradicionalistas em geral recusam a tecnologia como negação dos valores espirituais tradicionais. Contudo, embora o nazismo tivesse orgulho de seus sucessos industriais, seu elogio da modernidade era apenas o aspecto superficial de uma ideologia baseada no “sangue” e na “terra” (Blut und Boden). A recusa do mundo moderno era camuflada como condenação do modo de vida capitalista, mas referia-se principalmente à rejeição do espírito de 1789 (ou 1776, obviamente). O iluminismo, a idade da Razão eram vistos como o início da depravação moderna. Nesse sentido, o Ur-Fascismo pode ser definido como “irracionalismo”.

**3 - O culto à ação pela ação.** A ação, sendo bela por si só, deve ser tomada antes, ou mesmo sem qualquer reflexão prévia. Pensar é uma forma de emasculação.

**4 - Discordância é traição.** O espírito crítico faz distinções, e isso é uma forma de modernismo. Na cultura moderna a comunidade científica elogia a discordância, como uma forma de aprimorar o conhecimento.

**5 - Medo das diferenças.** O primeiro apelo de um movimento fascista ou prematuramente fascista é contra os intrusos. Assim, o Fascismo Eterno é racista por definição.<sup>1</sup>

#### **6 - Apelo à frustração social.**

Um dos mais típicos traços do fascismo histórico foi o apelo a uma classe média frustrada, uma classe que sofre os efeitos de uma crise econômica ou abriga sentimentos de humilhação política, assustada pela pressão de grupos sociais subalternos.

#### **7 - A obsessão por um enredo.**

---

<sup>1</sup> Na história da arte, é possível identificar vários fascistas que eram filiados as correntes modernas. Vale lembrar que a modernidade e irracionalidade muitas vezes estão juntas. Dadaísmo, surrealismo, expressionismo, são irracionalistas por excelência.

A busca por uma identidade social (nacionalismo). Os seguidores têm que se sentir sitiados, dessa forma será mais fácil de fazer emergir um complô é fazer apelo à xenofobia.

**8 - O inimigo é ao mesmo tempo forte e fraco.** Através de uma contínua oscilação no foco retórico, os inimigos são ao mesmo tempo fortes demais e excessivamente fracos.

**9 - Pacifismo é se confraternizar com o inimigo.** Para o Fascismo Eterno, não existe a luta pela vida: em vez disso, a vida é vivida para lutar.

**10 - Desprezo pelos fracos.** Elitismo é um aspecto típico de qualquer ideologia reacionária.

**11 - Todos são educados para se transformarem em heróis.** Na ideologia do Fascismo Eterno, heroísmo é a norma. Este culto ao heroísmo é estritamente ligado ao culto à morte.

**12 - Machismo e armas.** O Machismo implica ao mesmo tempo um desdém pelas mulheres e uma intolerância — e condenação — a hábitos sexuais fora do padrão, da castidade à homossexualidade.

**13 - Populismo seletivo.** No nosso futuro haverá o populismo de TV ou de Internet, no qual a resposta emocional de um seletivo grupo de cidadãos pode ser apresentada e aceita como a Voz do Povo.

**14 - O Fascismo Eterno fala a Novilíngua de Orwell.** Todos os livros didáticos do Nazismo ou Fascismo faziam uso de um vocabulário pobre e de sintaxe elementar, a fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico.

Com todos os pontos sistematizados, Umberto Eco nos apresenta de maneira didática os problemas de um regime totalitário que tanto marcou sua infância. Desta forma, é necessário a compreensão ampla sobre a política de Mussolini para o entendimento filosófico de um regime totalitária e entender sua contextualização histórica na construção estética e artística como armas de propaganda estatal.

### 1.1.1 A Primeira Guerra Mundial e o Declínio da *Belle Époque*

Todos mortos, todos podres. Elfos e Homens e Orques. Os Pântanos Mortos. Teve uma grande batalha muito tempo atrás [...] Homens altos com espadas compridas, e Elfos terríveis, e Órqueses guinchando. Lutaram na planície por dias e meses nos Portões Negros. Mas os Pântanos cresceram depois disso, engoliram os túmulos; sempre rastejando, rastejando.

J.R.R. Tolkien – A Passagem dos Pântanos.

Assim descreveu John Ronald Reuel Tolkien, autor do mundialmente conhecido Senhor dos Anéis, sobre a travessia de Frodo, Bilbo, Gollum no Pântano dos Mortos. A passagem supracitada é uma referência sobre sua vida ao front na Guerra de Trincheiras da Primeira Guerra Mundial. O autor era estudante de Língua e Literatura Inglesa da Universidade de Oxford e serviu no exército britânico assim como outros intelectuais e escritores de sua época: “Um quarto dos alunos de Oxford e Cambridge com menos de 25 anos que serviam no exército britânico em 1914 foi morto.” (Winter, 1986, p. 98 apud HOBBSAWM, 1997, p.28).

A passagem pela guerra irá marcar profundamente J.R.R. Tolkien e toda sua geração escritores como seu amigo C. S Lewis, autor de Crônicas de Nárnia, e Guillaume Apollinaire, crítico de arte francês influente nas Vanguardas Europeias entre outros.

É inerente pensar que toda construção imagética do passado bélico, como já citada, na cultura de massa (livros, quadrinhos, séries...). As produções hollywoodianas, ora divulgará as mazelas que uma guerra de proporções mundiais pode ocasionar, ora usará como ferramenta política-ideológica para ressaltar as congratulações, benefícios e honrarias na busca dos heróis nacionais. De certo, as guerras serão combustíveis inflamatórios do nacionalismo exacerbado e das políticas de extermínio da Cultura Nazifascista presentes da Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler.

A construção da *Belle Époque* (1871 – 1914) estava associada a prosperidade da Europa e as revoluções tecnológicas que apareceriam em Paris. As Exposições Universais que ocorreriam no período é um ótimo exemplo para pensarmos no progresso tecno-ideológico das sociedades europeias.

A cidade de Paris estava em grandes transformações urbanísticas advindas de inovações tecnológicas. Para ilustrarmos essa situação, vejamos o funcionamento do metrô de Paris (1900) ou mesmo a malha ferroviária na Europa que acelerou as cidades como também a criação da Ford modelo T (1908) como o primeiro carro de uso familiar. Vale lembrar que antes as sociedades viviam uma vida caminhada, do cavalo ou mesmo da carroça. As cidades estavam em movimento e movendo-se cada vez mais rapidamente com as transformações sociais das Revoluções Industriais iniciadas pela Inglaterra. A lâmpada elétrica comercial foi inventada em 1890 por Thomas Edison, fazendo com que as cidades cada vez mais obtivesse uma vida noturna.

O sentimento de inovação das tecnologias “avançadas” e o progresso Europeu da *Belle Époque* é retirada à fórceps na eclosão da Primeira Guerra Mundial. A ideologia burguesa entrou em declínio e sangrenta guerra é demarcada pela autopoder dos países fortemente armados neste conflito.

\*\*\*

A **Primeira Guerra Mundial** (1914 – 1918) foi um evento histórico que marcou profundamente a organização da Europa como um todo devido as malesas que um evento com essa proporção poderia gerar: “[...] o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o Breve Século XX sem ela.” (HOBBSAWM, 1997, p.25).

Duas grandes alianças miliares envolvidas nela serão geradoras de demarcações sociais, políticas e ideológicas que afetaram a história moderna e contemporânea mundial, os países ali envolvidos estavam inseridos em uma corrida armamentista. A Tríplice Entente era composta pela Inglaterra, França e Rússia enquanto a Tríplice Aliança incorporará Alemanha, Império Austro-húngaro e Itália. Vale lembrar que muitos outros países participarão no conflito europeu e que não será necessário esmiuçar nesta pesquisa porque estamos interessados na gênese do autoritarismo na Itália e na Alemanha.

Desta forma, não havia guerras envolvendo tantos países e tais proporções, o historiador Eric Hobsbawm comenta este fato mostrando a complexidade desse momento histórico: “Houvera apenas uma breve guerra em que mais de duas das grandes potências haviam combatido, a Guerra da Criméia (1854-6), entre a Rússia,

de um lado, e a Grã-Bretanha e a França do outro.” (HOBSBAWM, 1997, p.25). Essas alianças estavam inteiramente relacionadas aos passados bélicos das nações envolvidas dentro do conflito e que entraremos em mais em detalhes nos próximos subcapítulos.

As Tríplices afetarão toda a Europa, de maneira avassaladora, citando apenas dois exemplos como Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e a Guerra Fria (1947 – 1991), poderíamos pensar as cadências e as escaladas de uma cultura militarizante e a necessidade da criação da Organização das Nações Unidas – ONU (1945) para uma cooperação internacional de conflitos no futuro.

O Fim da Primeira Guerra Mundial será marcada pela Conferência de Paz em Paris (1919) com a elaboração do amargo Tratado de Versalhes para Itália e Alemanha.

#### **1.1.1.1 Uma Introdução ao Fascismo de Mussolini (1923 – 1945) e a promoção das artes.**

Queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo -, o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutor dos anarquistas, as belas ideias que matam, e o menosprezo à mulher.

Primeiro Manifesto Futurista de Filippo Marinetti  
(1908).

Com o crescimento da extrema direita brasileira, a palavra Fascismo parece ter sido absorvida no vocabulário da população comum para além dos livros de história da escola. Normalmente a palavra vem sendo utilizada como forma de desqualificar alguma pessoa virando uma espécie de xingamento trivial. É possível escutar e encontrar essa palavra em debates políticos, matérias jornalísticas, nas redes sociais e até mesmo nas brigas dentro das escolas de ensino básico nas prefeituras onde leciono.

Segundo o repórter Matheus Magenta da BBC News Brasil, a palavra vem sendo muito utilizada nos debates políticos: “De 1964 a 2022, a palavra fascista foi usada 954 vezes em discursos na Câmara dos Deputados, em Brasília.” Ou seja, o vocabulário está presente na vida política brasileira. Ele continua: “Dessas, 411 vezes (ou 43% das ocorrências) aconteceram apenas nos últimos cinco anos.” (MAGENTA, 2022). Por que atualização do termo fascista está associada as figuras da extrema

direita brasileira? O termo está associado a ideologia criada na Itália do com Benito Mussolini? Quais relações entre o fascismo e a estética reacionária? É necessário entender o contexto histórico da Primeira Guerra Mundial.

O fascismo é herdeiro dos países da Tríplices na Primeira Guerra Mundial e consequentemente do nacionalismo exacerbado. Soldados vindos desses conflitos nutriram sentimentos horríveis “que viria a formar as primeiras fileiras da ultradireita do pós-guerra.” (HOBSBAWM, 1997, p.28). Na guerra, a Itália romperá com a Alemanha, mudará de lado e integrará a Tríplice Entente em 1915.

Embora a Itália pertencesse ao grupo vencedor desse conflito militar, o mercado global e as bolsas de valores estavam colapsadas nos estados nacionais “a economia mundial mergulhou na maior e mais dramática crise que conheceu desde a Revolução Industrial.” (HOBSBAWM, 1997, p.35). O Tratado de Versalhes previa reorganizar as estruturas destruídas pela guerra e que não agradou os Italianos devido as poucas conquistas na Guerra. A Revolução Soviética de 1917, o crescimento da Socialismo como poder ideológico, também rondava os países Europeus pós-guerra e o sentimento burguês de medo vinha crescendo. Era necessário um herói nacional para reorganizar a Itália e viram na figura de Benito Mussolini uma solução: o novo Júlio César ou Imperador Romano, para reconquistar a Itália.

O registro histórico de 1935, apresenta o discurso de Mussolini antes da Invasão da Etiópia pela Itália. A imagem é um ótimo exemplo para pensarmos nas associações ideológicas entre o passado heroico de Roma na construção moderna da Itália. Na foto da *Keystone Agency* (imagem 2), observamos no centro da imagem, Benito Mussolini saudando o público de maneira imponente, ao fundo há a presença da canônica escultura Augusto de Prima Porta (cerca 20 a.C), construindo assim uma narrativa da entre os dois líderes: a figura de Mussolini torna-se herdeiro da expansão do antigo e glorioso Império Romano.

A estatuária idealizada de Augusto herda as características clássicas da proporção, das divindades gregas e egípcias. Ou seja, o discurso de Mussolini ao público era equivalente a um deus do panteão Romano. Inclusive, sua saudação e o ângulo da fotografia faz com que Mussolini seja engrandecido. A mão e a saudação fascista do ditador estão isoladas e acima do Império Romano.



Imagem 2: Mussolini em discurso antes da Invasão da Etiópia pela Itália, 1935.

Artistas do Futurismo Italiano se associaram os fascistas: “Marinetti satisfez seus ideais políticos ajudando o Fascismo a conquistara poder na Itália.” (LYNTON, 1988, p.76). O pesquisador Richard Humphreys, comenta o papel dos futuristas como fundamental para as políticas fascistas de Mussolini: “Marinetti e os futuristas contribuíram muito com os esforços de Mussolini mediante a violência, a agitação e a propaganda [...]” (HUMPHREYS, 2001, p.71).

Muito artistas ligados ao Futurismo Italiano se alistam como voluntários para servir na Primeira Guerra mundial dando fim também ao movimento (imagem 3). A "única higiene do mundo" eliminou Sant 'Elia e Boccioni em 1916. (LYNTON, 1988, p.76). O artista Sant 'Elia foi morto na linha de frente da Guerra, enquanto Boccioni caiu do cavalo enquanto praticava um exercício militar. Antes de morrer, Boccioni deixa registros em seu diário comentando sobre seu entusiasmo e seu medo durando o combate, numa “prosa digna de Marinetti: Zuiii Zuiii Tam Tam. Balas zunindo em toda parte. Os voluntários estendidos no chão disparam Pam Pam. A explosão põe o

sargento Massai de pé, ele atira, implodem os primeiros estilhaços.” (HUMPHREYS, 2001, p.69).

Os artistas acreditaram que a guerra servia como inspiração para os trabalhos Marinetti escreve para o artista Gino Severini em 1914: “Trate de viver a guerra pictoricamente, estudando-a em todas as suas maravilhosas formas mecânicas (trens e fortificações militares, feridos, ambulâncias, hospitais, paradas militares etc.)” (HUMPHREYS, 2001, p.65).



Imagem 3: Os Futuristas na Primeira Guerra Mundial: Marinetti, Sant'Elia, desconhecido, Mario Sironi e Boccioni, 1916

O crescimento das políticas de esquerda na Europa, principalmente após da Revolução Russa (1917), fez com que muitos países, em conjunto da burguesia, procurassem grupos de extrema direita como salvação política-idológica. Como exemplos, poderíamos citar os casos da Alemanha, Espanha e Portugal, com partidos de regimes totalitários. Segundo o historiador Eric Hobsbawm, em 1920 existiam cerca de 65 Estados Independentes no Entreguerras que adotavam o regime democrático. Lembrando que um terço da população do mundo vivia sob domínio

colonial. Um ano antes do início da Segunda Guerra, restavam apenas dezessete Estados democráticos. Todos os demais haviam adotado formas de governo autoritárias. Em 1944 talvez doze, de um total global de sessenta e cinco Estados estavam sobre regimes democráticos. (HOBSBAWM, 1997, p.93). Esses fatos históricos, demonstra que tendências antidemocráticas estavam em voga em todos os continentes.

O Partido Nacional Fascista, organizado por Benito Mussolin, assume o poder com apoio da burguesia com a Marcha sobre Roma (1922). A estratégia principal do partido era usurpar o poder através de ações extremamente violentas. O Fascismo governou a Itália de 1922 à 1943 e sua política está centralizada na busca por um estado nacionalista, anticomunista e autoritário.

A palavra fascismo vem da palavra italiana *fascio* (feixe) referente ao antigo Exército Romano que usava a união desse fardo de varas como símbolo de força militar e da justiça. Era uma ótima analogia para pensar uma Itália destruída pela primeira Guerra Mundial e que necessitaria de um líder comum, ou seja, uma autoridade nacional que organizaria a Itália: “Pode-se dizer que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu e que, em seguida todos os movimentos análogos encontram uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini.” (ECO, 2019, p.29).

Umberto Eco era apenas uma criança de 10 anos em Milão quando fascismo estava assombrava a Europa. O autor comenta que em 1942, ganhou um concurso de redação da Ludi Juveniles (Jogos Juvenis) com participação obrigatória para todos os jovens fascistas italianos: Tinha trabalhado com virtuosismo o tema: *Devemos morrer pela Glória de Mussolini e pelo destino da Itália?* Minha resposta foi afirmativa. Eu era um garoto esperto.” (ECO, 2019, p.9).

Pesquisando sobre o concurso que Umberto Eco participou, encontra-se alguns registros em um órgão público de cinema da Itália chamada Archivio Luce Cinecittà. Os registros em seu canal do youtube apresenta os originais da época da propaganda fascista como Ludi Juveniles della Cultura<sup>2</sup> de 1939 e a Ludi Juveniles della Cultura e dell'arte de 1941<sup>3</sup>, desta forma podemos compreender que tratava-se de um

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yxz4zj4fv2U&t=2s>. Acesso em: 11 set. 2022.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XN0951TqwyU>. Acesso em: 11 set. 2022.

concurso que promovia arte e cultura, assim como educação física e esportes para ambos os sexos.

Nas propagandas fascistas de promoção da arte e da cultura italiana (imagem 4), é perceptível compreender suas inspirações na reputação artística da Itália e seu passado nacional, como os movimentos do Renascimento e o Barroco assim como as tradições das Academias de Belas Artes. Nas imagens, é possível ver conjuntos de jovens, em seus cavaletes e atelies com base ao realismo nas esculturas, pinturas e no desenho.

Como uma imagem tradicional e conservadora, o sistema das Academias de Belas Artes ajudava no discurso de uma arte nacional. A cultura dessas instituições estatais, estende-se por quadro décadas de ensino formal das artes, essa educação formal incluiria: desenho, modelo vivo, história da arte, prêmios de viagens entre outros além do domínio diversos gêneros de pintura que compunham o sistema acadêmico onde podemos observar as imagens dos jovens artistas e a busca por um modelo ideal.

Na introdução brasileira do livro *Academias de Arte: Passado e presente* de Nikolaus Pevsner, a historiadora Lilia Schwarcz apresenta o espírito acadêmico: “[...] nesse mundo das academias de belas-artes, nada parecia mudar: desenhos a partir de desenhos, desenhos a partir de modelos em gesso, desenhos a partir de modelos-vivos e cópias, muitas cópias... quanto mais, mais se chegava perto da Antiguidade e de seu modelo inspirador.” (SCHWARCS, 2005, p.12).

Parte da arte fascista está alinhada com a cultura do passado idealizado, de um ultranacionalismo promovendo assim uma propaganda estatal: O fascismo italiano foi o primeiro a criar uma liturgia militar, um folclore e até mesmo um modo de vestir-se — conseguindo mais sucesso no exterior que Armani, Benetton ou Versace. (ECO, 2019, p.29).

Diferentemente o que veremos na política cultural de Hitler e a Arte Degenerada, o fascismo soube conectar as tendências estilísticas de sua época, como o Futurismo e as Vanguardas Europeias com o passado idealizado das Academias de Belas Artes, tolerando dessa maneira as diversas correntes estilísticas. Um exemplo desse clima de modernidade liberal, poderíamos observar os trabalhos do artista futurista Tullio Crali (1910 – 2000) e o conceito da *Aeropittura*.

A *Aeropittura* é uma linha estilística da segunda fase do Futurismo (1916) em meados da Primeira Guerra Mundial, criando anos depois o Manifesto da *Aeropittura*

(1929). As artísticas dessa segunda geração encontrarão um entusiasmo tardio da guerra, do militarismo paraquedista e do aeromodelo para inspirar seus trabalhos: “Tullio criou imagens glorificando as forças aéreas italianas na forma de ilustração popular que, no entanto, lançavam mão de elementos do modernismo para obter efeitos quase cinematográficos.” (HUMPHREYS, 2001, p.74).

Ainda hoje os trabalhos de Tullio impressionam pelas distorções propositalis dos trabalhos de arte criando perspectivas vertiginosas típicas dos jogos de videogame e da indústria cinematográfica (imagem 5).



Imagem 4: Propaganda fascista na promoção das artes na Itália, 1941.

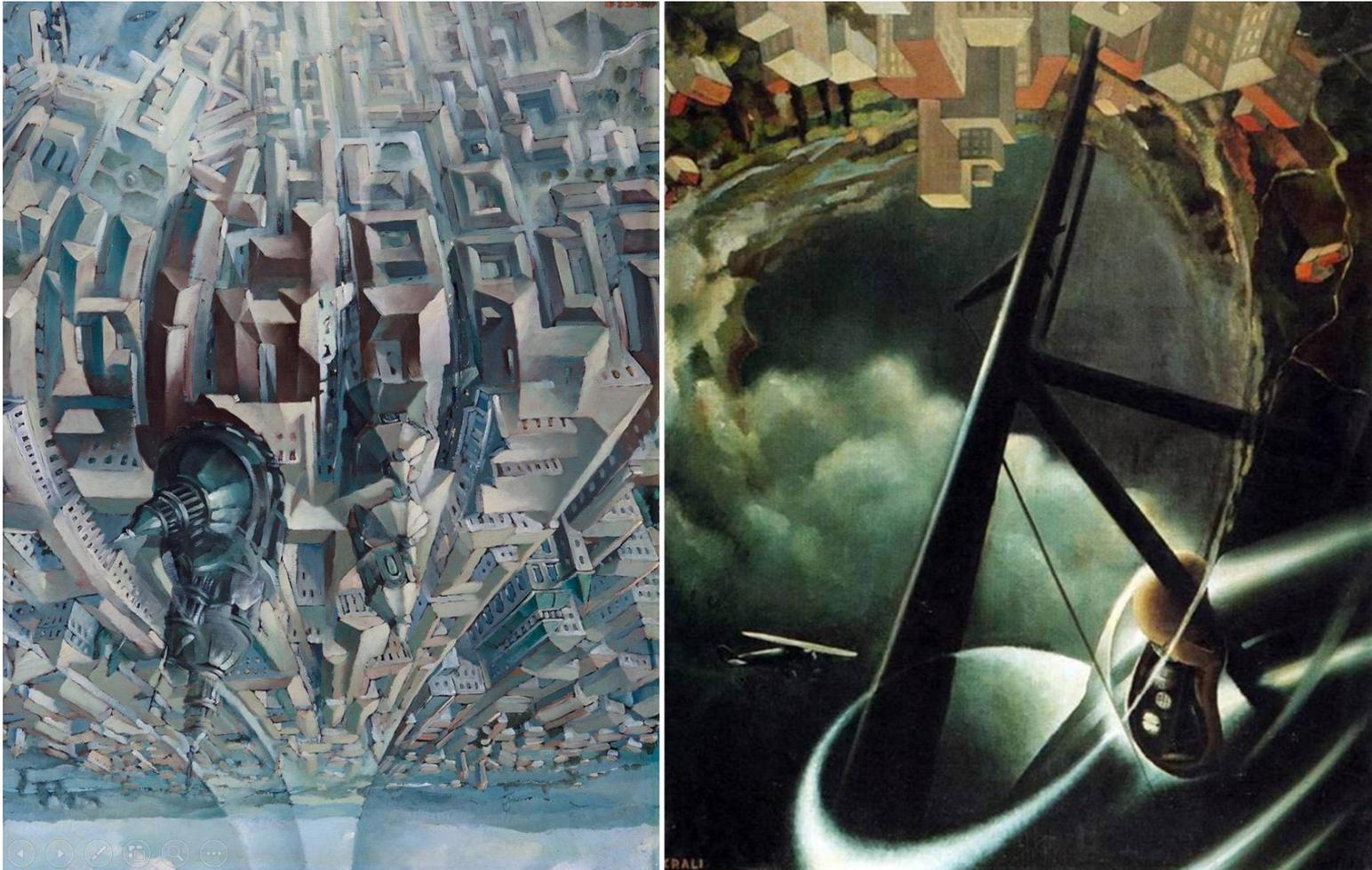


Imagem 5: Os trabalhos Upside Down Loop (Death Loop), 1938 e Combate aéreo a curta distância I de Tullio Crali, 1936-38 são exemplos sobre a valorização da cultura bélica-armamentista.

A afinidade pelas artes no regime fascista comandado por Benito Mussolini, demonstra que o sistema político obtinha uma simpatia aos movimentos modernistas, sendo assim, não havendo uma perseguição estético-formal, racista, xenofóbica e antissemita como veremos no Regime Nazista:

O ecletismo cultural de Mussolini, particularmente na pintura, na escultura, no *design* e na arquitetura, resultou de sua tentativa de manter em xeque uma cultura nacional volátil, assim foi um testemunho de sua intuição de que o fascismo precisava conservar pelo menos um forte sentido de aventura imaginativa e de que deveria ser identificado, na consciência popular, como um estilo moderno e otimista. (HUMPHREYS, 2001, p.72).

A foto de Mussolini, segurando um livro e Marinetti dentro do Mercado Trajano em Roma é um sintoma depois da Primeira Guerra Mundial ao o intenso nacionalismo

dos membros do futurismo (imagem 6). Assim, a arte dentro do regime antidemocrático sempre andou junto, usando-se da estética como meio simbólico da propagação das imagens.



Imagem 6: Mussolini, segurando um livro e Marinetti no centro da imagem, no Mercado Trajano em Roma (1932).

### 1.1.1.2. Uma introdução ao Nazismo de Hitler (1933 – 1945)

Eu acho que tinha que ter um partido nazista reconhecido pela lei [...] Se o cara quiser ser um antijudeu, eu acho que ele tinha direito de ser.

Bruno Aiub (Monark) - Flow Podcast, 2022.

Assim declarou Bruno Aiub (Monark), em um dos maiores *podcasts*<sup>4</sup> do Brasil. O Flow é um programa de entrevistas transmitida ao vivo pela plataforma do *youtube*, criado por Bruno Aiub (Monark) e Igor Rodrigues Coelho (Igor3k), figuras conhecidas na plataforma por seus conteúdos relacionados aos jogos eletrônicos e reviews de videogame. Atualmente, o canal possui 677 vídeos, 4,41 milhões de inscritos e 568.191.632 milhões de visualizações<sup>5</sup> demonstrando assim a dimensão de divulgação da cultura de massa.

É comum encontrar no discurso do Flow Podcast a ideologia da *Liberdade de Expressão* nas entrevistas da plataforma e parte do sucesso de Bruno e Igor Coelho foi criar um ambiente descontraído em comparação as mídias televisivas. No programa, há falta de uma pauta, bebidas alcoólicas, comidas patrocinadas e uso de drogas entre os convidados, normalmente transmitida ao vivo no *youtube* para milhões de pessoas e sem nenhuma repreensão.

A justificativa pela defesa de um partido nazista por Bruno Aiub no Brasil seria o fato dele estar alcoolizado, como aponta o jornalista Renato Alves do O Tempo: “Queria fazer esse vídeo para só pedir desculpa mesmo, porque eu errei, a verdade é essa. Eu estava muito bêbado e eu fui defender uma ideia acontece em alguns em outros lugares do mundo.” (ALVES, 2022).

A polêmica do partido nazista aconteceu em 07 de fevereiro de 2022, com a deputada Tabata Amaral (PSB-SP), deputado Kim Kataguiri (DEM-SP) e os entrevistadores Bruno Aiub e Igor Rodrigues Coelho. Com milhões de expectadores, a entrevista disseminava ódio em forma de opinião: Tabata repreendeu Monark, enquanto Kim defendeu descriminalização do nazismo. (ALVES, 2022).

---

<sup>4</sup> *Podcasting* é mídia na internet de radiodifusão. As entrevistas podem ser transmitidas ao vivo em plataformas de vídeo e podem ser escutadas em plataformas específicas.

<sup>5</sup> Os dados foram analisados em 21 de setembro de 2022.

Muitas autoridades israelitas como a Federação Israelita Paulista e Confederação Israelita do Brasil (CONIB) vieram a público comentar sobre o caso do Monark e foi necessário o deligamento dele do programa Flow Podcast. Na terça-feira, um dia após a entrevista, o ciêntista político André Lajst, foi no programa explicar ao público do Flow Podcast as mazelas da política nazista.<sup>6</sup> A entrevista ao vivo durou cerca de 40 minutos e obteve picos de 200 mil pessoas assistindo simultaneamente. Atualmente, o vídeo possui mais de 6 milhões de visualizações. André Lajst comenta em sua entrevista: “O nazismo não perseguiu só judeus. Perseguiu negros, ciganos, deficientes, gays. (...) A gente não pode normalizar o mal. O mundo é feito de palavras, ações e reações, e o mundo foi, até pouco tempo, um lugar ruim para muitas pessoas” (2022).

Não faltarão exemplos no Brasil sobre a apologia ao nazismo nas mais diversas mídias extemporâneas. Segundo Mônica Bergamo, jornalista da folha de São Paulo: “Episódios neonazistas no Brasil crescem ano a ano sob Bolsonaro, diz observatório judaico” (BERGAMO, 2022). Além disso, é necessário entender o contexto histórico desse movimento político-estético, suas elucidações ao extremismo e a arte em tempos autoritários.

\*\*\*

Antes da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha nutria problemas históricos com diversos países envolvidos nesse conflito bélico. O Revanchismo Francês (1870) era um sentimento de vingança após a Guerra Franco-Prussiana (1870 – 1871):

A maior guerra internacional documentada do século XIX pós-napoleônico, entre Prússia-Alemanha e França, em 1870-1, matou talvez 150 mil pessoas, uma ordem de magnitude mais ou menos comparável às mortes da Guerra do Chaco, de 1932-5, entre Bolívia (pop. c. 3 milhões) e Paraguai (pop. c. 1,4 milhão). (HOBSBAWM, 1997, p.26).

A Alemanha, vencedora da Guerra Franco-Prussiana, retirou os territórios de Alsácia-Lorena, uma rica região de minérios franceses, e que será recuperada no

---

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-cO2D\\_ZHzPY&t=293s](https://www.youtube.com/watch?v=-cO2D_ZHzPY&t=293s). Acesso em: 21 set. 2022.



países vencedores, devoluções das regiões como a Alsácia-Lorena para França, redução dos exércitos, entrega de equipamentos bélicos: “Como justificativa, inserira-se uma cláusula no tratado de paz fazendo da Alemanha a única responsável pela guerra (a chamada cláusula da “culpa de guerra”), a qual, além de historicamente duvidosa, revelou-se um presente para o nacionalismo alemão.” (HOBBSAWM, 1997, p.82).

Enfim, com a Conferência de Paz (1919 – 1920), imposta pelas grandes potências da época, como, EUA, Grã-Bretanha, França e Itália, foram responsáveis na instauração da crise moral, econômica e social dentro da Alemanha. As *reparações* históricas impostas ao país foram responsáveis pela ascensão do autoritarismo e da extrema direita.

A história da unificação Alemã afetará toda a arte nacional e as brigas políticas internas entre as regiões do país. Ainda mais quando observamos as estruturais sociais e geográficas separadas em 25 áreas administrativas: “quatro reinos, seis grão-ducados, cinco ducados, seis principados, três cidades independentes e o território imperial de Alsácia-Lorena.” (BEHR, 2000, p.11).

A crise instaurada na Alemanha pós Primeira Guerra Mundial repartia o país em algumas tendências políticas, transformando-se em uma sociedade cada vez mais caótica. Entre o sistema político, poderíamos citar o Partido Social Democrata, Partido Comunista Alemão e Partido Nazista (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães). O professor de história da arte Norbert Lynton da Universidade de Sussex, comenta: “Política e socialmente, a Alemanha moderna foi o mais conturbado dos países europeus, com cidadãos de mentalidade de extrema direita e de extrema-esquerda usando métodos também extremos em suas batalhas pela supremacia.” (LYNTON, 1988, p.26). O autor também apresenta outras perspectivas sociais ocasionadas pela guerra como “misérias ocasionadas por uma industrialização e uma urbanização super-rápidas.” (LYNTON, 1988, p.26). O relato do jovem Albert Speer exemplifica a crise dentro das cidades: “Naqueles primeiros tempos difíceis do pós-guerra, não havia nem bicicletas.” (SPEER, 1975, p.23).

Assim como a figura de Benito Mussolin, o salvador da pátria Italiana, viram em Adolf Hitler o responsável em guiar a Alemanha para os gloriosos dias do Império Germânico. Nascido no Império Austro-húngaro, participou da guerra ao lado da Alemanha na Primeira Guerra Mundial: “Adolf Hitler era apenas um desses homens

para quem o fato de ter sido *frontsoldat* era a experiência formativa da vida.” (HOBSBAWM, 1997, p.28).

No livro *Por Dentro do III Reich* (1970) escrito por Albert Speer demonstra como as classes abastardas foram conquistadas pelo discurso eloquente de Hitler. Albert Speer foi era membro do Partido Nazista, *frontsoldat*, arquiteto de Hitler e Ministro de Armamento (1942 – 1945), seu livro é um relato histórico sobre o passado e sua influência dentro do regime nazista e sua ascensão social. Sem dúvida, há diversas passagens no livro onde deixa claro que Hitler conquista aos poucos o apoio da alta burguesia, comunidades universitárias e pela classe média: “O salão estava repleto. Parecia que quase todos os estudantes de Berlim queriam ouvir aquele homem, de quem os partidários diziam coisas admiráveis [...]” (SPEER, 1975, p.23). O recém formado Albert Speer, relata o quanto era importante corpo docente da universidade presentes nos discursos de Hitler: “Era a presença desses professores que qualifica e prestigiava aquela reunião.” (SPEER, 1975, p.23). As universidades pareciam já estarem associados em centros do Nacional-Socialismo de Hitler.

A Crise de 1929 nos Estados Unidos da América, afetariam o mundo, cresceriam os partidos de esquerda buscando outras formas de sociedade como já conhecida Revolução Socialista de 1917. A União Soviética já tinha criado e implementado os fundamentos do socialismo, logo, o “medo do comunismo” era crescente na Europa. Dessa guinada conservadora, o Partido Nazista foi conquistando territórios: “Era necessário afastar o perigo do comunismo, o qual, segundo Hitler nos convenceu, parecia estar se aproximando, inelutavelmente, do poder.” (SPEER, 1975, p.24).

Adolf Hitler foi nomeado como primeiro-ministro em 1933 na presidência de Paul von Hindenburg (1847-1934) em Weimar. Anteriormente, o Partido Nazista vinha conquistando espaço nas eleições, todos os cenários políticos eram favoráveis. Desta forma, as políticas autoritárias entram no poder, um novo regime ditatorial se consolida em pouco tempo: “[...] foi a Grande Depressão que transformou Hitler de um fenômeno da periferia política no senhor potencial, e finalmente real, do país.” (HOBSBAWM, 1997, p.107). Com a morte de Paul von Hindenburg, Hitler irá acumular duas funções: primeiro ministro e presidente da República: “Nascia, assim, o Terceiro Reich, ou seja, o Terceiro Império depois do Sacro Império Romano-Germânico da época medieval e o Segundo Reich, nascido com a unificação alemã, em 1871.” (SCIARRETTA, 2011, p.162).

O ultranacionalismo Germânico será explorado dentro das políticas, das escolas e do cotidiano social. O programa político do nazismo influía medidas extremamente populares para os Alemães: [...] “previa a recusa dos termos sancionados pelo Tratado de Versalhes, a reunião de todos os povos de origem alemã numa nova *grande Alemanha*, a adoção de medidas discriminatórias contra os judeus e o fim do *parlamentarismo corrupto*. (SCIARRETTA, 2011, p.161).

#### **1.1.1.2.1. A Cultura Expressionista Alemã e a Arte Degenerada.**

A Vanguarda do Expressionismo será o sintoma estético do começo do século XX na Alemanha. As pressões externas de um país em Guerra, a fome, as angustias, depressões e crises financeiras serão catalizadores poéticos dessa arte de Vanguarda. Neste período pós unificação do Império Alemão, trará muitas problemáticas aos centros urbanos: “guerras desastrosas somando-se às misérias ocasionadas por uma industrialização e urbanização super-rápidas.” (LYNTON, 1988, p.26).

É necessário entender esse movimento de vanguarda como uma formação política, estética e cultural onde o Expressionismo não é um movimento único, mas uma tendência poética sobre as angústias e depressões germânicas. Os movimentos de arte funcionaram como uma catarse: “O mundo artístico Alemão estava, e está, fragmentado pelo federalismo alemão. A vida cultural de cada cidade importante tende a estar, em certa medida, separada e em competição com a de outras. (LYNTON, 1988, p.26). Desta forma, as cidades como Berlim, Munique, Colônia, Dresden e Henover serão responsáveis por tendências, grupos artísticos, fomento nas artes entre outros aspectos importantes do florescimento da arte Alemã.

A Arte e a Cultura do Expressionismo serão bastante visíveis em dois grupos. O movimento surge com estudantes de arquitetura em Dresden Die *Brücke* (A ponte) entre 1905 e 1913, depois mudam-se para Berlim. Alguns anos mais tarde, outro estilo Expressionista nasce em Munique (O cavaleiro azul) comandado por Kandinsky.

De modo geral, os artistas inseridos nesse contexto histórico estarão ligados as inspirações do Renascimento Alemão de Dürer, da gravura tradicional de Rembrandt e das ideias filosóficas de Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), “que propagou uma forma romântica de liberalismo, enfatizando a conquista do *self* e o

desenvolvimento dos poderes criativos do indivíduo.” (BEHR, 2000, p.9). Esse individualismo e liberdade poética não agradará os nazistas.

Antes da ascensão política de Hitler, a Alemanha vivia uma efervescência poética com artistas do Expressionismo, principalmente com as políticas do Kaiser Guilherme II (1888 – 1918). Com a saída dele do poder, continuou o fomento e coleções públicas e privadas incorporaram a arte de vanguarda: “a imprensa passou a manifestar um lucrativo interesse pelas aventuras e escaramuças culturais, e nunca faltaram mecenas dispostos a dar algum apoio aos novos artistas. (LYNTON, 1988, p.27). Contraditoriamente, a Primeira Guerra mundial ajudou no desenvolvimento da indústria bélica em 1915 e da circulação de dinheiro e poder de compra de obras de arte, pois ela: “[...] havia impulsionado a quantidade de moeda em circulação, e uma das consequências desse aumento de poder aquisitivo foi o investimento em obras de arte, configurando um *boom* por volta de 1917. (LYNTON, 1988, p.65). A Arte Expressionista, portanto, tornou-se uma política de estado: “Em virtude da democratização da cultura e da pressão exercida por vários conselhos de artistas, ela abriu algumas trilhas na esfera pública.” (BEHR, 2000, p.69).

Ainda jovem, nos relatos de Albert Speer, observamos uma movimentação contra o expressionismo nos seus circuitos sociais e universitários. Uma vez, foi em uma reunião popular pelo Movimento de Defesa da Cultura Alemã, onde o modernismo era fortemente atacado: “Um dos oradores exigiu a volta a tradicionais formas e concepções da arte, atacou o modernismo, e finalmente arremeteu contra a associação de Arquitetos Der Ring.” (SPEER, 1975, p.25). Esse grupo de arquitetos eram formado por membros da Bauhaus como os diretores Gropius e Mies van der Rohe.

Como plataforma política, o nazismo perseguiu todas as formas de artes que não estavam alinhados ao sistema estético-filosófico desse movimento, diferentemente como vimos no fascismo. O termo de *Arte Degenerada* é uma oposição para uma ideia chauvinista da *Grande Arte Germânica*. Vale lembrar que essa adjetivação não foi criada pelo regime nazista, mas incorporado por visões historiográficas do século XIX como o pensamento do médico e historiador Max Nordau (1849 – 1920). Com o livro intitulado *Entartung*<sup>7</sup>, o autor comenta sobre a

---

<sup>7</sup> A tradução em português como Degeneração. O livro teve dois volumes, publicados em 1892 e 1893. Foi traduzido para o inglês em 1895.

degeneração da arte principalmente ao público frequentador dos Grandes Salões do século XIX por estarem absorvendo uma nova linguagem de arte. O que Nordau não esperava era que a “degeneração” era o modernismo, que mudaria os rumos da história da arte: “Nordau empregou uma terminologia extraída das áreas médica e legal, relacionando as tendências estilísticas modernas à criminalidade e à histeria.” (BEHR, 2000, p.14). A professora de Arte Alemã do Século XX, Shulamith Behr, deixa claro com os relatos do médico historiador, eram xenofóbicos e que servirá como arma política aos nazistas, pois Max Nordau: “[...] condenava a elite e o público da classe média educada, que absorviam modas parisienses ao se apegarem a esse tipo de prazer estético, fenomenológico e depravação.” (BEHR, 2000, p.14).

Um dos grandes exemplos que poderíamos comentar sobre a Arte Degenerada é o caso da Bauhaus (1919 -1933) e a perseguição política dos nazistas para fecharem a escola.

A Bauhaus é uma das escolas mais importantes do século XX nas áreas da Arte, Arquitetura e do Design. Suas contribuições para o ensino moderno tornaram-se referência em diversos campos de estudo, sua pedagogia inovadora sobre arte e indústria foram avassaladores para repensar o imaginário instituído durante quase quatro séculos das antigas Escolas de Belas Artes e a formação da arte oficial e hegemônica. Porém, é importante ressaltar, que o pensamento bauhausiano não era homogêneo, existia muitos professores com pensamentos divergentes e entendimentos de arte variados. Em seus quatorze anos de existência, formou cerca de quinhentos alunos e foi fechada pela extrema direita, porém suas contribuições continuam reverberando na contemporaneidade e no imaginário instituinte providas pela escola.

Fundada em 1919 com o intuito de formar arquitetos por meio de um programa que também valorizava as artes aplicadas, estabeleceu-se em três cidades da Alemanha e teve três diretores com entendimentos de artes distintos tamanha a sua importância e a complexidade do período. Seu pensamento, progressista e coletivo fez com a instituição fosse considerada degenerada pelo Regime Nazista e foi fechada em 1933 em Berlim: “Os inimigos da Bauhaus tinham nos nazis os seus aliados naturais, quando Hitler se apoderou do poder, a luta foi rapidamente decidida: a Bauhaus foi oficialmente suprimida [...]” (ARGAN, 2005, p.31).

O trabalho *O golpe contra a Bauhaus* (1932) (imagem 8) do artista intercambista Iwao Yamawaki é uma ótima colagem símbolo do autoritarismo

nazista sobre a escola Bauhaus. Ao fundo do cenário, observamos um pelotão militar parado em direção ao observador. No canto superior direito, há três figuras entrando em cena e caminhando sobre os destroços da Bauhaus. Duas delas podemos identificar sendo Ernst Röhm (1887-1934), membro do partido nazista, identificado com as vestimentas militares, e Alfred Hugenberg (1865-1951) um empresário e político Alemão que usava das mídias para propagação do regime nazista.



Imagem 8: O golpe contra a Bauhaus de Iwao Yamawaki, 1932.

No cinema o expressionismo também influenciará os artistas criando um movimento cinematográfico extremamente sólido. O movimento surgiu na Alemanha pós-primeira guerra mundial entre suas marcas ao estilo eram os cenários distorcidos e histórias extremamente gráficas influenciadas pela crise, grandes dívidas internacionais, depressão acometidos pelas perdas expressivas na guerra. O estilo cinematográfico e as relações estéticas distorcidas eram reflexos de uma sociedade em crise (imagem 9):

O Expressionismo alemão conseguiu driblar as limitações técnicas de seu início (falta de recursos, ausência do som) e manipular todos os elementos

cinematográficos disponível em prol de expressar o pessimismo, a paranoia, o contraste social, os sentimentos hiperbólicos e o completo descrédito diante da racionalidade, que para esses artistas foi a responsável por levar a Alemanha a uma guerra e à consequente derrota. (BALLERINI, 2021, p.119.).

O movimento continha filmes de suspense, terror, ficção científica e fantasiosos. Entre os filmes que popularizaram o período poderíamos destacar; O Gabinete do Dr. Caligari (1920), Nosferatu (1922) e Metrópolis (1927). Logo, o Expressionismo Alemão no cinema faz sucesso mundial devido aos recursos inovadores usados pelos artistas do período. O filme O Gabinete do Dr, Caligari lançado em Berlim em 1920 “tornou-se um retumbante sucesso internacional. Estreou na cidade de Nova York em abril de 1921, onde chegou a ser a quarta maior bilheteria do ano; na França, deu origem ao movimento *caligarismo*.” (BEHR, 2000, p.73).



Imagem 9: O estilo cinematográfico e as relações estéticas distorcidas eram reflexos de uma sociedade depressiva pós-guerra.

\*\*\*

O nazismo irá perseguir e saquear todos aqueles que não enquadravam-se na arte nacional germânica. Sobre o comando de Joseph Goebbels, Ministro de Esclarecimento Popular e Propaganda (1933 – 1945), a perseguição política de artistas será uma plataforma de governo e criará exposições itinerantes pela Alemanha:

A criação desse ministério [...] tinha como objetivo envolver o povo alemão a fim de conseguir o seu apoio incondicional ao Terceiro Reich. Para este fim, o ministério contava com jovens ideólogos, que se encarregavam de passar uma imagem positiva do regime e de suas políticas [...] (BRANDT; LEITE. 2004, p.4).

Em 1937, Gobbels “Autorizou oficialmente a política de sequestrar assim a chamava arte decadente das coleções públicas. A infame exposição Entartete Kunst [Arte Degenerada] foi inaugurada duas semanas depois, em Munique.” (BEHR, 2000, p.73). Essas expropriações podem ser observadas melhor no livro Europa Saqueada (1996) da historiadora Lynn H. Nicholas sobre as espoliações do Regime Nazista sobre as obras de arte pela Europa. Seu livro será transformado em um documentário homônimo em 2007.

Muitas fotografias são emblemáticas para o entendimento do período (imagem 10). Em 1945, soldados americanos encontram um trabalho de Édouard Manet dentro de uma Mina de Sal de Altaussee, ambiente ideal para preservação de obras de arte. Na época de Joseph Goebbels, muito trabalhos foram roubados para a exposição da Arte Degenerada:

Setecentos trabalhos, abduzidos de 32 museus, foram organizados fortuitamente em várias categorias [...] enfocava temas que legavam arte moderada com a degeneração moral, racial, psicológica e física, com o intuito de parodias e desestabilizar seu reivindicado status cultural. (BEHR, 2000, p.73).



Figura 10: Soldados americanos encontram o trabalho *No Conservatório* de Édouard Manet (1879).

Ainda hoje, as restituições dessas obras de arte entram em conflito nos campos das galerias, leilões e museus de arte pelo mundo como demonstra a reportagem da jornalista Luisa von Richthofen do jornalismo estatal Deutsche Welle - DW: “Historiadores acreditam que mais de cinco milhões de obras de arte mudaram ilegalmente de mãos durante a Segunda Guerra Mundial.” (RICHTHOFEN, 2018).

Diferentemente do regime antidemocrático italiano, o nazismo perseguiu, caçou e tentou apagar as culturais não germânicas: “Para inculcar nas mentes dos alemães este projeto civilizatório antimodernista, Hitler (como e mais do que o fascismo) serviu-se dos novíssimos recursos midiáticos possibilitados pela sociedade de massa.” (SCIARRETTA, 2011, p.165).

## 1.2. O Ovo da Serpente: Aproximações estéticas nazifascistas e a extrema direita brasileira

A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional [...] ou então não será nada.

Roberto Alvim, Secretário de Cultura (2020).

No filme *O Ovo da Serpente* (1977) do sueco Ingmar Bergman (1918 - 2007) apresenta a vida de um trapezista judeu desempregado na Alemanha da República de Weimar antes do período nazista. O cineasta produz um filme extremamente preciso e poético sobre a vida pós-guerra. Por que o filme de Bergman começou ser lembrado pelos Brasileiros? Quais as aproximações estéticas nazifascistas que começaram rodar nos círculos políticos da extrema direita brasileira?

No Brasil contemporâneo, muitos jornalistas e críticos traçaram paralelos entre o filme de Bergman e a ascensão do fascismo na política brasileira. Não faltaram exemplos jornalísticas que comentam essa analogia. Para a atriz e roteirista, Fernanda Torres, ao comentar um livro que faz referência ao nome do filme de Bergman para a Folha de São Paulo: “*O Ovo da Serpente* dá voz aos agentes de Bolsonaro e do bolsonarismo.” (TORRES, 2022). Na revista Piauí, o advogado Fábio Tofic Simantob comenta em sua matéria que o *Ovo da Serpente* “começaram com Moro e seus discípulos os ataques ao STF que hoje ameaçam a democracia.” (SIMANTOB, 2020). A matéria da Carta Capital apresenta uma fala da ex-presidenta Dilma Rousseff sobre o *Ovo da Serpente* e ao processo de impeachment. No evento *Brazil Summit Europe*, promovido por ex-estudantes brasileiros da escola de governança e administração pública alemã da Hertie School: “Sabemos que [Jair] Bolsonaro é resultado do ovo da serpente chocado no golpe de 16, no discurso de ódio que o sustentou e na interdição do presidente Lula.” (ROUSSEFF, 2022). O jornalista Augusto Nunes da Veja, lembra em uma matéria de 2022, um dos textos de Fernando Gabeira para O Globo: “Muitas vezes citado em momentos críticos, o filme de Ingmar Bergman *O ovo da serpente* mostra os conflitos na Alemanha na ascensão do nazismo. As circunstâncias são diferentes mas uma lição histórica...” (GABEIRA, 2018).

Muitos jornalistas, críticos, roteiristas comentam sobre essas questões com o roteiro de Ingmar Bergman. A expressão “Ovo da serpente” possui vários significados

está relacionado ao prelúdio de um mau agouro ou um prelúdio do mal. A situação política, social e histórica permite que ao “chocar o ovo”, entremos em situações de adversidade, campos férteis para o nascimento do fascismo, por esses motivos, o filme de Bergman voltou-se em voga.

Muitos casos associados ao governo Bolsonaro e as aproximações com o fascismo são observadas na política de extrema direita. As constantes perseguições no campo da arte, como a retirada de obras de arte afro-brasileiras do Palácio do Planalto à pedido de Michelle Bolsonaro, o caso do ex-secretário da cultura Roberto Alvim faz discurso referente ao Ministro de Esclarecimento Popular e Propaganda Joseph Goebbels de Hitler, o assessor especial da Presidência Filipe Martins, que fez um gesto antissemita durante a sessão no Senado em 2021 entre outras atrocidades como as motocicletas proclamadas por Jair Bolsonaro também fazem parte desse histórico e iconografias fascistas. Desta forma, é necessário observar os casos e entender as aproximações estéticas entre o nazifascismo da extrema direita brasileira.

\*\*\*

O primeiro caso que analisaremos talvez seja a situação que mais chamou atenção da imprensa e órgãos internacionais. De certo, o comunicado do ex-secretário da cultura Roberto Alvim assim como o discurso, o cenário e a música foram *ipsis litteris* ao nazista Joseph Goebbels, ele: “[...] foi um dos principais responsáveis por disfarçar o antissemitismo e o ódio aos judeus pegado pelo nazismo como nacionalismo e o amor à pátria alemã.” (KER. 2020).

Deste modo, o escandaloso caso, assustou grande parte da população e foi fundamental para a exoneração do cargo. Mas quais motivos levaram a extrema direita associar a propaganda oficial do governo aos discursos nazistas? O professor de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), estudou e pesquisou a ascensão do bolsonarismo no Brasil, e tais pronunciamentos estão associados a uma disputa de narrativas promovida pelo governo e a retórica do ódio, segundo o professor: “A guerra cultural bolsonarista se alimenta de um paradoxo que denuncia sua ruína, pois pulsão de morte que define o movimento impede o ânimo construtivo.” (ROCHA, 2021).

Em 2020 foi divulgado o vídeo do secretário Alvim para anunciar o *Prêmio Nacional das Artes* com investimento de 20,6 milhões de reais, divididas em sete grandes linguagens artísticas (Ópera, Teatro, Pintura, Escultura, Literatura [contos], Música e História em Quadrinhos). Seriam o número sete uma referência aos modelos das Belas Artes? Outra situação interessante era que as categorias artísticas seriam divididas igualmente pelas regiões geográficas do país, entretanto seria necessário temas ligados a ideologia relacionada ao discurso “à Pátria, à família, à coragem do povo e sua profunda ligação com Deus.”

Sem dúvida, um dinheiro destinado para cultura é sempre muito interessante para o fomento de uma arte nacional, entretanto é necessário lembrar que o campo sempre foi atacado pela extrema direita bolsonarista. Entre muitos exemplos, poderíamos citar a extinção do Ministério da Cultura (1985 – 2019), criado pós redemocratização, rebaixado-se para um órgão associado ao Ministério do Turismo, o desmonte da Agência Nacional do Cinema (Ancine), cortes na lei Aldir Blanc, o incêndio no Museu Nacional, entre muitos outros casos. No caso do museu pertencente a Universidade Federal do Rio de Janeiro, o presidente da república diria: “Já está feito, já pegou fogo, quer que faça o quê? O meu nome é Messias, mas eu não tenho como fazer milagre.”

O vídeo de divulgação<sup>8</sup> chamou atenção de historiadores, jornalistas e da mídia em geral devido seus pronunciamentos reacionários, chovinista e com referências ao discurso nazista, todos sintonizados nos canais oficiais do governo (imagem 11). O cenário, a música e o discurso fazem parte do *circo de horrores* que o Brasil contemporâneo se transformou.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=61-99HUGbAs>. Acesso em: 08 out. 2022.

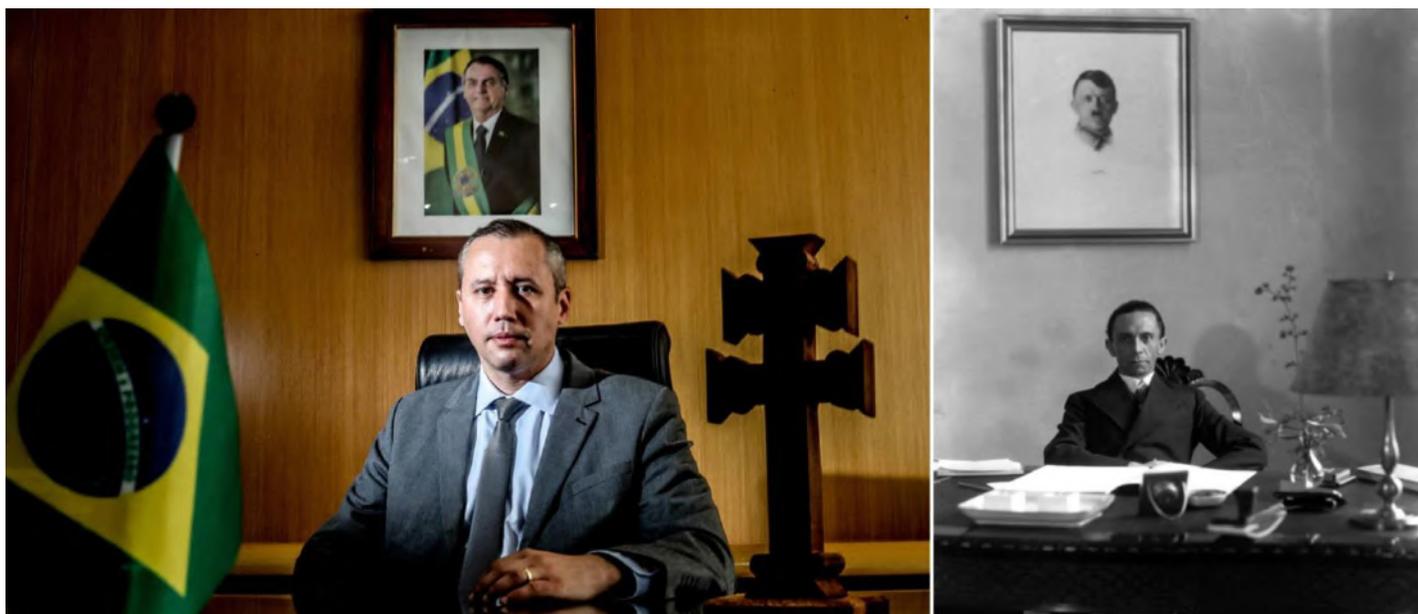


Figura 11: A imagem de Roberto Alvim associado ao Joseph Goebbels.

A estética do vídeo, o discurso, a construção do cenário, a música cadenciada ao fundo e as referências históricas complementam toda a propaganda nazifascista e um alinhamento conservador e ultranacionalista da arte. Questionado pela equipe do Estadão, Roberto Alvim, comenta: “As ideias contidas na frase são absolutamente perfeitas e eu assino em baixo delas.” (2020). Já para o repórter Vinícius Passarelli, também do Estadão, Roberto Alvim “[...] admite proximidade com a *filiação* que o propagandista Joseph Goebbles tinha com a arte.” (PASSARELLI, 2020).

O cenário construído pela Secretaria Especial de Cultura para anunciar o *Prêmio Nacional das Artes* cria-se um paralelo ao imaginário cultural que encontramos na Alemanha Nazista. O primeiro elemento é a figura política de Jair Messias Bolsonaro e Hitler no canto superior direito da composição, ou sejam, o líder nacional acima do propagador. A posição e a fala impositiva de Alvim permitiu paralelos ao discurso nazista e chamou bastante atenção dos historiadores. Vejamos os dois discursos. O pronunciamento de Alvim diz:

“A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional, será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada.”

Em paralelo, o discurso de Joseph Goebbels está inserido no livro *Joseph Goebbels: Uma biografia do historiador Peter Longerich* (2010):

A arte alemã da próxima.década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada. (LONGERICH, 2010).

Na mesa de Alvim, ao lado direito do espectador, encontramos também *A cruz jesuíta*, símbolo da igreja católica associada a companhia dedicada a expansão da fé católica. Nenhum objeto que ajuda na composição da cena está ali por acaso. As ideologias e as alegorias nefastas da premiação comunicam com as massas e reforçam na mensagem persuasiva do governo. O prêmio portanto, buscava uma cultura na base da pátria, usando-se dela para “salvar a juventude brasileira” e segundo a pronunciamto do prêmio uma arte “enraizada na nobreza dos nossos mitos fundadores.” Para as ideias de Adof Hitler sobre propaganda e eloquência da população, acredita-se que: “Um agitador capaz de comunicar uma ideia à grande massa, precisa conhecer a psicologia do povo, mesmo que ele não seja senão um demagogo.” (HITLER, 1925, p. 539).

Relacionado a música da propaganda de Roberto Alvim, pesquisadores, historiadores e jornalistas chamaram atenção sobre a composição cadenciada do famoso alemão Richard Wagner, compositor favorito de Joseph Goebbles: “Os *princípios* de Goebbels terminaram com uma homenagem a Hitler, para quem a música representava um *elemento vital indispensável*; ele havia resgatado a *música alemã do declínio iminente*.” (LONGERICH, 2010). Desta forma, Wagner seria uma das referências para o ditador, como observamos a característica cultural do nazismo em aproximar a população de vários meios de comunicação de massa, acredita-se que o compositor foi responsável e introduzindo “a ideia de *germanismo ariano*, além de ter combatido a presença e influência de judeus na música alemã, deste 1850.” (KEF. 2020).

Simultaneamente ao pronunciamto de Alberto Alvim, a música de Richard Wagner, prólogo da ópera *Lohengrin*, ganha-se protagonismo dentro da propaganda e cria assim um ambiente retórico de conquistas históricas fantasiosas. Embora, as músicas de Richard Wagner sejam associadas com fundos heroicos arrebatadores,

visto a música *Cavalgada das Valquírias* no filme *Apocalypse Now* (1979) de Francis Ford Coppola, no Brasil, a música de Wagner é usada para sequestrar os símbolos pátrios de um estado democrático de direito.

O escândalo dentro da Secretaria Especial de cultura não é um caso isolado das aproximações estéticas nazifascistas da extrema direita brasileira como as lives do presidente da república e os símbolos da extrema direita. Na ocasião Bolsonaro brincava com uma campanha do “Desafio do leite” promovido pela Associação Brasileira de Produtores de Leite (Abraleite). Para correntes extremistas, como a alt-right, o leite é associado ao “simbolismo baseado em artigos falsos de que pessoas brancas digerem melhor a lactose do que pessoas de outras raças.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021). Para a extrema direita, o copo de leite é apenas um copo de leite.

Observando todo o cenário da live de Bolsonaro e a bebida láctea como símbolo racista de superioridade branca, remetemos assim, a cena de abertura do filme *Laranja Mecânica* (1972) de Stanley Kubrick (imagem 12), o filme é uma adaptação do livro homônimo de Anthony Burgess. A obra cinematográfica distópica, apresenta a história de um jovem da classe média, Alex e sua gangue de marginais que cometem desde pequenos crimes, furtos, roubos, até mesmo estupros que chocaram o público cinematográfico da época. A cena inicial do filme, ambienta o espectador na Leiteria Korova. A câmera adentra no estabelecimento até encontrarmos a trupe de Alex, dando zoom nos olhos maquiados do protagonista, eternizando assim, uma das cenas mais emblemáticas da cultura visual do cinema mundial. Os adolescentes misturam o leite com uma espécie de droga dando origem assim no *velho moloko*. O bar torna-se um ritual de passagem entre o uso de abusivo de drogas e a ultraviolência da gangue de Alex, que cometem crimes hediondos. Mas diferentemente do filme distópico de Stanley Kubrick, no Brasil de Bolsonaro, estamos diante da maior autoridade pública do país *brincando* e apropriando-se de símbolos nazifascistas. Os códigos, aparentemente, dissimulados e ambíguos, não são inocentes como apenas um copo de leite. Ele comunica uma classe e convoca a extrema direita.



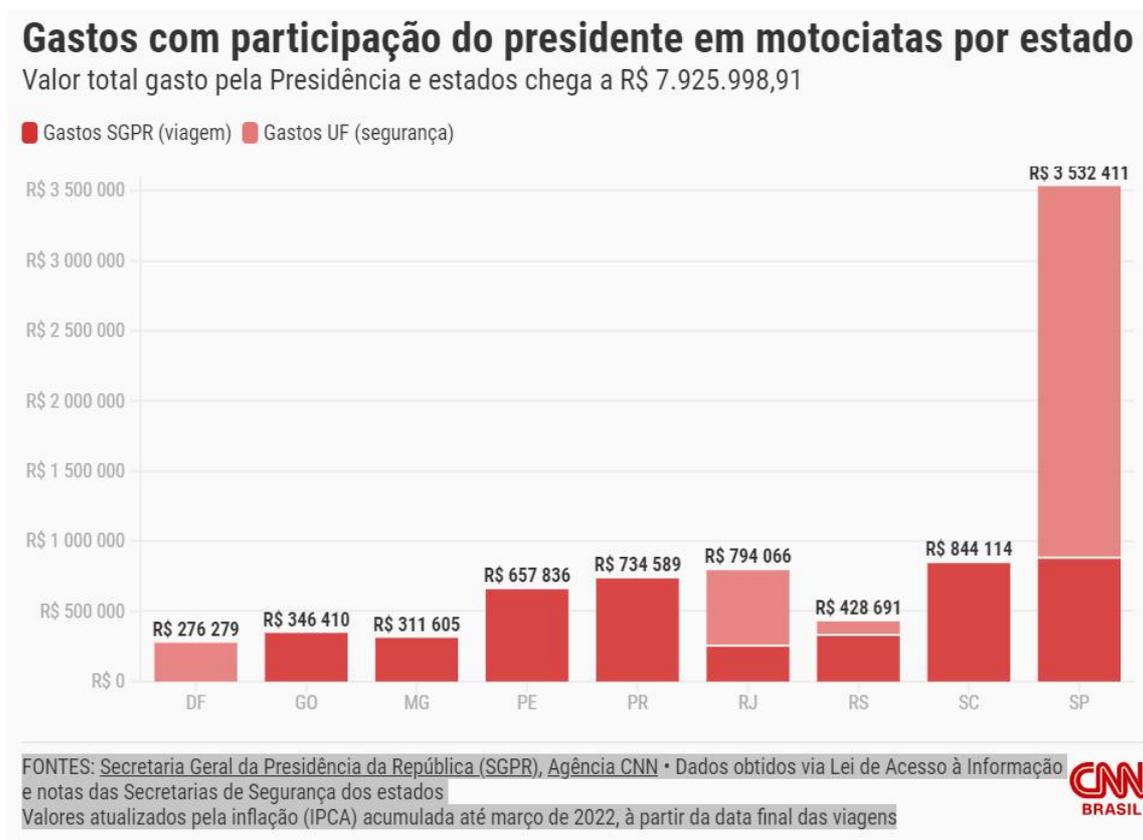
Imagem 12: Live de Bolsonaro (2020) e associação com a emblemática cena de Laranja Mecânica (1972) de Stanley Kubrick.

Da mesma forma que as políticas do governo Bolsonaro estão envolvidas em estéticas nefastas nas aproximações nazistas, sejam elas por membros de pastas importantes da presidência ou mesmo pela própria autoridade máxima do país, apresentaremos também passeatas com motocicleta apropriadas pelo bolsonarismo.

A equipe do jornalismo político Poder 360 buscou informações sobre encontros de motociclistas, apoiadores do presidente, e as saídas com Jair Bolsonaro. A matéria de 2021 apontou que até agosto, foram feitos sete eventos dessa magnitude e comparou as fotos.<sup>9</sup> Os eventos confundem nas esferas políticas

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/compare-fotos-da-motociata-de-bolsonaro-em-brasilia-com-as-anteriores/> Acesso em: 08. Out de 2022.

devido o carácter pouco ortodoxo da manifestação, afinal, liturgia ao cargo de presidente não é uma afinidade do Governo Bolsonaro. Apenar das cargas extraoficiais do cargo, os eventos são gastos com dinheiro público. Os repórteres da Vital Neto e José Brito da CNN Brasil fizeram um levantamento do dinheiro público usado nos eventos e apontaram que o valor total gasto pela Presidência nos estados das motociatas chega próximo de R\$ 7.925.998,91. Somente no Estado de São Paulo, custaram aos cofres públicos cerca de R\$ 3.532.441 em gastos de viagens e segurança.



As motociatas fazem parte dessa agenda extraoficial, o jornalista Lucas Vettorazzo da Revista Veja, aponta que o próprio presidente da república explica como funciona essa prática e como ele faz para participar desses eventos. Lembrando que essas agendas não poderiam ser consideradas na agenda oficial: “Eu não posso ir passear de moto em algum lugar. Tem que ter um compromisso, um evento, e depois eu complemento. Graças a Deus eu recebo uns dez convites por dia para dar uma volta de moto pelo Brasil [...]” (VETTORAZZO, 2022).

Além do dinheiro público e do evento político *descomprometido* de agendas oficiais é necessário também buscar na história da arte ferramentas para discutirmos

as imagens simbólicas fascistas para uma compreensão da estética reacionária bolsonarista. Algumas fotografias e matérias de jornais circularam nas redes sociais apontando paralelos entre as motociatas bolsonaristas e as políticas de Benito Mussolini, onde também passeia com seus apoiadores (imagem 13). Para o jornalista Fábio Palácio da Folha de São Paulo e doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo: “Estética fascista une fantasias de Bolsonaro e Mussolini com motos.” (PALÁCIO, 2021).



Imagem 13: Imagem de Mussolini (1933) e Bolsonaro em uma Motocita (2021).

As relações estéticas entre o fascismo e a moto está sintetizado no já citado Manifesto Futurista de Marinetti, eles exaltavam a tecnologia da época, como aponta o quarto ponto do Manifesto:

Nós afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que correr sobre a metralha, é mais bonito que a Vitória de Samotrácia

Outra imagem interessante que circundou as matérias de jornais, nas redes sociais e na internet de maneira geral foi a capa do jornal italiano *La Tribuna illustrata* (1890 – 1969). Na edição de junho de 1933, observamos Benito Mussolini, trajado com terno e uns óculos de motocicletas semelhantes a imagem anterior. O ditador está no centro óptico da ilustração comandando uma manifestação motorizada enquanto ao entorno uma população observa em vibração ao um dos maiores líderes mundiais daquela época. Ao fundo, há uma multidão que some e funde-se a uma massa uniforme acinzentada com fumaças e poeira das motocicletas criando-se assim um clima lúgubre e reacionário (imagem 14). É quase possível escutar os gritos da população e os barulhos da motociata. O repórter Fábio Palácio da Folha de São Paulo faz uma matéria profunda sobre as relações das motocicletas, o futurismo e a estética envolvendo Jair Bolsonaro na matéria *Estética fascista une fantasias de Bolsonaro e Mussolini com motos*, segundo o repórter, ao associar a potencialidade industrial da moto e o fascismo:

Sabemos que imagens de força, potência e vigor são caras ao fascismo. Elas contribuem para fixar no imaginário a ideia de “raças superiores”. Nessa visão, a tecnologia é concebida como extensão do corpo humano, capaz de torná-lo mais vigoroso. (PALÁCIO, 2021).

Desta forma é necessário está atento as apropriações estéticas e artistas de movimentos autoritário para pensarmos o poder ideológico das imagens e suas questões político-partidárias. Assim, usar dos conhecimentos historiográficos da história da arte para sistematizar as imagens poéticas da contemporaniedade e historizar o momento reacionário do Brasil: “Trata-se de uma tendência que não se pode subestimar. É preciso entender o enorme poder —político, inclusive— das ideias estéticas. Quem não compreende esse poder acaba sofrendo, inadvertidamente, seus efeitos.” (PALÁCIO, 2021).



Imagem 14: Imagem da *La Tribuna illustrata* (1933) e motocita de Bolsonaro no Rio de Janeiro, curral eleitoral do candidato (2021).

Quando Ingmar Bergman pensou no filme do Ovo da Serpente, observamos que as tendências fascistas continuam presentes dentro das sociedades contemporâneas e necessário sempre está atento e forte para não eclosão do ovo, o nascimento do réptil perigoso.

Haja vista alguns de muito exemplos sobre as proximidades estéticas nazifascistas com as políticas da extrema direita brasileira. Faz-se necessário então recapitular o conceito de Umberto Eco para entendermos essas aproximações ultrajantes: “o termo fascismo adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista.” (ECO, 2019, p.44). Desta forma, é necessário apropriar-se das roupas de escafandristas e mergulhar no mar tóxico da estética reacionária no Governo Bolsonaro.

## 2. A ESTÉTICA REACIONÁRIA NO GOVERNO BOLSONARO

A **estética reacionária** é antidemocrática, inculta e violenta. Ela flerta com o fascismo europeu porque ela é usada como movimento de agitação das massas pela defesa do capital, um herói nacional que salvará de um inimigo e todos outros aspectos comuns sobre o fascismo apontados por Umberto Eco (2019). Igualmente como esse movimento político, na **estética reacionária**, não há uma filosofia ou uma plataforma política clara, pois ela é contra qualquer tipo de lógica ou estado democrático de direito. Quer dizer, ela é uma antítese contra tudo e contra todos aqueles que não estão inseridos no poder político hegemônico.

Com o fim de comunicar as massas, ela trabalha com elementos chauvinistas e reacionários na construção ideológica usando-se dos mitos fundantes e tabus da sociedade Brasileira para gerar engajamento (liberação das drogas, legalização do aborto, *ideologia* de gênero, doutrinação nas escolas, destruição dos valores da família). Desta forma, uma **estética reacionária** usará de elementos religiosos de fé judaico-cristã, valores da família patriarcal burguesa, memes, linguagens da internet, buscará correntes dos grupos nas redes sociais (*WhatsApp, Facebook, Telegram*), insimulará a violência contra minorias, usurpará de elementos pátrios (bandeiras, hinos, exércitos) como forma de manipulação das massas na expansão de crenças valendo-se do senso comum como elo de coesão na manutenção do poder.

É compreensível os elementos da comunicação dessa estética na construção de uma linguagem fácil, direta e acessível para a população, disparada muitas vezes em grupos de internet. A manipulação da imagem é o cerne no entendimento da **estética reacionária** porque eles tentam esvaziar os significados e o deleite estético e para isso convoca o elemento tosco nas montagens para aproximar da paixão e eloquência exacerbada nacionalista.

A **estética reacionária** não está presa em uma linguagem específica (pintura, gravura, escultura...), pelo contrário, assim como a contemporaneidade, ela tenta a aproximar-se da população, expandindo-se e tornaram-se as fronteiras de comunicação extremamente fluídas. Ocupando-se de diversos espaços de articulação social antes abonçadas e marginalizadas pelo poder político. A **estética reacionária** está no grupo de *WhatsApp* da classe média, ela é a comédia tosca da televisão, encontra-se em políticos militarizados, nos canais de jornalismo policial, no subúrbio, nas igrejas neopentecostais, nos condomínios de luxo das grandes cidades,

nos comícios políticos, enfim, ela extrapola qualquer definição estrita, mas é necessária identifica-la. Sejam eles quaisquer elementos possíveis para usar como manipulação, ou atitudes reacionárias de violência nefasta da extrema direita.

Portanto, a **estética reacionária** não é apenas um elemento persuasivo das imagens manipuladas, ela é um fazer e estar político, comunicar-se de maneira rápido e direta para a população carente de mitos fundadores (imagem 15).



Imagem 15: Imagem das redes sociais,

## 2.1. Uma introdução ao Governo Bolsonaro: Ascensão

A vida política de Jair Messias Bolsonaro teve passagem por vários cargos da vida pública e de partidos políticos: como Vereador (1989 – 1991), Deputado Federal (1991 – 2019), saindo do cargo apenas para assumir a Presidência da República entre 2019 – 2022.

Em 27 anos trabalhando em Brasília, afiliou-se a nove partidos diferentes: PDC (Partido Democrata Cristão), PPR (Partido Progressista Reformador), PPB (Partido Progressista Brasileiro), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PFL (Partido da Frente Liberal), PP (Partido Progressista), PSC (Partido Social Cristão), PSL (Partido Social Liberal) e PL (Partido Liberal). Entre 2019 e 2021, o presidente esteve sem partido e não conseguiu fundar sua legenda própria, denominada Aliança Brasil.

Durante seu mandato como Deputado Federal, representando o estado do Rio de Janeiro nos seus 27 anos, conseguiu aprovar apenas dois projetos e sua atuação como presidente da república segue a mesma lógica, repetindo o mesmo desempenho. Segundo a reportagem da UOL, Jair Bolsonaro é considerado o presidente que menos aprovou projetos no congresso e para isso, a redação usou os estudos do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ): “Afetado pela queda em sua popularidade e pelo desgaste provocado pela CPI da Covid, neste ano, Bolsonaro conseguiu aprovar apenas 29,1% dos projetos que enviou ao Congresso, o pior desempenho de um presidente da República.” (UOL, 2021).

Quando observamos os projetos políticos de Bolsonaro, somam-se cerca de 171 projetos em quase três décadas de mandato, observamos em sua grande maioria, propostas de lei sem aproveitamento, como a PL 4273/2001 que proíbe uso de bebidas alcoólicas nos aviões, PL 1736/1996 que proíbe o uso de vocábulos estrangeiros na identificação de estabelecimentos comerciais, bem como nos anúncios e nos rótulos de mercadorias, ou mesmo a PL 1323/1995 dispendo da instituição do Dia do Detetive Profissional. Enfim, são muitos projetos ineficientes devido à falta de qualidade dos projetos ou mesmo a ineficiência como parlamentar de vida pública.

Jair Messias Bolsonaro sempre representou a categoria das Forças Armadas, Militares (Exército, Marinha e Aeronáutica), bombeiros, armamentistas, entre as mais diversas categorias da segurança pública e da cultura militarista. Como comentado

na introdução desta pesquisa, meu avô conhecia Bolsonaro na Vila Militar do Rio de Janeiro, sua representação ideológica sempre esteve em sintonia com a defesa política dos militares, porém, quando observamos suas atuações como vereador, apontamos muitas incongruências. A repórter Julia Lindner escreve para o Estado de São Paulo as seguintes informações: “As duas áreas representam 56,7% (97) das propostas legislativas de Bolsonaro = são 53 projetos para militares (32%) e 44 para segurança pública (25%). Nenhum, porém, foi aprovado.” (LINDNER, 2017). Logo, em todo mandato como vereador Deputado Federal (1991 – 2019), aprovou apenas dois projetos de leis, uma delas foi “uma proposta que estendia o benefício de isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para bens de informática e outra que autorizava o uso da chamada “pílula do câncer” – fosfoetanolamina sintética.” (LINDNER, 2017).

O curral eleitoral de Bolsonaro é a Zona Oeste do Rio de Janeiro. Em regiões do Rio de Janeiro onde não há um investimento em políticas culturais, percebe-se o crescimento de políticas autoritárias. Nas últimas eleições municipais (2016) e presidenciais (2018), a região da zona oeste elegeu majoritariamente políticos da extrema direita que fazem uma veiculação/vinculação entre política e as religiões neopentecostais. A Zona eleitoral de Bolsonaro é na Escola Municipal Rosa da Fonseca na Vila Militar do Rio de Janeiro.

A matéria jornalística “Deus me protege: bairro do RJ onde Bolsonaro teve mais votos ignora corona” de 1 de abril de 2020 do portal de Notícias Uol, apresenta as zonas eleitorais de Campo Grande com expressiva votação em Jair Bolsonaro e o potencial da igreja neopentecostal:

Campo Grande é também um tradicional reduto de militares da ativa e da reserva, com vilas e conjuntos habitacionais de membros das Forças Armadas, grupo que costuma apoiar Bolsonaro. Ambos os fatos ajudam a entender o quanto seu discurso ecoa entre a população local e tem potencial para influenciar a percepção em relação à pandemia. (BLOIS, 2020)

Na foto (imagem 16), observamos a entrada da escola municipal sendo vigiada por membros da Polícia do Exército (PE), uma divisão de infantaria e segurança do próprio Exército. Como uma área federal, vale lembrar que são proibidos a interferência de outras forças militares do Estado. No primeiro plano, observamos a presença de uma equipe de reportagens e eleitores vestidos com

camisa verde e amarela, um dos eleitores está com a bandeira brasileiro no ombro direito e uma criança com camisa de cor branca. Entre entrada da escola e o caminho de pedra, vemos um porta-bandeira elevado desbandeirado.

O colégio mantém-se com as cores típicas da Vila Militar, o verde oliva, mostrando assim o passado patriótico, não podemos esquecer também que o nome resgata outro símbolo ufanista das forças militares. À primeira vista, o nome de Rosa da Fonseca não é um sobrenome incomum da grande massa, um cidadão mais atento, tentaria ligar o nome Rosa da Fonseca aos sobrenomes famosos dentro da história do militarismo brasileiro como Hermes da Fonseca, Marechal Deodoro da Fonseca entre outros. Entretanto, o símbolo de Rosa para o militarismo é homenagem patriótica, ou mesmo um arquétipo de uma “Matriarca Exemplar” devido seu passado histórico, tornando-se patrona da Família Militar em 2016. Segundo o site das Forças Armadas dedicada aos Patronos do Exército, Rosa da Fonseca é reconhecida devido: “a importância do espírito de sacrifício e de luta, o qual possibilita aos integrantes da Força Terrestre alcançarem o sucesso pessoal e profissional, com o sentimento de dever cumprido, seja qual for a missão.”

A Zona eleitoral de Bolsonaro, a Vila Militar e a Escola Municipal Rosa da Fonseca não são apenas lugares isentos de política, mas fazem parte de um teatro simbólico ufanista, invoca elementos de patriotismo, família e bons costumes, em outras palavras, bandeiras defendidas pela extrema direita brasileira. Mesmo que esses elementos simbólicos não sejam seguidos por seus líderes, como vemos anteriormente.

O histórico de Jair Messias Bolsonaro conversa com vários eleitores de alas conservadoras: evangélicos, militares, forças armadas entre outros. A nostalgia militar, de um passado idealizado para população brasileira ainda são resquícios de um período ditatorial no Brasil e todas essas influências conservadoras serão exploradas dentro das questões artísticas atreladas à estética reacionária.

Assim como a representação da Família Militar cunhada ao símbolo de Rosa da Fonseca, essas alegorias patrióticas também estarão presentes da política cultural e nas artes dentro do governo.



Imagem 16: O Presidente Jair Bolsonaro vota na Escola Municipal Rosa da Fonseca na Vila Militar no Rio de Janeiro na Zona Oeste da cidade (2020).

## 2.2. Arte e as relações culturais no Governo Bolsonaro: Pátria, Família e Censura.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:  
 Não sei. De fato, não sei  
 Como, por que e quando a minha pátria  
 Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água  
 Que elaboram e liquefazem a minha mágoa  
 Em longas lágrimas amargas.

Trecho de “Patria minha”  
 de Vinicius de Moraes (1949).

O músico, poeta e diplomata Vinicius de Moraes produziu o poema *Pátria minha* na prensa particular de Cabral de Melo Neto em 1949. A vida boêmia de Vinicius não agradará a Ditadura Militar (1964 – 1985) nem o alto escalão do Itamaraty, onde deixaria sua a carreira de duas décadas como diplomata. O período de exoneração do Itamaraty pela Ditadura Militar, será o livramento de Vinicius que buscará na vida como artista de palco um propósito. Será, portanto, um dos responsáveis pela divulgação da Música Popular Brasileira (MPB) no mundo.

O texto *Pátria minha* é atemporal, conversa com o período atribulado contemporâneo. O Brasil afundou em abandono ao sistematizar a política cultural. Entre incêndios de patrimônios públicos, censuras nos mais diversos campos da cultura, encerramento do Ministério da Cultura, perseguições a artistas, isso para citar apenas alguns exemplos, como Vinicius de Moraes reagiria em um país em constante crescimento reacionário?

Antes de Jair Messias Bolsonaro assumir o poder, comecei investigar nas fontes primárias (Planos de governos e jornais), para uma compreensão da política educacional e cultural. Devido à formação acadêmica, como anteriormente a Licenciatura em Artes dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o aproximações do meu bisavô ao antigo Ministério da Educação e da Saúde, esses temas sempre foram pertinentes.

Assim, para entendermos os fundamentos do governo foi necessário portando esmiuçar e pesquisar o Proposta de Plano de Governo de Jair Messias Bolsonaro (2018 - 2022). O documento consta 81 páginas, feitas em slide, e

pouquíssimas menções sobre uma proposta sólida e coesa de uma política cultural. Além dos textos truncados e mal formulados, eles apresentam uma linguagem chula na construção política-ideológica em toda documentação. O texto começa falando do “Caminho para a prosperidade”, parece um verdadeiro comício religioso neopentecostal moralizante, onde os pastores tentam converter as ovelhas: “Propomos um governo decente, diferente de tudo aquilo que nos jogou em uma crise ética, moral e fiscal. Um governo sem toma lá-dá-cá, sem acordos espúrios.” (2018, p.2). Toda construção do documento é estruturada pela **estética reacionária** que caminha em conjunto com não-design e fotografias de banco de imagens.

A última página documento (imagem 17), possui o logo do governo (Brasil acima de tudo, Deus acima de todos) alinhando a cultura neopentecostal e somente ele já seria passível de vários questionamentos: *Para quem governam? Qual Deus está acima de todos? Quem não acredita em deus terá lugar no Brasil?* Outros símbolos são interessantes para a percepção da propaganda, as cores patrióticas, frases positivistas, as mãos em oração, a proteção das crianças, são símbolos iconográficos de persuasão dessas massas votantes. As fotografias então em sobreposição amadora e não apresentam um refinamento no documento oficial.

As fotografias das mãos vendem um vocábulo simples e persuasivo e trabalham com estereótipos: homem heterossexual de azul, meninas loiras de rosa, negros com empregos subalternizados, empregadas domésticas... Logo, as fotografias dos bancos de imagens, podem ser reutilizadas em diversos contextos, pois carregam significados genéricos e elas podem ser procuradas por comandos e ideias simples.

Já a página número 27 assume um aspecto caricatural, e o *fantasma do comunismo*, surge novamente. Para João Cezar de Castro Rocha, professor de Leitura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: “Termos-chave do discurso olavista sempre retornarão, esclarecendo a origem dos desarrozoados ilógicos [...]” (ROCHA, 2021, p.49).

Segundo a plataforma política de Bolsonaro: “MAIS MENTIRAS DA ESQUERDA; a polícia é a que mais mata.” (2018, p.27). As letras maiúsculas são grifos do próprio documento oficial. Os proponentes do documento usam um mapa do Brasil com as cores vermelhas, símbolos da união soviética (a foice e o martelo), associados a estrela vermelha símbolo do Partido dos Trabalhadores (PT). As páginas subsequentes abusam de um vermelho extremamente saturado na

construção da narrativa *antiesquerdista e degenerada*. A sensação observada na documentação é de encontrar essas informações espalhadas em grupos de *WhatsApp*, tamanho o descomprometimento político (imagem 18).

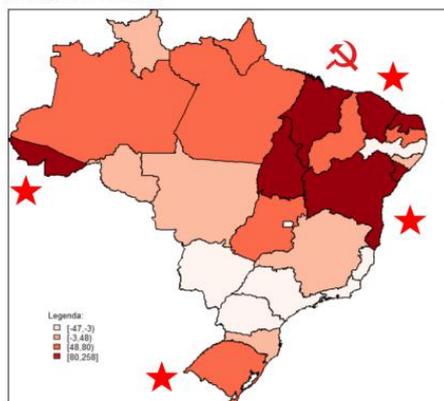


Imagem 17: A **estética reacionária** presente da Proposta de Plano de Governo de Jair Messias Bolsonaro (2018 - 2022).

BRASIL ACIMA DE TUDO  
DEUS ACIMA DE TODOS

VAMOS AOS NÚMEROS: ATLAS DA VIOLÊNCIA 2018 DO IBGE  
[HTTP://WWW.IPEA.GOV.BR/PORTAL/IMAGES/STORIES/PDFS/RELATORIO\\_INSTITUCIONAL/180604\\_ATLAS\\_DA\\_VIOLENCIA\\_2018.PDF](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/pdfs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)

Figura 2.1 – Brasil: variação nas taxas de homicídios por Unidade da Federação (2006 a 2016)



Coincidentemente, onde participantes do Foro de SP governam, sobe a criminalidade.

Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estatos e Análises da Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

BOLSONARO2018

Imagem 18: A **estética reacionária** presente da Proposta de Plano de Governo de Jair Messias Bolsonaro (2018).

Se não há um compromisso ético, o que se esperaria da plataforma política bolsonarista? A ineficiência da Proposta de Plano de Governo não surpreende ao pensarmos na já citada vida política de Jair Bolsonaro como Deputado Federal (1991 – 2019). Não há informações precisas sobre a política cultural, nem mesmo uma seriedade nas informações. A ideologia da extrema direita e os dizeres da “Pátria, Família e os Bons costumes”, como adoram defender, permeiam toda a documentação e usurpam os elementos patrióticos em descompromissos políticos,

Desta forma, é perceptível que não havia uma proposta política sólida no campo da cultura, visto o próprio encerramento do Ministério da Cultura (1985 – 2019). As palavras cultura/cultural aparecem apenas três vezes na plataforma política, ora citada de maneira genérica, ora usada como forma de atacar o setor. Sendo assim, as únicas menções sobre uma política cultural em sua plataforma política são danosas, sempre autodestrutivas e combativas.

Vejamos os dois exemplos: “O Brasil passará por uma rápida transformação cultural, onde a impunidade, a corrupção, o crime, a *vantagem*, a esperteza, deixarão de ser aceitos como parte de nossa identidade nacional, POIS NÃO MAIS ENCONTRARÃO GUARIDA NO GOVERNO.” (2018, p.15). As letras maiúsculas são grifos do próprio documento oficial. Em sua segunda menção a política cultural, existe uma ideia que o Brasil precisava se libertar de uma *doutrinação da esquerda*: “Nos últimos 30 anos o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo, se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação e da família brasileira.” (2018, p.8).



Imagem 19: Capa da Proposta de Plano de Governo de Bolsonaro (2018 - 2022) e Capa da Plano de Governo de Bolsonaro (2023 – 2026).

As capas das campanhas nos Planos de Governo de Bolsonaro apresentam duas propostas eleitorais dispares, são inegáveis as aproximações estéticas e o uso do design gráfico dentro da nova proposta (imagem 19).

\*\*\*

Além da cultura não ser prioridade no Governo Bolsonaro (2018 - 2022), por não apresentarem um plano sólido ou minimamente aceitável, observamos um antiplano eleitoral, na medida que não é possível encontrar informações necessárias para um parte tão importante para a história do Brasil. Não é necessário apresentar neste artigo a importância da cultura na construção de uma sociedade justa e igualitária, sendo esta plataforma reconhecida em importantes documentos fundamentais na construção de uma sociedade democrática.

A Constituição brasileira (1988) garante os direitos dos cidadãos em terem acesso à cultura, ou seja, cabe a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios em promoverem esse direito, como diz o artigo 23, inciso V: “proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação.” (1988). Entre muitos outros artigos que garantem a legitimação da arte e da preservação do patrimônio cultural: “impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural.” Ou mesmo “proteção ao patrimônio histórico, cultural, artístico, turístico e paisagístico.”

O desmonte da política cultural no Governo Bolsonaro é tamanha que foi necessário que a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) protocolasse uma ação contra Bolsonaro no Superior Tribunal Federal (STF) com argumentações que apontam o desmonte da cultura no país. Em dezembro de 2021, muitos tabloides e imprensas jornalísticas relataram o ocorrido e crise dentro da pasta da cultura. A colunista da Folha de São Paulo, Mônica Bergamo, entrevistou Ricardo Bacelar, o presidente da Comissão de Arte e Cultura da Ordem, e que comentou o ocorrido entre o Governo e a política cultural, ele aponta que há “[...] existência de um movimento orquestrado pela administração pública que vem desmontando todos os organismos que fazem parte do sistema de fomento à cultura.” (BERGAMO, 2021).

Outro arquivo que foi extremamente prejudicada e que marcou o governo foi o Incêndio que atingiu a o prédio Jorge Machado Moreira da Universidade Federal do Rio de Janeiro que abriga a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e a Escola de Belas Artes (EBA), em 2021 (imagem 20)<sup>10</sup>.

O incêndio atingiu o Núcleo de Pesquisa e documentação (NPD-FAU-UFRJ) onde estava catalogado um acervo dos arquitetos brasileiros; felizmente os acervos históricos foram preservados. A notícia teve pouca repercussão no Brasil e isso demonstra como a relação cultural e de memória no país possui um descaso. Novamente, vale ressaltar que estamos falando da universidade que projetou a Arquitetura Moderna Brasileira, seria equivalente ou imaginar um acervo da Escola Bauhaus pegar fogo na Alemanha e prejudicar os trabalhos de: Ludwig Mies van der Rohe, Walter Gropius, Kandinsky, Gunta Stölzl e Paul Klee, para citar apenas alguns exemplos.



Imagem 20: Incêndio em 24 de abril de 2021, atingiu a Reitoria e o Núcleo de Pesquisa e documentação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Além disso, antes do protocolo e dos documentos que questionassem a política cultural de Bolsonaro pela Ordem dos Advogados do Brasil, as decisões da Lei Rouanet estavam sobre jurisprudence de um ex-policia militar alinhado a política

---

<sup>10</sup> A UFRJ foi uma das maiores responsáveis por expoentes da Arquitetura e da Moderna Brasileira, seus arquitetos construíram Brasília e todos os prédios icônicos que projetaram o Brasil no mundo, em sua galeria de alunos ilustres poderíamos citar: Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Roberto Burle Marx, Candido Portinari entre outros.

de extrema direita de Bolsonaro: “Quem pleiteia dinheiro público para a produção de uma peça de teatro, um show ou uma exposição depende agora da aprovação quase que exclusiva de um ex-policial militar sem experiência na cultura [...]” (PARASSOLO; MOURA, 2021).

Os repórteres João Perassolo e Eduardo Moura da folha de São Paulo acreditam que com os desmontes das comissões civis caminhando assim para uma política cultural de censura. Desta forma, todo o conservadorismo cristão, os valores da família e dos bons costumes sob a perspectiva de um governo reacionário, prejudicam todas as camadas sociais além das feridas nacionais expostas em desinformação, mentiras e preconceitos em forma de liberdade de expressão. Recentemente, a dupla de artistas Os Gêmeos (1974 – Presente) rodaram o Brasil<sup>11</sup> com uma exposição individual de retrospectiva de sua carreira, parte dela foi interrompida com a crise da Covid-19. Questionados sobre a política cultural de Bolsonaro, Gustavo Pandolfo apresenta sua visão:

Acho que é o momento dos artistas, mais do que nunca, se unirem porque a gente sabe que, do lado deles, não existe preocupação com a arte. Temos que mostrar a força da cultura e da arte no Brasil e não deixar isso morrer. É lógico que a gente não acredita nesse governo - do que ele é feito e do jeito que eles pensam - e estamos fazendo a nossa parte. O que a gente puder fazer para mudar para melhor esse país - em termos culturais ou sociais, em fazer o bem para o próximo - nós vamos fazer. (HAMA, 2020).

---

<sup>11</sup> A maior exposição *Osgemeos: Nossos Segredos* é uma retrospectiva dos artistas. A exposição apresentada na Pinacoteca de São Paulo e no Museu Oscar Niemeyer (MON), de Curitiba, entre 2020 e 2022. (TOKARNIA,2022). A estreia da exposição no Rio de Janeiro foi em 12 de outubro de 2022 no CCBB.

### 2.2.1. Michelle e seus demônios.

Podem me chamar de fanática, podem me chamar de louca. Eu vou continuar louvando nosso Deus. Vou continuar orando [...] por muitos anos, por muito tempo, aquele lugar foi consagrado a demônios, cozinha consagrada a demônios, Planalto consagrado a demônios. E, hoje, consagrado ao Senhor Jesus.

Discurso de Michelle Bolsonaro (2022).

Não apenas o desmonte da cultura, mas também toda a perseguição no campo das artes chamou atenção ao fazer o levantamento nos acervos jornalístico para a pesquisa dentro da universidade. Antes mesmo da escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), muitas atitudes reacionárias no começo do Governo Bolsonaro alertaram sobre a relação de parasitismo entre a ideologia neopentecostal de Michelle Bolsonaro e a nova morada na Esplanada.

Com a perseguição a Arte Moderna Brasileira e tudo aquilo que é relacionado a cultura, Michelle torna-se uma paladina do conservadorismo. O repórter Matheus Parreiras do Estado de Minas, comenta as falas da primeira dama em comício: “Durante muito tempo aquele lugar foi consagrado a demônios, cozinha consagrada a demônios, Planalto consagrado a demônios, e hoje consagrado ao senhor Jesus” (PARREIRAS, 2022). Quais demônios Michelle teria expulso em sua estada em Brasília? Certamente, sua opinião condenou a cultura, as artes sacras e de matrizes afro-brasileiras no Planalto.

A distopia do Brasil como país laico é condenado desde os primeiros meses do Governo Bolsonaro. O Planalto, moradia oficial do presidente da república, possui um acervo riquíssimo de arte e cultura brasileira, entretanto, tais obras não parecem ser de agrado da família evangélica ultraconservadora e preconceituosa.

Uma das grandes obras retiradas do palácio é a obra de exibição pública intitulada como *Orixás* (imagem 21), pintado nos anos 1960, pela artista Djanira da Motta e Silva (1914 – 1979). O quadro possui significado muito importante para a cultura do país e as religiões de matrizes afro-brasileira como a umbanda e o candomblé. Na pintura há cinco mulheres, entre elas, duas mães-de-santo nas extremidades do quadro e três orixás femininas no centro da composição: a primeira é Iansã, divindade das tempestades; no meio observamos Oxum, divindade representante das águas doces, riachos, das riquezas e da beleza, representando-se

em manto branco e dourado; e a última é Nanã, um orixá que carrega em suas atribuições a sabedoria devido ser a divindade mais antiga, ou seja, a mãe das mães. A trindade é uma representação de mulheres fortes representados pelo atributo de seus orixás. O repórter Rubens Valente da Revista Piauí aponta que o Salão Nobre onde a obra era exposta estava:

[...] no local de trabalho do presidente da República e no coração do poder de um país majoritariamente cristão e católico, religiões minoritárias de raiz africana, como a umbanda e o candomblé – que, segundo o censo do IBGE de 2010, apenas 0,3% dos brasileiros disseram seguir, mas que está nas origens da formação do povo brasileiro desde a escravidão. (VALENTE, 2020).

O destino da obra de Djanira foi condenada ao esquecimento na reserva técnica do Palácio do Planalto e sem previsões para serem expostas ao grande público assim, promovendo um apagamento simbólico das religiões de matrizes africanas. Acreditava-se que a obra seria doada ao Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP), mas tais especulações não foram realizadas. O ex-curador da Presidência da República (2009), Rogério Carvalho, aponta que outros períodos o trabalho de Djanira incomodou e foi na Ditadura Militar: “[...] de acordo com relatos de antigos funcionários da Presidência da República, no passado, o presidente Ernesto Geisel, que era luterano, pediu a retirada da pintura Orixás [...]” (CARNEIRO; URIBE, 2018). O trabalho de Djanira só seria exposto novamente com Ruth Cardoso, primeira dama de Fernando Henrique Cardoso. Com a retirada da obra, ela foi substituída por uma réplica do quadro Pescadores (1958) da mesma artista.



Imagem 21: Pintura Orixás da artista Djanira de 1960.

As questões ideológicas neopentecostais demonstram as feridas Brasileiras e o autoritarismo pútrido dentro do Governo Bolsonaro, ou seja, a condenação ao exílio de uma pintura com referências afro-brasileiras é apenas um dos sintomas de um governo alinhado as plataformas de perseguição nazifascistas. A reportagem do UOL de Rubens Valente aponta que o trabalho de curadoria feita nos governos anteriores houve uma reestruturação do Planalto por conter peças de design, móveis e arte onde apenas 5% das obras eram brasileiras, enquanto ocorria uma Norte-americanização de 95% das outras peças:

Mas aqui no Brasil temos mobiliário, arte, às vezes muito superiores ao que as pessoas encontram lá fora. Fomos resgatar esse mobiliário, recuperamos mais de 900 peças brasileiras. Era esse o sentido da curadoria, mostrar a brasilidade, mostrar o que a gente tem de melhor. (VALENTE, 2020).

Segundo Nelson Fernando Inocencio da Silva, professor de artes da Universidade de Brasília (UnB), acredita que o acervo do Planalto deve ser a representação toda a sociedade brasileira: “Você tirar uma obra daquela por não estar

em conformidade com sua crença é violento, violento. Se a cultura é diversificada, o quadro está ali representando um pouco dessa diversidade.” (VALENTE, 2020). O Palácio é um local de grande visitação de autoridades mundiais, seria um espaço de divulgação das artes brasileiras, o ex-curador Rogério Carvalho comenta o trabalho de curatela:

Os visitantes precisam entrar em contato com tudo aquilo que a arte representa para o país, da cultura, da representatividade. Essas pessoas que vêm de fora precisam entrar em contato com o nosso melhor. Era isso que nós buscávamos. (VALENTE, 2020).

Não apenas a perseguição às artes é atribuída a Michelle Bolsonaro mas também todo o esgotamento cultural e o esvaziamento do símbolo da erudição e da cultura de valorização dos conhecimentos pelos livros como demonstra parte do desmonte na Biblioteca da Presidência da República<sup>12</sup> no Palácio do Planalto. Muitas imagens começaram chamar atenção dentro da casa da presidência quando o acervo estava sendo empilhado de maneira indevida pelos corredores do Palácio (imagem 22).



Imagem 22: Desmonte na Biblioteca da Presidência da República (2020).

---

<sup>12</sup> O acervo da biblioteca conta com de 42 mil itens e 3 mil discursos de presidentes. A local preservar a memória dos presidentes do Brasil.

O projeto de desapropriação da biblioteca fazia parte de um futuro gabinete da Primeira Dama da República e sua equipe do programa Pátria Voluntária, com as obras, a biblioteca ficaria inviável e comprometeria sua função. Para Newton Bignotto, professor titular aposentado de filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): “[...] é possível dizer que a ferramenta de destruição operada por Bolsonaro, posta em marcha pelo desejo de desorganização da esfera política, é a produção voluntária do caos.” (BIGNOTTO, 2022, p.165).

Questionado por jornalistas do O Globo, a presidência não quis informar os objetivos da reforma dentro da Biblioteca do Planalto: “A coluna perguntou à Presidência qual o valor gasto com a reforma, mas não teve resposta. O governo também não quis comentar detalhes da obra e o motivo da diminuição da biblioteca.” (MEGALE, 2020). Questionado, o presidente da república retruca: “Estão descendo a lenha que a biblioteca vai diminuir. Em vez de elogiar a primeira-dama, ficam criticando. Quem age dessa maneira merece outra banana,” (TV GLOBO, 2020).

As fotografias e o esvaziamento da biblioteca, são alegorias de um projeto nefasto onde a política cultural às avessas. Desta maneira, a democracia brasileira vai sendo usurpada e os símbolos da cultura, como os livros e as artes, são exorcizadas. Finalmente os demônios de Michelle podem dormir em paz.

### 2.3 A crise Estética e o resgate da bandeira nacional 🟡💚

Hoje, pedi para aquele bandeirão que existe, mandei pegar um usado, enorme. Mande botar um no Alvorada, que é minha casa...

Jair Messias Bolsonaro (2022).

O termo que deu origem ao meme foi uma publicação no *twitter* do artista André Dahmer em 30 de março de 2016 na época das manifestações de impeachment contra a ex-presidenta Dilma Rousseff. O comentário era sobre o pato amarelo gigante da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e que tornou-se símbolo da direita.



Imagem 23: Maldita arte degenerada de André Dahmer (2018).

Nanquim e ecoline 15,5x21,5cm.

Em 2021 o artista apresentará uma exposição *Ainda Estamos aqui* na galeria Silvia Cintra + Box 4 onde marcará presença toda a crise política e estética do Brasil bolsonarista além das sátiras dentro do universo da arte contemporânea. Na ilustração *Maldita arte degenerada* (2018) o artista brinca com a reação política do conservadorismo da arte e a perseguição da arte moderna no Nazismo de Hitler (1933 – 1945) (imagem 23). No trabalho, observamos um senhor de roupas finas, observando um quadro em uma galeria. O desenho em questão é uma referência a *Peppa Pig* (2004 – presente), animação infantil mundialmente conhecida. O estilo

com linhas simples e cores chapadas dedicadas a idade pré-escolar. A personagem Peppa tornou-se meme na internet devido seu comportamento tempestuoso e malcriado, entretanto, o que André Dahmer brinca com seu trabalho, é uma contestação dentro das redes sociais sobre o formato fálico do rosto de Peppa e sobre toda sua família. Vale lembrar que o desenho é um sucesso entre as famílias de classe média, pois a animação infantil é parte do canal a cabo *Discovery Kids*. Desta forma, Dahmer apresenta uma crítica ácida entre a elite brasileira e seus canais de consumo.

Com a **crise e a estética reacionária** das cores auriverde da bandeira nacional, usurpadas pela extrema direita, tornou-se símbolo de uma ideologia política. Em 1949, o poeta Vinícius de Moraes diria: "Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta | Lábaro não; a minha pátria é desolação."

As questões como "nossa bandeira jamais será vermelha" é um jargão contra os partidos alinhados a política de esquerda quanto uma crítica direta ao Partido dos Trabalhadores:

[...] uma terrível avalanche nostálgica que elegeu a bandeira nacional para embrulhar a fantasia de um regresso, a unidade patriótica ao passarem incorrupto, a ordem e o progresso que bem sabemos nunca se concretizaram amplamente para além da convicção positivista e mesmo que não possamos sair disso cabe-nos pensá-lo indagar seus sentidos e mecanismos e também as possibilidades da arte de fazê-lo nos tempos nesses tempos repetidamente sombrios. (CORREIA, 2021).

Para o Mateus Gamba Torres, da Universidade de Brasília (UnB), acredito no uso exagerado do patriotismo e dos símbolos nacionais sejam comuns de momentos mais autoritários no Brasil:

Principalmente em momentos ditatoriais da nossa história, como durante o Estado Novo ou a ditadura militar, as cores verde e amarela são trazidas para os governos, principalmente aqueles relacionados à extrema-direita e a um nacionalismo exacerbado. Essas cores pertencem ao Estado brasileiro, que é algo permanente e diferente do governo. Mas líderes autoritários tendem a confundir propositalmente as duas coisas. (BRAU, 2022).

Assim, a aversão as cores patrióticas tornaram-se muito presentes no dia-dia nacional não querendo ser confundido com eleitores da extrema direita. No

evento Arte em Tempos Sombrios, 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), a professora e pesquisadora Patrícia Corrêa, da Escola de Belas Artes da UFRJ, comentou sobre as relações estéticas e conceituais com a bandeira nacional e essa usurpação da extrema direita:

[...] Desde meados de 2018, eu vejo das minhas janelas, no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, vários daqueles retângulos de tecido em que predominam o verde o amarelo e o Azul com o losango e um círculo concêntricos com estrelinhas e as palavras que bem conhecemos. Presas a grades e parapeitos de janelas dos edifícios circundantes o meu, tornaram-se praticamente inescapáveis ao olhar e assim bastante torturantes na sua imposição cotidiana [...] (CORREIA, 2021).

O bairro de Laranjeiras é historicamente uma região no Rio de Janeiro de classe média e alta que vota em políticos de esquerda. O crescimento da extrema direita influencia em todas as regiões da cidade. A professora continua sua fala e sobre os símbolos patrióticos do seu bairro:

É que a invasão de bandeiras brasileiras no campo visual da cidade ganhou novos sentidos nos últimos anos. Se antes ela nos lembrava sobretudo a proximidade da copa do mundo e esses momentos raros em que de fato dava para sentir alguma consonância coletiva, a invasão mais recente deriva de outro movimento que parece ter sido acirrado na última eleição presidencial, mas desde o início do segundo mandato de Dilma Rousseff em 2015 já se anunciava em manifestações de rua e foi se intensificado deste então. (CORREIA, 2021).

Pensando em uma arqueologia da imagem das bandeiras brasileiras estendidas nas varandas da classe média, nos carros de passeios, uma fotografia de Emílio Garrastazu Médici e sua família comemorando a Copa do Mundo de 1970 (imagem 23):

Parece que essa é a mensagem que emanadas bandeiras que vejo pelas ruas do Rio de Janeiro. Mesmo para quem como eu, que nunca ligou outra símbolos pátrios, seu sentimentalismo, essa invasão impõe alguma reflexão que nos permitia concatenar o Brasil de hoje e talvez nos ajude a enfrentar

o próximo *round* eleitoral, que certamente mudará o nosso panorama com mais Bandeiras. (CORREIA, 2021).



Imagem 24: O então presidente Médici comemora a conquista da Copa do Mundo (1970) Gazeta Esportiva, 22/06/1970.

As cores nacionais usurpadas estão sendo ressignificadas em movimentos pelo mundo e criando tendências de moda entre influenciadores dos meios digitais, modelos e cantoras. Conhecido como *Brazilcore* ou *Brazilian Aesthetic*, já foi utilizada no país em outros tempos, como nas periferias da cidade e favelas brasileiras: “A partir de 2022, um movimento iniciado por artistas ressaltou a importância de não deixar políticos se apropriarem dos símbolos nacionais.” (MARQUES, 2022).

A tendência não está apenas nas camisas, mais quaisquer acessórios de vestimenta como nos chapéus, brincos, pulseiras, roupas e sandálias de praia. Uma das imagens que viralizaram na internet foi da modelo norte-americana Alex Consani (imagem 25), usando uma regata brasileira, nas ruas de Paris. Ela é filha de uma designer brasileira. A modelo norte-americana é filha da designer brasileira Kennya Baldwin.



Imagem 25: Modelo norte-americana Alex Consani em Paris (2022).

Outro perfil que viralizou com a tendência do *Brazilcore* foi o da influenciadora brasileira Manu Borges com um casaco da seleção brasileira, uma bolsa amarela e calça jeans. (imagem 26). Para ex-estilista Verena Figueiredo: “A gente viu um trilhão quatrocentos e cinquenta e nove mil vídeos e em todos eles, as imagens eram as mesmas cinco garotas gringas usando esse tipo de roupa.” (GOMES, 2022). Já a stylist Suyane Ynaya comenta:

Acho potente ver a nossa cultura chegando em grandes lugares, mas sinto o cheiro do perigo pois sempre perdemos muito com isso. Trends viralizando e mostrando pessoas de fora usando camisas de time, como se aqui esse trabalho não tivesse sendo feito desde sempre. (OLIVEIRA, 2022).



Imagem 26: Influenciadora Brasileira Manu Borges e o *Brazilcore* (2022).

No mesmo período, um outro perfil gigante das redes sociais foi da influenciadora Hailey Bieber, esposa do cantor Justin Bieber, postou em suas redes sociais o tênis *Nike Dunk Low Brazil*, ao lado dos emojis da bandeira do Brasil e dois corações verde-amarelo (imagem 27). O próprio esposo também apareceu com o tênis da Nike, com as cores do Brasil.

Como futuro historiador da arte, penso na importância das apropriações das imagens e suas ressignificações, mas é necessário pensar que essas tendências internacionais não são necessariamente uma manifestação de desapropriação envolvendo a política de extrema direita brasileira como veremos as manifestações políticas dentro do Brasil com nomes como Ludmilla, Anitta e Djonga. Além de usarem as cores do Brasil, mas também seus corpos são extremamente políticos (todos são negros) e manifestam esse ressignificado em grandes shows de música em estilo musical que historicamente foram destinados aos públicos diversos pelo país.



Imagem 27: Influenciadora Hailey Bieber e o cantor Justin Bieber usando o Nike Dunk Low Brazil reforçando o estilo *Brazilcore* ou *Brazilian Aesthetic* (2022).

A repórter Ana Flávia Marques escreveu uma matéria para o jornal “O Povo”, ela comenta que uma criadora de conteúdo no TikTok, Amanda Hönel aponta que há anos blusas de time são usadas em composição das roupas, principalmente na periferia. Desta forma, é sempre importante pensar criticamente sobre as tendências internacionais: [...] a estética brasileira precisou ser aderida por personalidades estrangeiras, em sua maioria mulheres brancas, magras e de classe alta, para ser aceita pelo público brasileiro em geral. (MARQUES, 2022).

As fotografias da Artista Salen, moradora da Rocinha, reforçam como essas tendências podem ser apenas estéticas, como apropriações das cores brasileiras, mas que dentro do Brasil profundo essas questões sempre foram valorizadas. Ela possui um projeto no *Instagram* chamado @afotogracia. As imagens funcionam como um portfólio da Rocinha, a maior favela da América Latina, sendo uma verdadeira cidade dentro da Zona Sul do Rio de Janeiro (imagem 28). Os repórteres da Revista *Veja* comentam: “A artista a considera um grito de liberdade, retratando tendências do gueto, das favelas, das aldeias. Suas fotos expressam beleza, alegria, dor. Mostram a favela além da imagem negativa construída em narrativas midiáticas regulares.” (EDUARDO; RODRIGUES; BRITO, 2021).



Imagem 28: As fotografias de Salen registra a vida dentro Rocinha (2022).

Outras imagens brasileiras que foram associadas a tendência *Brazilcore* ou *Brazilian Aesthetic* foram as fotografias do Brechó de São Paulo Pokito d'Estilo, devido as locações em butiquins e modelos vestindo roupas vintage do Brasil. (imagem 29).



Imagem 29: As fotografias Brechó de São Paulo Pokito d' Estilo (2022).

\*\*\*

Seja uma tendência mundial, uma viralização de rede social, ou apenas a exploração das cores de *Brazilcore* o *Brazilian Aesthetic*, sem uma reflexão política, seria apenas de uma estética desassociada com a realidade da cultura Brasileira (imagem 30), principalmente quando pensamos sobre uma moda alinhada a influenciadores, em sua grande maioria, norte-americanos e europeus. Será que essas pessoas realmente entendem o que está acontecendo no Brasil e a guinada da extrema direita dentro da política? Certamente, não. Entretanto é importante salientar que tais tendências são ressignificadas no Brasil entre os cantores, desacorrentados da crise Estética, os artistas tendem e apropriando-se das cores nacionais como um resgate dos símbolos patrióticos.

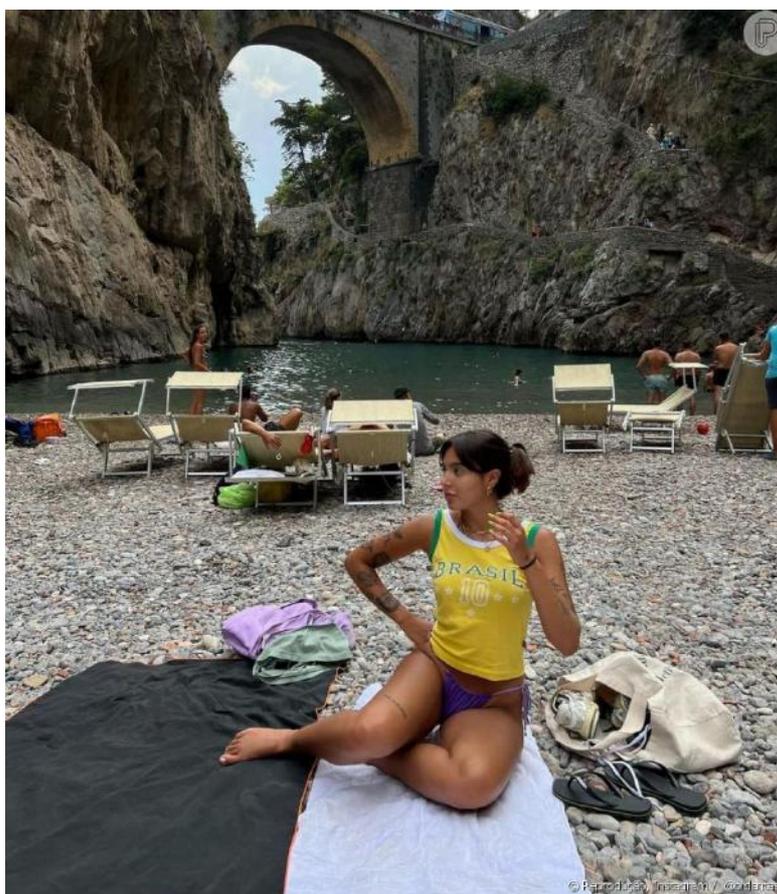


Imagem 30: A influenciadora Brasileira em Fiordo di Furore, Capri (Itália).2022.

Com a guinada de um nacionalismo de extrema direita, a moda tendeu a reapropriar e resgatar as cores nacionais. Muitos cantores como Ludmilla, Anitta e Djonga estão resgatando essa nacionalidade nos maiores eventos de música do

mundo como o Rock in Rio (2022) e Festival Coachella (2022). Para o professor Edilson Márcio Almeida da Silva, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF): “As pessoas estão começando a entender a forte carga simbólica que o verde e amarelo carrega no nosso país e que essas cores não pertencem somente a um segmento.” (BRAU, 2022).

A cantora Ludmilla é abertamente fã e militante do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e, nos últimos meses, a cantora vem vinculando a bandeira nacional em diversos shows: “a funkeira pediu para que os fãs fizessem o L e anunciou o início de um baile de favela.” (BRAU, 2022). Nos suas redes sociais, a cantora constantemente comenta com seus fãs sobre política. As fotos do Rock in Rio (2022), observamos o resgate das cores nacionais (verde, amarelo e azul) nas roupas dos componentes do grupo e o símbolo do L (de Lula) em uma música de encerramento “Baile de Favela” (imagem 31).



Imagem 31; No show do Rock in Rio (2022), a cantora Ludmilla as cores da bandeira nacional.

A Cantora Anitta apropriou-se das roupas brasileiras em toda a apresentação no Festival Coachella (2022) na Califórnia. O cenário era uma grande favela e seus dançarinos usavam roupas em cores diversas. A cantora levou a cultura brasileira em dos maiores festivais do mundo, e continua tornando-se um dos símbolos da música popular brasileira (imagem 32).



Imagem 32: A cantora Anitta no Festival Coachella (2022).

Já o rapper Djonga, no Breve Festival em Belo Horizonte, subiu no palco com uma blusa brasileira e puxou uma manifestação contra o governo Bolsonaro e a extrema direita. O cantor chegou a cursar História na Universidade Federal de Ouro Preto mas precisou abandoná-la devido sua carreira como músico (imagem 34).



Imagem 34: Rapper Djonga, no Breve Festival em Belo Horizonte (2022).

Muitas fotografias, neste subcapítulo, serviram para exemplificar as relações estéticas e o resgate das cores da bandeira nacional. Desta forma, a arqueologia dessas imagens reconstrói na compressão do imaginário brasileiro contemporâneo. Sendo o *Brazilcore* ou *Brazilian Aesthetic*, uma tendência internacional ou não, ela está presente em discursões das grandes mídias jornalísticas e gerou um constante debate entre influenciadores de conteúdo nas redes sociais (*Instagram, Facebook, TikTok*). Com as cartas em jogo, cabe-nos, como historiadores da arte, tentar catalogar, registrar essas fotografias, investigar os fatos, entender as reverberações dessas imagens e quais são os símbolos patrióticos (ou não) que elas estão atreladas. Toda essa reflexão compreende também que a indústria cultural, as tendências estéticas e a moda possuem: cor, classe social e a hegemonia ocidentalizada. Entretanto, não é possível ignorá-la nem as imagens que a ancoram.

As tendências políticas da extrema direita e o sequestro das cores nacionais estão em uma constante luta de apropriações e narrativa das imagens. Assim, os artistas, com seu poder de persuasão, são grandes aliados nas ressignificações no resgate dos símbolos patrióticos mergulhados em *crise estética*. Para além da tendência da *Brazilcore* ou *Brazilian Aesthetic* talvez eu prefira outras imagens que projetaram o Brasil para o mundo, transformando em ícone nacional (imagem 35), que nos temos da internet, é ótimo resumo do país: *This represents Brazil more than soccer and samba*.



Imagem 35: O cachorro e o menino viralizaram na internet e foram reconhecidas mundialmente com o meme *Brazil Dog Dance* (2016).

### 2.3.1 Arte Reacionária: Bala sobre tela e outras homenagens.

A gente não vai perseguir ninguém, mas o Brasil mudou. Com dinheiro público não veremos mais certo tipo de obra por aí. Isso não é censura, isso é preservar os valores cristãos é tratar com respeito a nossa juventude, reconhecer a família.

Jair Messias Bolsonaro (2019).

Como observamos em toda a pesquisa, nunca houve uma importância ou política pública consolidada para a cultura. A frase de Bolsonaro, na epígrafe deste capítulo, foi dita em uma videoconferência no 3º Simpósio Nacional Conservador ocorrido na cidade de Ribeirão Preto (SP). Na ocasião, o presidente comentou sobre os diversos casos de mudança dentro dos órgãos responsáveis pela cultura no país. Como visto nos subcapítulos anteriores, observamos que há uma forte perseguição relacionada a arte no país. Entretanto, quais são as artes permissivas em circular dentro do governo? Quais são as obras que preservam os valores cristãos, da família e dos “bons” costumes?

O nome de Rodrigo Camacho começou a surgir nas redes sociais devido sua homenagem aos políticos de extrema direita brasileira (imagem 36). Para além disso, ele sempre esteve no foco das situações políticas que envolveram as forças armadas, um dos exemplos é a homenagem ao o atirador de elite que matou o sequestrador na ponte Rio-Niterói, em agosto de 2019.

O principal suporte para o trabalho de Camacho são cartuchos de bala, que devido sua variação de cor (prata, dourado e preto), ajudam no contraste da imagem, criando assim a imagem dos homenageados. Desta forma, essas imagens são exemplos pelos quais apresentamos uma iconografia bélica e militarizada em um país extremamente reacionário. Não é possível perceber uma reflexão entre o suporte dos cartuchos de bala na construção da imagem política, não há uma crítica filosófica dessas iconografias, são apenas homenagens pátrias. Segundo o artista:

A intenção é mostrar para a sociedade que a polícia, as Forças Armadas, treinam muito para defender a população. Aquilo [os projéteis] representa a quantidade de vezes que eles treinam para não errar. É uma profissão muito difícil. As obras servem também para enaltecer, como forma de agradecimento, por estarem na rua pela gente. (LORRAN, 2019).



Imagem 36: Homenagem de Rodrigo Camacho para o ex-vereador do Rio de Janeiro Wilson Witzel (preso), Jair Bolsonaro e Sergio Moro, ex-ministro da Justiça (2019).

Não apenas políticos foram homenageados por Rodrigo Camacho, mas também o projeto de partido da extrema direita chamado Aliança pelo Brasil (2019) (imagem 37). O grupo foi criado pelo próprio presidente da República.



Imagem 37: Placa de Rodrigo Camacho da Aliança pelo Brasil. Foto: Gabriela Biló/Estadão.

O painel de Camacho faz uma homenagem ao grupo trabalhando cápsulas de bala de diversos calibres. O trabalho foi dado em um dos primeiros encontros na convenção da sigla em 21 de setembro de 2021:

A imagem pesa 50kg e é composta por 400 cartuchos de calibre .50 e 3 mil de pistola. Segundo Rodrigo, as balas foram cedidas pelas Forças Armadas, oriundas de treinamento dos integrantes. Ele não cobrou pela produção da placa. (VINHAL; LIMA, 2019).

Outra figura que tornou-se emblemática no governo Bolsonaro foi as pinturas da carioca e subcelebridade Lucimary Billhardt. Os trabalhos normalmente homenageiam figuras da extrema direita brasileira misturando alegorias religiosas, animais em posição de prece, símbolos da direita ou mesmo usa dos adversários políticos do presidente simbolizando demônios. Pensando em conceitos formais, ela usa tons extremamente dissonantes, cores patrióticas, pouca presença de estudos anatômicos ou compositivos. (imagem 38).



Imagem 38: Trabalhos de Lucimary Billhardt.

Ou seja, os trabalhos de Lucimary Billhardt são de uma artista em começo de carreira, ela começou a pintar em 2019. Isso não é uma problemática, entretanto, é curioso tentar entender porque ela tem tanta capilaridade entre os políticos da extrema direita.

Os trabalhos fazem sucesso entre os seguidores do presidente. Ela está presa nos conceitos da **Estética Reacionária**, apresentada anteriormente. Pensando nas relações de arte, aparentemente Lucimary Billhardt, não possui nome no mercado de arte, nos leilões ou mesmo em todo o sistema de arte (coleccionadores, Marchands, galerista). Seu trabalho não está em museus, centros culturais ou coleções. Entretanto, um trabalho de Lucimary Billhardt pode ser transportado pelos aviões da Força Aérea Brasileira (FAB). O trabalho apareceu diretamente para uma *Live* de Bolsonaro em 17 de março de 2022 (imagem 39). Em entrevista concedida por e-mail para O Globo, Brillhardt comenta:

O custo de enviar pelo Correio seria alto, pois precisava de embalagem especial bem cara. Então tive a ideia de perguntar à FAB se seria possível inclui-la num voo que fosse já esquematizado para Brasília. Contatei a base aérea do Galeão e perguntei, eles me informaram (que) se não fosse grande, incluiriam no voo. E assim foi feito uma semana depois! Aliás, foi dito que a Força Aérea nos serve, pois nossos impostos pagam! Tenho eterna gratidão à FAB, pois seria muito difícil de outra forma. (GULLINO, 2022).



Imagem 39: Trabalho de Lucimary Billhardt, apoiadora de Bolsonaro, transportado por um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) em 2022.

Lembramos que estamos comentando um governo que não possui projeto político para a cultura. Apesar de pouca visibilidade artística possuem seguidores e líderes importantes da direita e extrema direita brasileira: Com pouco mais de 5 mil seguidores no Twitter, entre eles o próprio Bolsonaro, o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), o ex-ministro Ricardo Salles e a deputada federal Bia Kicis (PL-DF). (GULLINO, 2022).

Vale lembrar que não são apenas esses trabalhos de Arte Reacionária que Bolsonaro recebeu, muitas vezes entregues no Planalto. Acredita-se que o presidente já ganhou 7,5 mil presentes, dentro eles, 83 bíblias. Deste os presentes, podemos destacar uma réplica de madeira de Bolsonaro (imagem 40), ela “foi entregue por um apoiador no dia 6 de setembro, no momento em que o presidente escalava o discurso golpista para os atos no Dia da Independência.” (HOLANDA; VARGAS, 2022). Na ocasião a estátua de madeira viralizou na internet e virou meme devido seu caráter cômico. “A peça chegou a ser colocada no segundo andar do Planalto, mas foi retirada.” (HOLANDA; VARGAS, 2022).



Imagem 40: Bolsonaro e o ministro Eduardo Ramos (Secretaria Geral).

A imagem foi postada no Twitter do Secretário;

Um outro trabalho que chamou atenção foi um painel de 2,51 metros de altura por 10 metros, instalado no Palácio do Planalto. O trabalho foi feito por um apoiador do presidente e possui um destaque mediante ao local privilegiado da obra, em uma das principais entradas “uma vez que visitantes têm acesso e quem chega ao local, normalmente, passa por ali.” (HOLANDO; COLETTA, 2022). Outro destaque que as repórteres do Jornal Folha de São Paulo apontam é o fato do fundo ser em granito preto e contrasta com as cores vivas do quadro: “Segundo relatos, foi o próprio artista que sugeriu colocar o painel no térreo no Planalto.” (HOLANDO; COLETTA, 2022).

O Trabalho é de Heinz von Haken Budweg (imagem 41), alemão naturalizado brasileiro. Diferentemente dos trabalhos vistos anteriormente, este se destaca devido sua técnica pictórica. O trabalho possui o título da campanha eleitoral de Bolsonaro em 2018, *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*. Apenas das características compositivas, o artista apresenta muitos clichês sobre a “essência brasileira”, indígenas, negros, flora e fauna, além de relações com o movimento de bandeirantes e do garimpo. A construção da composição é extremamente contemporânea, porém, sua narrativa está presa as ideologias da Academia do Século XIX, no indianismo, na busca dos heróis nacionais e da pintura eloquente. O presidente comentou: “Nós vamos deixar em um local aberto ao público, até para mostrar que isso, sim, é uma arte de verdade. Isso é obra de arte, pessoal, tá ok? (HOLANDO; COLETTA, 2022).



Imagem 41: Brasil acima de tudo, Deus acima de todos de Heinz von Haken Budweg (2022).

Além de todos os presentes, uma das imagens que chamou atenção ao fazer o levantamento iconográfico sobre a Arte Reacionária foram as fotografias do Gabinete do Presidente da República e conseqüentemente os trabalhos pendurados na parede. O presidente que pouco fazia questão das pautas culturais e artísticas colecionava algumas obras dentro de sua sala.

\*\*\*

Ao longo do mandato, era possível observar o crescimento de trabalhos que retratassem a sua vida pessoal, tanto em atos políticos quanto da vida privada. Para Lauro Jardim, existia uma “obra de arte” inusitada na sala presidencial (2020). Misturado em um grande acervo do Palácio do Planalto, as obras de Bolsonaro misturam entre os trabalhos como os abstracionismos geométricos de Milton Dacosta entre outros.

A fotografia do Gabinete presidencial (imagem 42) que analisaremos é uma referência interessante para pesarmos as relações estético-formais e o colecionismo do Presidente da República. Quais imagens que devem ser historicizadas? Por que tais trabalhos de arte possuem capilaridade dentro de um dos gabinetes mais

importantes do presidente da república cuja a pasta da cultura sempre esteve atacada? É necessário portanto entender quais são as origens desses quadros, seus realizadores e as aproximações nazifascistas.

Na imagem, observamos Jair Messias Bolsonaro em uma de suas reuniões triviais dentro do gabinete oficial da república. Não foi possível identificar as outras quatro pessoas conversando com o presidente. A fotografia foi captada em meados de 2021. Misturados com obras de design brasileiro como as Poltronas Leve Oscar Niemeyer de Sergio Rodrigues (1956), observamos também uma coleção de obras na parede do gabinete. É necessário identificar esse conjunto de imagens e suas mensagens. Na parede, há cinco trabalhos divididos entre fotografias e trabalhos em grafite.



Imagem 42: Bolsonaro em uma reunião dentro do Gabinete da Presidência. A imagem chama atenção devido os trabalhos na parede e fotografias de motocicletas.

Da esquerda para direita, observamos uma primeira imagem. A princípio, ela está muito distante do nosso foco e foram necessárias outras imagens para tentar identificá-la. Apenas com essa imagem, era possível perceber que tratava-se de uma imagem fotográfica com muita presença de verde. A fotografia em ocasião foi um jogo de futebol, o presidente da república participou em 28 de dezembro de 2020 em plena

pandemia de Covid-19. O jogo foi realizado na cidade de Santos no Estádio Vila Belmiro, descumprindo um dos decretos do governador João Dória (PSDB) em relação as medidas restritivas. O evento beneficente “Natal Sem Fome” era promovido por Narciso, um ex-jogador dos Santos. Na ocasião: “Bolsonaro diz que não aguenta lockdown e elogia quem desrespeita o isolamento.” (GALHARDO, 2020).

Na fotografia em questão, o presidente da república recebeu uma bola de um dos jogadores do time e chutou para o gol, depois o presidente posou com os outros jogadores em fizeram sinal de arma (imagem 43). E nesse contexto Bolsonaro também fez comentários sobre o racismo no país:

O presidente aproveitou o ambiente futebolístico para reclamar das críticas pelo uso de palavras racistas [...] A gente não pode mais fazer brincadeira no Brasil. Tudo é preconceito, racismo. Ninguém está requeito desqualificar ninguém, mas nós fomos acostumados a nos tratar dessa maneira.” (GALHARDO, 2020).



Imagem 43: Bolsonaro desrespeitando o lockdown em um evento em Santos.

A segunda imagem é baseada em uma fotografia de Wilson Dias da Agência Brasil. Essa fragmentação fez muito sucesso nas redes sociais e nos grupos bolsonaristas devido a posição contundente do presidente. A fotografia é de 2016 quando o presidente era Deputado, durante uma sessão do Conselho de Ética da Câmara devido a apologia a tortura que o deputado ao torturador da ditadura militar,

o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, durante a votação do impeachment de Dilma Rousseff (PT):

Na ocasião, o deputado de extrema direita disse: Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim. (BENITES, 2016).

O trabalho de pintura recorta uma pose onde o presidente da república está em posição firme, apontando em direção do observador. A posição da imagem é semelhante ao cartaz do Tio Sam ilustrado por James Flagg (1917) no contexto da Primeira Guerra Mundial, onde a personificação da república convoca os norte-americanos para guerra: "I Want You for U.S. Army" ("Eu Quero Você para o Exército dos EUA").

Entretanto, a contextualização do fato histórico não é nada enobrecedora. Essa inversão de valores bolsonaristas estão alinhados aos discursos nazifascistas e a estética reacionária. Ou seja, as imagens que são historicizadas pelos apoiadores bolsonaristas, sejam elas na parede do gabinete, sejam elas eternizadas nos trabalhos de arte, faz com que as pessoas não tenham noção do fato histórico. Na ocasião, Bolsonaro estava envolvido em um processo de cassação do mandato. Não há motivos para comemorar um Deputado da República, pago com dinheiro público envolvido em questões de repúdio internacional. Essas imagens devem ser eternizadas não como um gesto heroico e enobrecedor, como observamos no panteão presidencial, mas como imagem de desprezo ao Estado Democrático de Direito: "[...] Ele se vê como um líder de uma massa militar hierarquizada, afeita à luta e disposta ao emprego contínuo da violência." (BIGNOTTO, 2022, p.152). Nessa ocasião do Conselho de Ética, o então Deputado Bolsonaro era reconhecido como recordista de denúncias dentro do conselho. A reportagem do Congresso em Foco aponta que Bolsonaro,

Já recebeu seis punições por causa de pronunciamentos agressivos e entrevistas polêmicas. Foram três censuras verbais e duas por escrito. Em todos os casos, escapou da abertura de processo de cassação do mandato. Em 2000, chegou a dizer que o então presidente Fernando Henrique

Cardoso (PSDB) deveria ter sido fuzilado durante a ditadura. (SARDINHA, 2017).

Quando observamos a fotografia original, Bolsonaro aponta para o Ricardo Izar (PSD-SP), então Presidente do Conselho de ética.

O trabalho do pretende da república no conselho de ética é do Marco Angeli, foi diretor de arte de várias agências publicitárias em sua carreira. Aparentemente o quadro é um trabalho de pintura, em seu blog pessoal, sempre está acusando o Superior Tribunal Federal (STF) de golpe. Analisando alguns vídeos em redes sociais bolsonarista, foi possível observar os dizeres no verso do quadro: "Ao lado do homem que trouxe de volta a esperança ao povo brasileiro". Na ocasião, foi feito uma pequena cerimônia, um vídeo da entrega do quadro e fotografia: "Presidente afirmou que irá pendurar pintura de si mesmo." (AMADO, 2020). E tais promessas foram cumpridas como observamos anteriormente no Gabinete da República. Em resumo, Bolsonaro recebe um quadro de um apoiador que acusa STF de golpe (imagem 44).



Imagem 44: Bolsonaro e Marco Angeli em seu Gabinete (2020).

A terceira imagem é um quadro redondo retratando a primeira dama Michelle e Jair Bolsonaro em sua festa de casamento em 2018. Seria um trabalho de grafite

ou óleo sobre tela? Não foi possível encontrar os autores desse trabalho, entretanto podemos apresentar a contextualização dessa festa de casamento como aponta uma reportagem da Folha de São Paulo. Na ocasião, Michelle Bolsonaro “diria *nada de vermelho* à cerimonialista Elenita Teixeira Lobo. Bolsonaro, satisfeito por ter algum álcool na festa (em que funk, música ao vivo e escola de samba foram vetados pela noiva, *muito religiosa*, lembra Elenita.” (LINHARES, 2018).

Os últimos trabalhos estão no canto superior direito, são fotografias das Motociatas cujo o Presidente da República participou. As analisamos nos capítulos anteriores. Mas vale ressaltar, que Bolsonaro historiciza essas fotografias como atos heroicos. Uma das imagens é de autoria de Alan dos Santos (imagem 45). A motociata ocorreu aconteceu em 12 de junho de 2021 em São Paulo.



Imagem 45: Motociada em São Paulo onde observamos Bolsonaro no centro da fotografia (2021).

Neste conjunto de imagens, podemos observar um recorte da vida pessoal do presidente e de atos antidemocráticos. Estão expostos no Gabinete da República em lugares privilegiados e através da composição das imagens, a história é recontada. São fantasiosos, reconstruídos como atos heroicos, desde momentos triviais de

futebol, mas também na criação de uma narrativa heroica retumbante, viril, defensor da família (como a imagem do casamento), da moral e dos “bons” costumes.

A técnica dos trabalhos deve ser de fácil entendimento para que a população compreenda a mensagem de maneira simples e direta. A construção da parede do Gabinete Presidencial não é ingênua, há constantes ataques a democracia, misturam-se com trabalhos mundialmente conhecidos e de artistas que projetaram a arte brasileira. As paredes de Brasileira também são usurpadas, não apenas em imagens descompromissadas da realidade nacional, mas também recheadas em narcisismos presidencial. Já diria Caetano Veloso em Sampa (1978): “Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto. Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto. É que Narciso acha feio o que não é espelho.”

## 2.4 A Queda do Nazifascismo Brasileiro, mazelas nacionais, reconstituição democrática e recomeço.

Esconjurar a ignorância, que tal?

Desmantelar a força bruta

Então que tal puxar um samba

Chico Buarque (2022).

A eleição para Presidente da República aconteceu nos dias 02 e 30 de outubro de 2022, foi necessário segundo turno devido a concorrência do cargo. No primeiro turno, “Lula obteve 57.257.473 (48,43% dos votos válidos) e Bolsonaro alcançou 51.071.106 (43,20%) dos votos, respectivamente.” (TRE, 2022). Em segundo turno, Lula foi eleito com 59.563.912 votos (50,83% dos votos válidos), como presidente da República. Observando os resultados, podemos constatar algumas informações: a votação foi extremamente acirrada, demonstrando como o eleitorado continua dividido. Seria **possível** pensar na queda do proto-fascismo Brasileiro? É **possível** pensar uma reconstituição democrática e recomeçar?

Diante a natureza deste trabalho de pesquisa, vale lembrar que não há um afastamento histórico necessário para uma análise mais ampla das fontes primárias neste momento político. Escrevo este texto com poucos dias após o final das eleições e antes do prazo limite estabelecido para a finalização deste trabalho. Pensando em uma análise fenomenológica deste momento histórico, eu comentaria que há duas grandes sensações que ocorrem pelas ruas das cidades: **alívio** e **tensão**.

Os conceitos são conflitantes, mas resumem o clima pós-eleitoral do Brasil contemporâneo. O **alívio** está relacionado ao Estado Democrático de Direito, parece delírio pensar neste conceito após a redemocratização do país. Em um governo de extrema direita, vemos o quanto a democracia esteve em jogo. Após a eleição, tudo se assemelha a desaceleração e ao assentamento, boa parte dos jornalistas parecem respirar mais aliviados, mais esperançosas e o Brasil parecem sorrir novamente.

Em sua campanha, Lula prometeu governar para os mais pobres e vulneráveis. Sua expressividade de votos vinda do Nordeste e de pessoas com um salário mínimo. Observemos apenas o exemplo das três primeiras capitais onde o Lula ganhou: 1º Salvador (Bahia) 1.089.899 (70,73%), 2º Teresina (Piauí) 317.918 (66,44%) e São Luís (Maranhão) 363.131 (60,38%). A **tensão** estava relacionada diretamente ao

resultado das urnas e da relação pós-eleição. A extrema direita iria aceitar o jogo democrático das urnas?

Jair Messias Bolsonaro foi o presidente que mais demorou para admitir uma derrota nas urnas, quebrando mais um dos diversos protocolos que o cargo político exige. Dois dias de silêncio foram necessários para que Bolsonaro admitisse sua derrota e em seu primeiro pronunciamento, atacou a esquerda e comentou sobre as manifestações contra as eleições que espalhavam pelo Brasil. A matéria do Portal de Notícias G1 apura a situação política: “Em um discurso de pouco mais de dois minutos, e sem responder perguntas de jornalistas, Bolsonaro disse que cumprirá a Constituição e agradeceu os votos que recebeu, mas não citou Lula”. Dizer que cumprirá a Constituição é mais uma frase distópica do Brasil contemporâneo. Em seu discurso de derrota Bolsonaro comenta sobre as manifestações antidemocráticas que espalhavam pelo país:

“Os atuais movimentos populares são fruto de indignação e sentimento de injustiça de como se deu o processo eleitoral [...] As manifestações pacíficas sempre serão bem-vindas, mas os nossos métodos não podem ser os da esquerda, que sempre prejudicaram a população, como invasão de propriedades, destruição de patrimônio e cerceamento do direito de ir e vir.”  
(G1, 2022).

Depois da eleição, grupos de Bolsonaroistas ainda fazem acampamento em frente aos quartéis gerais, pedindo intervenção militar. No feriado da Proclamação da República (15 de novembro), continuaram a não aceitar os resultados das urnas e usaram desta data cívica desejando intenções golpistas:

Os manifestantes declaravam não aceitar o resultado das urnas — que registraram o desejo da maioria dos brasileiros. E defenderam um golpe por meio de intervenção militar no governo — uma afronta à constituição do Brasil e à democracia [...] O Ministério da Defesa entregou ao TSE o relatório que a pasta fez sobre o sistema eleitoral sem apontar fraude. (G1, 2022).

Uma equipe de reportagem da Revista Veja infiltrou-se no acampamento bolsonarista em frente ao Quartel General do Exército em Brasília: “O acampamento está montado desde o fim do segundo turno e segue em clima de colônia de férias da

extrema direita.” (CHAPOLA; BORGES, 2022). O que encontraram foram desinformação, comida de graça e orações. Não apenas esse acampamento citado na matéria, mas não foi possível identificar uma intervenção da polícia militar ou do exército sobre esses acampamentos ilegais e antidemocrático. Como comentado ao longo da pesquisa, eu acabo conhecendo os decoros e os protocolos militares por conta do parentesco. Estamos falando de uma instituição centenária que preza em comportamentos, cabelo cortado, músicas heroicas e os uniformes eloquentes. A mesma instituição que proíbe shorts dentro dos prédios administrativos, é permissiva em aceitar um acampamento antidemocrático ao entorno dos terrenos do exército. Em notícia investigativa, o Jornal Estadão aponta relatório sobre os responsáveis pelos atos antidemocráticos:

Os relatórios citam políticos, polícias e ex-policiais, servidores públicos, sindicalistas, fazendeiros, empresários do agronegócio e donos de estantes de tiro. Eles não são acusados de crimes, mas poderão ser investigados criminalmente. (MOTTA; MACEDO, 2022).

Escrevo esse texto em 21 de novembro e até o momento ainda há acampamentos antidemocráticos espalhados pelo Brasil, na cidade do Rio de Janeiro o acampamento (imagem 46) está em frente ao Quartel General na Central do Brasil, ocupando um quarteirão inteiro: “O Brasil virou uma Disneylândia do nazismo.”<sup>13</sup> (LACOMBE, 2022).

---

<sup>13</sup> A frase que dá título a esse texto é do professor Michel Gherman. Ele é professor do departamento de sociologia da UFRJ, coordena o laboratório de religião, espiritualidade e política na mesma universidade, é pesquisador do centro de estudos do antissemitismo da Universidade Hebraica de Jerusalém e assessor acadêmico do instituto Brasil-Israel. (LACOMBE, 2022).

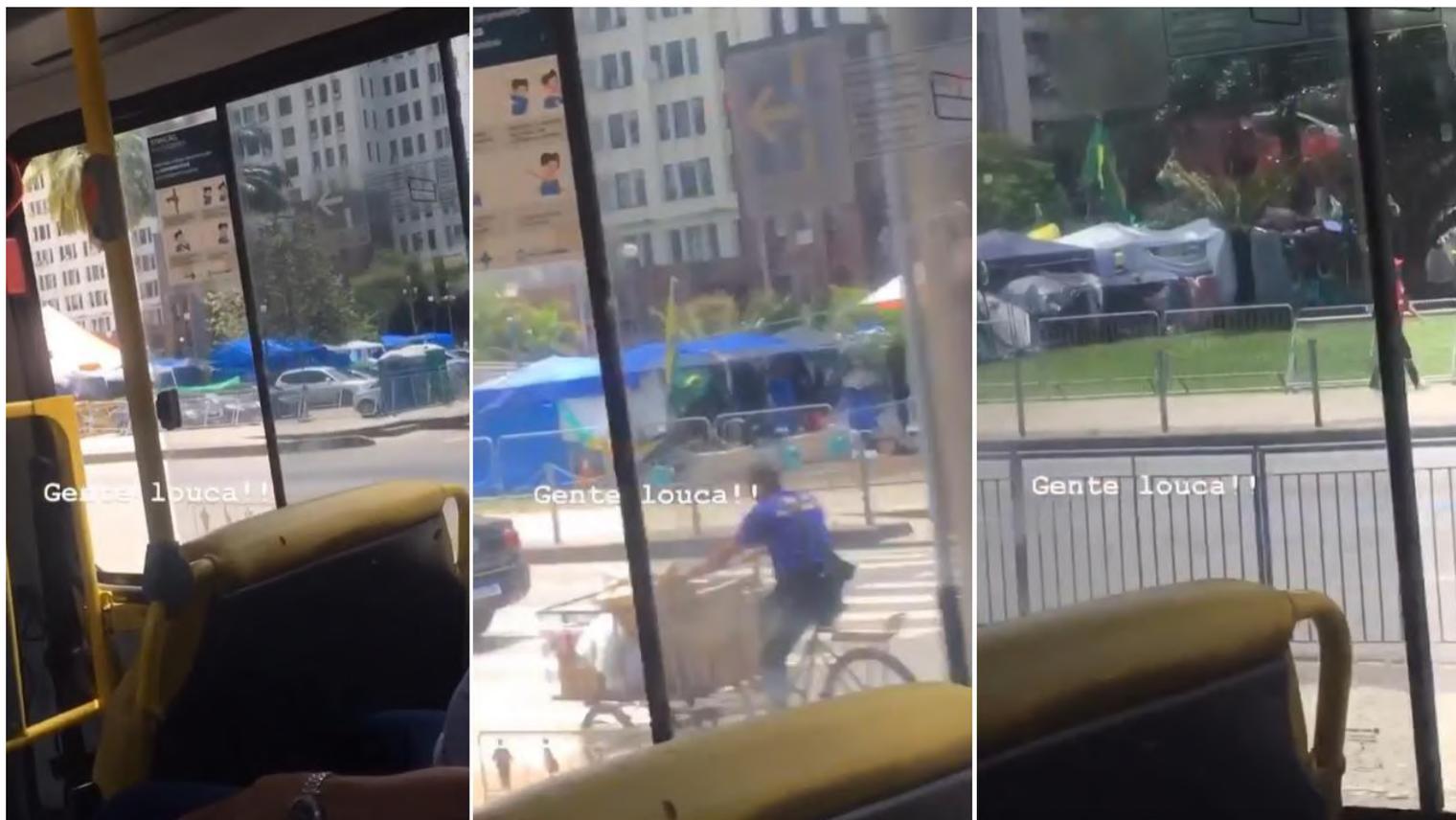


Imagem 46: Registro das redes Sociais da estudante de História da Arte Victoria Felix do acampamento Bolsonarista no Rio de Janeiro em frente ao Quartel General do Exército na Central.

Apesar dos repórteres da Veja estarem apenas em um dos acampamentos bolsonaristas, podemos pensar que seja um mesmo grupo ou uma mesma cultura antidemocrática que circundam essas manifestações. Além das lojinhas, igrejas e churrascos dentro desses acampamentos, o que mais chamou atenção foi a questões da desinformação:

Uma delas, por exemplo, diz respeito ao “L” feito por Lula na campanha. Para alguns, se trata de uma tentativa de o presidente eleito em reproduzir um gesto satanista, levantando o dedo indicador. Como Lula não possui um dedo mínimo da mão esquerda, acaba fazendo apenas o “L” [...] Circula ainda a falsa notícia de que o jingle do PT na campanha presidencial foi “Lula Lá” porque “Lá” é a sexta nota musical e, repetida três vezes, faria menção ao número do demônio. Coisa de louco. (CHAPOLA; BORGES, 2022).

Lembrando que essa relação religiosa entre Bolsonaro e seus eleitores sempre esteve presente em seus discursos e de seus apoiadores, como o próprio presidente

da república comentou na corrida eleitoral de 2018: “Só não vamos fazer pacto com o diabo.”

É possível pensar em uma queda do Nazifascismo Brasileiro, aparentemente não. Uma das imagens que circularam os noticiários foi a saudação a bandeira nacional (imagem 47). Apesar da Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado do Ministério Público de Santa Catarina não ver claramente uma apologia ao nazismo. Em uma matéria para G1, o Embaixador da Alemanha no Brasil diz que uso de gestos nazistas em atos é *chocante* e ataque à *democracia*; “Não se trata de liberdade de expressão, mas de um ataque à democracia e ao Estado de Direito no Brasil.” (G1 DF, 2022). Vale lembrar que o estado de Santa Catarina houve um aumento de casos sobre no neozismo como aponta a notícia da repórter Caroline Borges:

Ao menos quatro casos de apologia ao nazismo em Santa Catarina são apurados pela 40ª Promotoria de Justiça da Capital, criada especialmente para identificar grupos que apoiam o movimento. O mais recente foi a prisão em flagrante de oito homens durante um encontro de uma célula neonazista interestadual. (BORGES, 2022).

A Embaixada de Israel no Brasil também comentou o caso e a classificou a situação como ultrajante:

Rejeitamos qualquer forma de referências nazistas no Brasil e em geral. Estamos preocupados com esse fenômeno aqui e contamos com as autoridades competentes para que tomem as providências necessárias para acabar com esse tipo de atos ultrajantes. (PACHECO, 2022).



Imagem 47: Manifestantes brasileiros após a derrota de Bolsonaro em Santa Catarina (2022).

Uma reportagem da Revista Piauí aponta que casos de antissemitismo crescem no governo Bolsonaro. Quando pensamos em uma queda da extrema direita, é também pensar nas mazelas nacionais que ela a mantém. A eleição de Lula poderia demonstra uma desaceleração na barbárie:

Dois grupos de judeus se dedicaram a estudar o aumento do antissemitismo e do neonazismo ao longo do governo de Jair Bolsonaro. Com metodologias diferentes, os documentos chegam à mesma conclusão: os crimes de ódio cresceram no Brasil, seja contra judeus ou outras minorias. (GHERMAN; EFRAIM, 2022).

As relações entre as aproximações estéticas nazifascistas e a extrema direita brasileira já foi apresentada ao longo desta pesquisa, mas vale ressaltar, que com o finais das eleições, essas imagens e o crescimento de manifestações antidemocráticas é apenas um dos exemplos dessas mazelas nacionais. O professor Michel Gherman diz que “há algum tempo que não precisamos chamar Bolsonaro de

Nazista porque ele mesmo faz isso [...] O nazismo é uma estética e Bolsonaro está nos avisando quem ele é e o que defende.” (LACOMBE, 2022).

Apesar da derrota de Bolsonaro nas eleições, o Bolsonarismo e toda cultura antidemocrática de seus apoiadores ainda estará presente dentro dos setores políticos, nas instituições públicas e privadas e nas cidades. Seu partido foi o que obteve oito Senadores e a legenda possui a maior bancada da casa com 14 parlamentares no total. Dos sete ex-ministros do antigo governo, quatro conseguiram eleger nos cargos: ex-ministra da Agricultura Tereza Cristina (PP), ex-ministras da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves (Republicanos), Rogério Marinho (PL), do Desenvolvimento Regional e Marcos Pontes (PL), da Ciência e Tecnologia. O antigo ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo de Aquino Salles também conseguiu um espaço na política brasileira como Deputado Federal eleito por São Paulo.

A equipe de transição do Governo Lula, aparentemente, apresenta uma reconstrução democrática para pensarmos o recomeço do Brasil. Apenas observando as medidas políticas relacionadas aos Ministérios, o governo criou uma pasta totalmente nova: O Ministério dos Povos Originários. Entre a equipe de transição encontramos: Davi Kopenawa Yanomami, Sônia Guajajara, Tapi Yawalapiti entre outros. No governo anterior, a cultura indígena sempre esteve sobre fortes ameaças.

O Ministério da Cultura irá voltar e como apontado na pesquisa, a pasta também foi perseguida pelos apoiadores do governo. O mundo parece estar reconectando-se com o país e a diplomacia brasileira, historicamente eficiente, voltou a ser comemorada. Após a eleição de Lula, o presidente da Argentina viajou para São Paulo para parabenizá-lo. Vale lembrar que Alberto Fernández nunca teve um encontro com Jair Messias Bolsonaro. Para Fernández:

O Brasil se expressou livre e democraticamente. Democraticamente, elegeram um extraordinário líder latino-americano. Preservar a democracia é a primeira coisa que devemos fazer, e cuidar da vontade popular é fundamental para pensar o progresso da América Latina (PATRIARCA, 2022).

O presidente Lula foi atração internacional na 27ª conferência do clima da Organização das Nações Unidas (COP 27) que aconteceu em Sharm na região de El Sheikh, Egito. O Brasil virou assunto internacional nos mais diversos veículos internacionais como: The Washington Post, El País (Madrid), New York Times, Clarin, Le Monde, The Guardian, BBC, Reuters, para citar apenas alguns exemplos. Para a agência Reuters Lula foi recebido como um astro do Rock (imagem 48):

Foi seu segundo discurso na coletiva de quarta-feira, ambas repletas de admiradores gritando "Lula! Lula!" e sacudindo as paredes do local da conferência com seus aplausos. Lula atravessou a conferência com um pequeno destacamento de segurança estendendo a mão para cumprimentá-lo. (SPRING; JAMES, 2022).



Imagem 48: O presidente eleito do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, assiste à Sharm el-Sheij, Egito. 16 de novembro de 2022. REUTERS/Mohamed Abd El Ghany.

No primeiro evento internacional cujo Lula participa, atraiu todas os holofotes para o Brasil, lembrando que em 2019 Bolsonaro recusou-se realizar a conferência no Brasil, que presidiu a crescente destruição da floresta amazônica e se recusou a realizar a cúpula do clima de 2019 originalmente planejada para o Brasil.

O jornal estatal alemão, Deutsche Welle, aponta que há um crescimento da esquerda na América Latina: “Somente Uruguai, Paraguai, Equador e Guatemala são comandados hoje por líderes de direita na região. Entre os países liderados pela esquerda, vale lembrar que há três governos autoritários ou ditatoriais: Nicarágua, Venezuela e Cuba.” (LUPION, 2022). Eles apresentam também um mapa conceitual (imagem 49) sobre as questões políticas na América Latina e apontam: “Os desafios para os presidentes progressistas na América Latina conseguirem entregar resultados aos seus eleitores e coordenarem iniciativas conjuntamente, porém, são muito diversos dos da virada do século.” (LUPION, 2022).



Imagem 49: Mapa político da América Latina feita pelo jornal estatal alemão, Deutsche Welle (2022).

As eleições de partidos alinhados à esquerda também foram muito acirradas, assim como aconteceu no país:

No Peru, Castillo teve 50,12% dos votos válidos, e na Colômbia, Petro recebeu 51,6% dos votos válidos. Boric teve uma margem um pouco maior no Chile, com 55,87% dos votos válidos, mas sofreu uma derrota significativa

menos de um ano depois no referendo no qual 78,28% da população rejeitou a proposta de nova Constituição. (LUPION, 2022).

Ao imaginarmos e o recomeço do Brasil é também pensar como a imagem do país está sendo vinculada nacionalmente e internacionalmente. Apesar das mazelas nacionais e da extrema direita não acabar no país é necessário pensar na imagem e na reconstituição da diplomacia brasileira. Será necessário portanto um afastamento histórico melhor para podermos analisar qual foi o papel do Brasil na política internacional e quais as medidas foram tomadas para reestruturar o país.

A fotografia (imagem 50) de Ahmad Gharabli do presidente eleito Lula na de um encontro do Fórum Internacional dos Povos Indígenas e do Fórum dos Povos sobre Mudança Climática integrante da COP27, resume o espírito político pós-eleitoral. O presidente comentou: "Quero que os indígenas brasileiros participem da governança do meu país." (AFP, 2022). O primeiro encontro internacional de Lula marca a volta da importância do Brasil e suas relações internacionais. com representantes da sociedade civil brasileira, Lula se reuniu com lideranças indígenas de diversas partes do mundo, o presidente "é inundado por pedidos de indígenas e ONGs de todo o planeta." (AFP, 2022).



Imagem 50: Lula reuniu-se com lideranças indígenas de diversas partes do mundo do Fórum Internacional dos Povos Indígenas e do Fórum dos Povos sobre Mudança Climática (2022). Foto: Ahmad Gharabli da Agence France-Presse (AFP).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Depois de tanta mutreta  
 Depois de tanta cascata  
 Depois de tanta derrota  
 Depois de tanta demência  
 E de uma dor filha da puta, que tal?  
 Puxar um samba  
 Que tal um samba?  
 Um samba  
 Chico Buarque (2022).

Em junho de 2022, Chico Buarque de Holanda lançou um novo *single* anunciando sua nova turnê pelo Brasil, autor de diversas músicas importantes para o país, Chico parece lembrar *Apesar de você* (1970) em um samba contendo em sua letra as adversidades que circundaram o país da extrema direita. A letra propõe “esconjurar a ignorância, que tal?” e “desmantelar a força bruta”. Como recomeçar o Brasil após o governo conflituoso?

Os últimos quatro anos de política dentro Brasil contemporâneo foram de bastante insurreições antidemocráticas. Pesquisar o momento presente demonstrou ser um grande desafio, na medida que vivemos um momento delicado e conturbado dentro do país. Dentro da pesquisa, estamos a todos os momentos, abarrotados de fontes primárias. Desta forma, a perspectiva cultural dentro do governo Bolsonaro na visão de um pesquisador na área da cultura sempre fora importante para análise dos dados.

Foram quatro meses de busca e levantamento incansável das fontes primárias, fazendo o levantamento iconográfico, debatendo as matérias jornalísticas, reescrevendo os textos, fazendo reuniões para poder entender a cultura bolsonarista. Vale lembrar que todo trabalho como pesquisador, mistura as correções de provas, elaboração de aulas e lançamento de diários e entendendo a realidade das dezenas de crianças no pós-pandemia das mais de 16 turmas dos municípios que trabalho.

Diga-se de passagem, saio intoxicado dessa pesquisa. Não digo isso como uma crítica ao trabalho de pesquisador, mas como a temática principal nos deixa cansado. Muitos foram os momentos de respirar fundo, vestir a roupa de

escafandrista e mergulhar dentro dos noticiários. A analogia nos ajuda pensar o momento político onde estamos sufocados pelo o autoritarismo.

Aprofundar os estudos no campo a História da Arte é um privilégio dentro do Brasil, desde os pouquíssimos cursos universitários dentro do campo quanto pelo corpo docente extremamente capacitado da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A sensação dentro da universidade era que eu poderia estudar, refletir e pesquisar sobre todos os conhecimentos do campo da cultura. Além disso tudo, conviver entre docentes e discentes, artistas, críticos de arte, curadores e historiadores que estão atuando dentro e fora da universidade.

Quais são os objetivos do bacharelado para minha formação docente? Quais são os pontos de convergência necessários para levar o conhecimento da academia para o chão da escola? Quais são as contribuições do bacharelado voltado para a pesquisa podem contribuir dentro das prefeituras? Perguntas essas que não há uma resposta definitiva. Como professor, acredito que aprendemos todos os dias.

Com a pesquisa, conseguimos traçar os paralelos e entender o contexto histórico brasileiro e suas aproximações com as políticas de Benito Mussolini (1923 – 1945) e Adolf Hitler (1933 – 1945), catalogar e sistematizar o momento presente. O trabalho, portanto, é um reflexo dos novos tempos e das reações contra as políticas antidemocráticas.

Não posso negar que minha geração é afetada por diversas políticas públicas de educação do Governo Lula: Ciências Sem Fronteiras, Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, Sistema de Seleção Unificada (SISU), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, entre outros. Ingresso no primeiro curso da UFRJ, enquanto a instituição tinha aderido há poucos anos o ENEM. Isso demonstra que estamos formando outros tipos de pesquisadores, em outros campos da cultura e da história da arte.

Há ainda muitos outros pontos que poderíamos levantar com as reflexões dentro da pesquisa acadêmica, mas como pesquisador, também é necessário entendermos que um trabalho possui tempo e resultados. Mesmo assim, fico animado em pensar que ainda há muitas reverberações desse trabalho de pesquisa, desde artigos, levantamentos de acervos e leituras de fontes primárias. E se pensar todos os pontos desta pesquisa, é possível até mesmo imaginar um Tópico Especial dentro da universidade: a arte em tempos autoritários. Há muitos lugares que preciso visitar para continuar os levantamentos deste trabalho acadêmico e assim continuar a

catalogar as relações culturais da sociedade à mercê de governo ultraconservador e suas elucidações ao extremismo.

Acredito que uma boa contribuição da pesquisa é tentar pensar não apenas nas fontes primárias mais tradicionais como os noticiários, mas buscar em redes mais alternativas fontes “não ortodoxias” como as redes sociais. Entender esse o fenômeno do Bolsonarismo sem passar por elas é ignorar circulação das imagens, símbolos patrióticos e da cultura conservadora que elas estão atreladas a esses meios de comunicação. Um dos maiores desafios foi sistematizar o momento presente, pois é muito confuso você pensar logicamente sobre um governo de extrema direita como de Jair Messias Bolsonaro.

Em suma, arte nazifascista e estética reacionária: é sem dúvida uma reflexão sobre o momento presente. Não é apenas uma busca para o entendimento estético-visual do Governo Bolsonaro, mas entender o discurso militarizante e a cultura bélica em um país extremamente reacionário.

Dessa maneira, precisamos sempre estar atentos ao autoritarismo pútrido e repensar as práticas no/do Estado Democrático de Direito. O conservadorismo sempre existirá e há momentos que estará trajado na política e outros que será esquecido dentro do porão do fascismo. Ou será que continuaremos sendo uma população com saudades de seu sequestrador? Como diria Caetano Veloso em *Podres Poderes* (1984): “Será que nunca faremos senão confirmar. A incompetência da América católica. Que sempre precisará de ridículos tiranos.”

## REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA:

- ARGAN, G.C. **Walter Gropius e a Bauhaus**. São Paulo, José Olympio, 2005.
- BEHR, Shulamith. **Expressionismo**. São Paulo, Cosac & Naify, 2000.
- BIGNOTTO, Newton. Bolsonaro e o bolsonarismo entre o populismo e o fascismo in STALING, Heloisa Murgel; LAGO, Miguel; BIGNOTTO, Newton. **Linguagem da destuição a democracia brasileira em crise**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.
- BRANDT, C. A.; LEITE, C. D. P. **Linguagem nazista: a manipulação à serviço da dominação**. In: II Congresso De Educação De Jovens E Adultos VII Seminário Linguagem, Políticas De Subjetivação E Educação II Seminário Imago, 2012, Rio Claro. II Congresso de Educação de Jovens E Adultos VIII Seminário Linguagem, Políticas de Subjetivação e Educação II Seminário Imago. Rio Claro: Unesp/ Instituto de Biociências, 2012. v. 1. p. 1-343.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CHIPP, H.B. **Teorias da Arte Moderna**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro, Editora Record LTDA, 2019.
- GROSSHANS, Henry. **Hitler and the artists**. New York : Holmes & Meier, 1983. Disponível em: <https://archive.org/details/hitlerartists0000gros/mode/1up?view=theater> Acesso: 23 de nov. 2022.
- HITLER, Josef. **Mein Kampf**, 1925.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o Breve Século XX. (1914-1991)**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- HUMPHREYS, Richard. **Futurismo**. São Paulo, Cosac & Naify, 2001.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro, Zahar, 2018.
- LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels: Uma biografia**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2010.
- LYNTON, Norbert. **Expressionismo** in: STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna**. 2. ed. - Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

LYNTON, Norbert. **Futurismo** in: STANGOS, Nikos. Conceitos da arte moderna. 2. ed. - Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

MARINETTI, Filippo Tommaso. **Fundação e manifesto do futurismo (1908)** in: CHIPP, H.B. Teorias da Arte Moderna. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

NICHOLAS, Lynn H. **Europa saqueada: o destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em 20 de outubro de 2022.

SCHWARCS, Lilia. **Introdução à edição brasileira**. In PEVSNER, Nikolaus. Academias de Arte: passado e presente. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

SCIARRETTA, Massimo. **Os projetos alternativos às democracias liberais: fascismo e comunismo** In: SCIARRETTA, Massimo; ROMANI, Carlo. História contemporânea I. v. 2. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011.

SPEER, Albert. **Por dentro do III Reich**. São Paulo, Círculo do livro, 1975.

STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna**. 2. ed. - Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos anéis: Volume único**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

## DOCUMENTÁRIO E LIVES NO YOUTUBE

CORREIA, Patrícia. Pátria, nostalgia e as anti-bandeiras de Antonio Dias e Raul Mourão. **YouTube**, 27 de novembro de 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=13R2Kea0I\\_s&t=4360s](https://www.youtube.com/watch?v=13R2Kea0I_s&t=4360s). Acesso em: 26 out. 2022.

DW BRASIL. Por que Hitler idolatrava Wagner?. **YouTube**, 19 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2X8f-TFN76E>. Acesso em: 08 out. 2022.

JORNAL O GLOBO. Referência ao nazista Goebbels derruba secretário da Cultura de Bolsonaro. **YouTube**, 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=61-99HUGbAs>. Acesso em: 08 out. 2022.

BBC News Brasil. Ascensão dos Nazistas: a estratégia que levou Hitler ao poder (PARTE 1). **YouTube**, 11 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MMk7six-DLc>. Acesso em: 08 out. 2022.

BBC News Brasil. Ascensão dos Nazistas: a estratégia que levou Hitler ao poder (PARTE 2). **YouTube**, 11 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7vcDxWPOUVU>. Acesso em: 08 out. 2022.

BBC News Brasil. Ascensão dos Nazistas: a estratégia que levou Hitler ao poder (PARTE 3). **YouTube**, 11 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5pac0EWyXhw>. Acesso em: 08 out. 2022.

## VÍDEOS DO INSTAGRAM E TIKTOK

FIGUEREDO, Verena. Estética camiseta futebol Brasil e cores são tendência ou uma interpretação enviesada pessoal? **Instagram**, 14 de agosto de 2022. <https://www.instagram.com/reel/ChPwaEkj--p/> Acesso em: 26 out. 2022.

YNAYA, Suyane. Quem são as grandes referências da despolitização e resignificação, da camisa do Brasil para a mídia? **Instagram**, 11 de agosto de 2022. [https://www.instagram.com/p/ChIz8wQFqCp/?utm\\_source=ig\\_embed&utm\\_campaign=embed\\_video\\_watch\\_again](https://www.instagram.com/p/ChIz8wQFqCp/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=embed_video_watch_again). Acesso em: 26 out. 2022.

HÖNEL, Amanda. Semana passada fomos impactados por diversos vídeos sobre a tal da Brazil Core, mas a pergunta é: por que só damos voz quando vem de fora? **Instagram**, 14 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/ChTMjB7Abl2/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 26 out. 2022.

## MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

AFP. Na COP27, Lula é inundado por pedidos de indígenas e ONGs de todo o planeta. **AFP**, 17 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/politica/na-cop27-lula-e-inundado-por-pedidos-de-indigenas-e-ongs-de-todo-o/247345/> Acesso em: 21 nov. 2022.

ALVES, Renato. Tabata repreendeu Monark, enquanto Kim defendeu descriminalização do nazismo. **O Tempo**, 8 de fevereiro de 2022. Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/politica/tabata-repreendeu-monark-enquanto-kim-defendeu-descriminalizacao-do-nazismo-1.2609348> Acesso em 23 de nov. 2022.

AMADO, Guilherme. Bolsonaro recebe quadro de artista que acusa STF de golpe. **O Globo**, 19 de outubro de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/bolsonaro-recebe-quadro-de-artista-que-acusa-stf-de-golpe-24700985>. Acesso em: 06 nov. 2022.

BARBIÉRI, Luiz Felipe. Bolsonaro exonera secretário da Cultura, que fez discurso com frases semelhantes às de ministro de Hitler. **G1**. Brasília, 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/bolsonaro-exonera-secretario-da-cultura-que-fez-discurso-com-frases-semelhantes-as-de-ministro-de-hitler.ghtml>. Acesso em: 08 out. 2022.

BLOIS, Caio. 'Deus me protege': bairro do RJ onde Bolsonaro teve mais voto ignora corona. **UOL**, 1 de abril de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/01/deus-me-protege-bairro-do-rj-onde-bolsonaro-teve-mais-voto-ignora-corona.html>. Disponível em: 21 out. 2022.

BORGES, Caroline. Com aumento de casos neonazistas, SC cria promotoria para identificar grupos interestaduais. **G1**, 17 de novembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/11/17/promotoria-que-investiga-neonazistas-presos-em-sc-foi-criada-ha-1-mes-e-ja-apura-4-casos-de-apologia.ghtml> Acesso em: 21 nov. 2022.

BRAU, Julia. 'Resgatar o orgulho de ser brasileiro': o movimento para ressignificar o verde e amarelo antes da eleição e da Copa. **BBC News Brasil**, 29 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63069515> Acesso em: 26 out. 2022.

CARNEIRO, Mariana; URIBE, Gustavo. Obras sacras serão retiradas do Palácio da Alvorada, onde Bolsonaro irá morar. **Folha de São Paulo**, 17 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/obras-sacras-serao-retiradas-do-palacio-da-alvorada-onde-bolsonaro-ira-morar.shtml>. Acesso em: 21 out. 2022.

CARTA CAPITAL. Dilma Rousseff se refere a Bolsonaro como 'o ovo da serpente' chocado durante o impeachment. **Carta Capital**, 23 de abril 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/dilma-rousseff-se->

refere-a-bolsonaro-como-o-ovo-da-serpente-chocado-durante-o-impeachment/. Acesso em: 08 out. 2022.

CHAPOLA, Ricardo; BORGES, Laryssa. Fake news, oração e comida de graça: um dia no acampamento golpista. **VEJA**, 12 de novembro de 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/fake-news-oracao-e-comida-de-graca-um-dia-no-acampamento-golpista/> Acesso em: 21 nov. 2022.

EDUARDO, Carlos; RODRIGUES, Dandara; BRIT, Maria Luísa. A arte transformadora de fotografar a Rocinha. **Veja Rio**, 29 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/projeto-fotografia-salem-rocinha/>. Acesso em: 26 out. 2022.

EXÉRXITO BRASILEIRO. Patronos. **Exército Brasileiro**. Disponível em: [http://www.eb.mil.br/patronos/-/asset\\_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/olavo-bilac-servico-milit-1/](http://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/olavo-bilac-servico-milit-1/). Acesso em: 19 out. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Do 'white power' ao copo de leite, entenda símbolos ligados à extrema direita. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 25 de março de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/do-white-power-ao-copo-de-leite-entenda-simbolos-ligados-a-extrema-direita.shtml> acesso em: 08 out. 2022.

G1 DF. Embaixador da Alemanha no Brasil diz que uso de gestos nazistas em atos é 'chocante' e 'ataque à democracia'. **G1 DF**, 03 de novembro de 2022 <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/11/03/embaixador-da-alemanha-no-brasil-diz-que-uso-de-gestos-nazistas-em-atos-e-chocante-e-ataque-a-democracia.ghtml> Acesso em: 21 nov. 2022.

G1. Bolsonaristas radicais fazem manifestação com intenções golpistas no feriado de 15 de novembro. **G1**, 15 novembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/11/15/bolsonaristas-radicaais-fazem-manifestacao-com-intencoes-golpistas-no-feriado-de-15-de-novembro.ghtml> Acesso em: 21 nov. 2022.

G1. Veja e leia a íntegra do primeiro discurso de Bolsonaro após derrota no segundo turno. **G1**, 01 novembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/11/01/veja-e-leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-dois-dias-apos-derrota-em-segundo-turno.ghtml> Acesso em: 21 nov. 2022.

GABEIRA, Fernando. O ovo da serpente. **Veja**, 30 de julho de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/o-ovo-da-serpente/> Acesso em: 08 out. 2022.

GALHARDO, Ricardo. Bolsonaro diz que não aguenta lockdown e elogia quem desrespeita o isolamento. **O Estado de São Paulo**, 28 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-brasil-nao-aguenta-lockdown-e-elogia-quem-desrespeita-isolamento,70003565016>. Acesso em: 06 nov. 2022.

GHERMAN, Michel Gherman. EFRAIM, Anita. Casos de antissemitismo crescem no governo Bolsonaro. **Revista Piauí**, 05 de outubro de 2022. <https://piaui.folha.uol.com.br/casos-de-antissemitismo-crescem-no-governo-bolsonaro/> Acesso em: 21 nov. 2022.

GHERMAN, Michel. EFRAIM, Anita. Casos de antissemitismo crescem no Governo Bolsonaro. **Revista Piauí**, 05 de outubro de 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/casos-de-antissemitismo-crescem-no-governo-bolsonaro/> Acesso em: 25 nov. 2022.

GOMES, Marilise. Brazilcore: cores e a bandeira do Brasil reaparecem em looks e acendem polêmica na moda. **Entenda! Pure People**, 17 de agosto de 2022. Disponível em: [https://www.purepeople.com.br/noticia/brazilcore-levanta-polemica-na-moda-por-cores-da-bandeira-em-ano-de-copa-do-mundo\\_a357484/1](https://www.purepeople.com.br/noticia/brazilcore-levanta-polemica-na-moda-por-cores-da-bandeira-em-ano-de-copa-do-mundo_a357484/1). Acesso em: 26 out. 2022.

HAMA, Lia. Muito além do hype: Sucesso no mundo, OSGEMEOS discutem o papel do artista brasileiro em tempos de descaso governamental. **EOA UOL**, 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/osgemeos-discutem-papel-do-artista-brasileiro-em-tempos-de-descaso-governamental/>. Acesso em: 26 out. 2022.

HERCOG, Alex Pegna. Primeiro ano de governo Bolsonaro é marcado por ataques à cultura. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/primeiro-ano-de-governo-bolsonaro-e-marcado-por-ataques-a-cultura/> Acesso em: 30 nov. 2022.

HOLANDA, Marianna; COLLETA, Ricardo Della. Planalto instala painel de apoiador de Bolsonaro com lema da campanha de 2018. **Folha de São Paulo**, 18 de janeiro de 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/11/planalto-instala-painel-de-apoiador-de-bolsonaro-com-lema-de-2018.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2022.

HOLANDA, Marianna; VAGAS, Mateus. Bolsonaro já ganhou 7,5 mil presentes, incluindo livro de Suplicy e 83 Bíblias. **Folha de São Paulo**, 08 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/01/bolsonaro-ja-ganhou-75-mil-presentes-incluindo-livro-de-suplicy-e-83-biblias.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2022.

JARDIM, Lauro. Uma 'obra de arte' intrusa no gabinete presidencial. **O Globo**, 03 de julho de 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/uma-obra-de-arte-intrusa-no-gabinete-presidencial.html>. Acesso em: 06 nov. 2022.

KER, João. Goebbels e Wagner: entenda quem foram as referências no vídeo de Roberto Alvim. **Estadão**. São Paulo, 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,goebbels-e-wagner-entenda-quem-foram-as-referencias-no-video-de-roberto-alvim,70003162946>. Acesso em: 08 out. 2022.

LACOMBE, Milly. “O Brasil virou uma Disneylândia do nazismo”. **UOL**, 12 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2022/11/12/o-brasil-virou-uma-disneylandia-do-nazismo.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 21 nov. 2022.

LIMDNER, Julia. Bolsonaro aprova dois projetos em 26 anos de Congresso. **O Estado de São Paulo**, 23 de Julho 2017. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-aprova-dois-projetos-em-26-anos-de-congresso,70001900653>. Acesso em: 23 out. 2022.

LINDNER, Julia. Bolsonaro aprova dois projetos em 26 anos de Congresso. **O Estado de São Paulo**, 23 de julho de 2017. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-aprova-dois-projetos-em-26-anos-de-congresso,70001900653> Acesso em: 25 nov. 2022.

LINHAL, Gabriela; LIMA, Luciana. Artesão faz logo do Aliança pelo Brasil com projéteis de balas. **Metrópoles**. 21 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/chapelaria/artesao-faz-logo-do-alianca-pelo-brasil-com-projeteis-de-balas> Acesso em: 06 nov. 2022.

LINHARES, Edson. Bolsonaro é recordista de denúncias no Conselho de Ética da Câmara. **Congresso em Foco (UOL)**, 05 de agosto de 2017. Disponível em:

<https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/pre-candidato-a-presidencia-bolsonaro-e-recordista-de-denuncias-na-camara/> Acesso em: 06 nov. 2022.

LORRAN, Tácio. Quem é Rodrigo Camacho, artesão de projéteis que ganhou Bolsonaro. **Metrópoles**, 22 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/artesao-que-fez-obras-para-bolsonaro-jamais-faria-para-lula> Acesso em: 06 nov. 2022.

LUPION, Bruno. Onde a esquerda está no poder na América Latina. **DW**, 31 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/onde-a-esquerda-está-no-poder-na-américa-latina/a-63599544> Acesso em: 21 nov. 2022.

MACIEL, Nahima. Obras de arte dos palácios do Planalto e do Alvorada são preciosas. **Correio Brasileiro**, 14 de janeiro de 2017. Disponível em: [https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/01/14/interna\\_diversao\\_arte,565059/os-palacios-do-planalto-e-do-alvorada-abrigam-obras-importantes.shtml](https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/01/14/interna_diversao_arte,565059/os-palacios-do-planalto-e-do-alvorada-abrigam-obras-importantes.shtml). Acesso em: 26 out. 2022.

MAGENTA, Matheus. O que significa Fascismo? **BBC News Brasil**, 23 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62520995> Acesso em: 23 de nov. 2022.

MARQUE, Flávia Marques. Brazilcore: entenda a tendência que viralizou nas redes sociais. **O Povo**, 20 de agosto de 2022. Disponível em: [://www.opovo.com.br/vidaarte/2022/08/20/brazilcore-entenda-a-tendencia-que-viralizou-nas-redes-sociais.html](https://www.opovo.com.br/vidaarte/2022/08/20/brazilcore-entenda-a-tendencia-que-viralizou-nas-redes-sociais.html). Acesso em 22 out. 2022.

MEGALE, Bela. Governo desmonta biblioteca do Palácio do Planalto para abrigar Michelle Bolsonaro. **O Globo**, 14 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/bela-megale/post/governo-desmonta-biblioteca-do-palacio-do-planalto-para-abrigar-michelle-bolsonaro.html>. Acesso em: 23 out. 2022.

MOTTA, Rayssa; MACEDO, Fausto. Atos pró-Bolsonaro são liderados por políticos, policiais, sindicalistas e ruralistas, mostram investigações; veja os envolvidos. **Estadão**, 16 de novembro de 2022. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/veja-liderancas-atos-pro-bolsonaro/> Acesso em: 21 nov. 2022.

NETO, Vital; BRITO, José. Motociata com Bolsonaro nesta sexta deve custar ao menos R\$ 1 milhão aos cofres públicos. **CNN Brasil**, São Paulo, 14 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/motociata-com-bolsonaro->

amanha-deve-custar-pelo-menos-r-1-milhao-aos-cofres-publicos/ Acesso em: 08 out. 2022.

OLIVEIRA, Cristyele. Brazilcore: saiba mais sobre a tendência que viralizou. **Área de Mulher do Portal R7**, 2022. Disponível em: <https://areademulher.r7.com/moda/brazilcore-tendencia/> Acesso em: 26 out. 2022.

OLIVEIRA, Helena. Umberto Eco lista 14 características comuns do fascismo. **Revista Bula**, 14 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.revistabula.com/17846-umberto-eco-lista-as-caracteristicas-comuns-do-fascismo/> Acesso em: 23 de nov. 2022.

OLIVEIRA, Joana. Cinemateca Brasileira agoniza e se torna símbolo da falta de política cultural do Governo Bolsonaro. **Estadão**, 29 de Julho 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-07-29/cinemateca-brasileira-agoniza-e-se-torna-simbolo-da-falta-de-politica-cultural-do-governo-bolsonaro.html>. Acesso em: 23 out. 2022.

PACHECO, John. Embaixada de Israel no Brasil repudia uso de gestos nazistas em atos em SC: 'preocupados com esse fenômeno'. **G1 Santa Catarina**, 03 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/11/03/embaixada-de-israel-no-brasil-repudia-uso-de-gestos-nazistas-em-atos-em-sc-preocupados-com-esse-phenomeno.ghtml> Acesso em: 22 nov. 2022.

PALÁCIO, Fábio. Estética fascista une fantasias de Bolsonaro e Mussolini com motos. **Folha de São Paulo**, 28 de maio de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/05/estetica-fascista-une-fantasias-de-bolsonaro-e-mussolini-com-motos.shtml> Acesso em: 08 out. 2022.

PARASSOLO, João; MOURA, Eduardo. Entenda como todas as decisões da Lei Rouanet hoje estão nas mãos de um ex-PM. **Folha de São Paulo**, 29 de abril de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/04/entenda-como-todas-as-decisoes-da-lei-rouanet-hoje-estao-nas-maos-de-um-ex-pm.shtml>. Acesso em: 23 out. 2022.

PARREIRAS, Mateus. Michelle Bolsonaro: Planalto foi consagrado a demônios e hoje, a Jesus. **Correio de Minas**, 07 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2022/08/5027523-michelle-bolsonaro-planalto-foi-consagrado-a-demonios-e-hoje-a-jesus.html>. Acesso em: 21 out. 2022.

PASSARELLI, Vinicius. Para analistas, episódio de Alvim enfraquece base importantes do governo. **Estadão**, São Paulo, 18 de janeiro, 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,para-analistas-episodio-de-alvim-enfraquece-base-importante-do-governo-bolsonaro,70003163722> Acesso em: 08 out. 2022.

PATRIARCA, Paola. 'Brasil se expressou livre e democraticamente', diz Fernández, presidente da Argentina, após reunião com Lula em SP. **G1 São Paulo**, 31 de outubro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/10/31/lula-se-encontra-com-presidente-da-argentina-alberto-fernandez-em-hotel-de-sao-paulo.ghtml> Acesso em: 21 nov. 2022.

PODER 360. Compare fotos das 4 “motociatas” de Bolsonaro pelo país. **Poder 360**. 26 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/compare-fotos-das-4-motociatas-de-bolsonaro-pelo-pais/> Acesso em: 08 out. 2022.

RICHTHOFEN, Luisa von. O difícil retorno da arte roubada pelos nazistas. **Deutsche Welle (DW)**, 04 de dezembro de 2018. Disponível em: [https://www.dw.com/pt-br/o-difícil-retorno-da-arte-roubada-pelos-nazistas/a-46565519](https://www.dw.com/pt-br/o-dif%C3%ADcil-retorno-da-arte-roubada-pelos-nazistas/a-46565519) Acesso em: 23 de nov. 2022.

SARDINHA, Juliana. A bela da fera, conheça a mulher de Jair Bolsonaro. **Folha de São Paulo**, 11 de abril de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/a-bela-da-fera-conheca-a-mulher-de-jair-bolsonaro.shtml> Acesso em: 06 nov. 2022.

SIMANTOB, Fábio Tofic. O ovo da serpente: Começaram com Moro e seus discípulos os ataques ao STF que hoje ameaçam a democracia. **Revista Piauí**, edição 166, julho 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-ovo-da-serpente-sergio-moro-stf/> Acesso em: 23 de nov. 2022.

SPRING, Jake; JAMES, William. COP27: Greeted like a rock star, Brazil's Lula promises to protect Amazon. **Reuters**, 16 de novembro de 2022. Disponível em: [https://www.reuters.com/business/cop/brazils-lula-put-climate-center-first-post-election-speech-abroad-2022-11-16/?taid=6375472061b9590001715fd8&utm\\_campaign=trueAnthem:+Trending+Content&utm\\_medium=trueAnthem&utm\\_source=twitter](https://www.reuters.com/business/cop/brazils-lula-put-climate-center-first-post-election-speech-abroad-2022-11-16/?taid=6375472061b9590001715fd8&utm_campaign=trueAnthem:+Trending+Content&utm_medium=trueAnthem&utm_source=twitter) Acesso em: 21 nov. 2022.

TOKARNIA, Mariana. Exposição OSGEMEOS: Nossos Segredos estreia no Rio de Janeiro. **Agência Brasil**, 12 de outubro de 2022. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-10/exposicao-osgêmeos-nossos-segredos-estreia-no-rio-de-janeiro#:~:text=A%20exposição%20pode%20ser%20visitada,domingos%2C%20das%209h%20às%2020h>. Acesso em: 26 out. 2022.

TORRES, Fernanda. 'O Ovo da Serpente' dá voz aos agentes de Bolsonaro e do bolsonarismo. **Folha de São Paulo**, 17 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/fernandatorres/2022/08/o-ovo-da-serpente-da-voz-aos-agentes-de-bolsonaro-e-do-bolsonarismo.shtml> Acesso em: 23 de nov. 2022.

TRE. Eleitores voltam às urnas em 30 de outubro para eleger presidente e 12 governadores. **TRE**, 03 outubro de 2022. Disponível em <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/eleitores-voltam-as-urnas-em-30-de-outubro-para-eleger-presidente-e-12-governadores> Acesso em: 21 nov. 2022.

TRE. Lula é eleito novamente presidente da República do Brasil. **TRE**, 21 novembro de 2022. 30 de outubro de 2022 Disponível em <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil> Acesso em: 21 nov. 2022.

TV GLOBO. Biblioteca da Presidência passa por obra para abrigar equipe da primeira-dama e perde espaço. **TV Globo**, 15 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/15/biblioteca-da-republica-passa-por-obra-e-perde-espaco-para-abrigar-equipe-da-primeira-dama.ghtml> Acesso em: 23 out. 2022.

UOL. Bolsonaro é o presidente que menos aprova projetos no congresso aponta estudo. **UOL**, 06 de Dezembro 2021. Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/44695\\_bolsonaro-e-o-presidente-que-menos-aprova-projetos-no-congresso-aponta-estudo.html/](https://cultura.uol.com.br/noticias/44695_bolsonaro-e-o-presidente-que-menos-aprova-projetos-no-congresso-aponta-estudo.html/). Acesso em: 19 out. 2022.

VALENTE, Rubens. O exílio dos orixás. **Revista Piauí**, 23 de agosto de 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-exilio-dos-orixas/>. Acesso em: 21 out. 2022.

VALENTE, Rubens. Planalto colocou a réplica de outro quadro no lugar de "Orixás", de Djanira... **UOL**, 31 de agosto de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/08/31/palacio-do-planalto-obras-de-arte-transferencia-orixas.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 23 out. 2022.